

*Lua de Londres*; e aquella descripção dos encantos d'uma noite de luar, no prologo do *Parocho d'aldéa*, d'essa obra, que enlaça mais uma flôr á triplice corôa de philosopho, historiador e poeta, que cinge a fronte de A. Herculano; por fim lembraram-me as endeixas de Lamartine, do poeta do coração e das lagrimas! E na *Lua de Londres*, e no prologo do *Parocho d'aldéa*, e nos versos de Lamartine sentia explicado o que eu sentia! Eram sandades da patria, era a vaga melancholia d'uma noite de luar, e a saudade das que se tinham finado! Tal é a poesia!

F. BEIRÃO

### Registo d'um edital, de que o seu theor é o seguinte

Quarto estratagem, o haverem<sup>1</sup> nestes ultimos tempos, divulgado os mesmos denominados jesuitas, ao fim de persuadirem antigas aquellas suas inventadas prophcias, que d'ellas havia já tractado o *Diccionario historico de Moreri*; sendo isto tão notoriamente doloso, que ainda na impressão, que se fez do dicto Moreri, no anno de 1717, se não achava o nome de Bandarra; e que este sómente fôra pela primeira vez intruso na edição do mesmo Moreri, feita em Leão de França no anno de 1753, em lingua hespanhola; e repetida na que depois se estampou em Pariz no anno de 1759, no idioma francez:

Representando-me os sobredictos declarantes, que por haver chegado 'nestas circumstancias ao seu conhecimento, um caderno estampado em Lisboa no anno de 1757, na officina de Francisco Luiz Ameno, com todas as costumadas licenças, debaixo do titulo<sup>2</sup> *Ecco das vozes saudosas, formado em uma carta apologetica*, etc., no qual debaixo d'um prologo, o mais capcioso e iniquo, se contem a sobredicta carta de 30 d'abril de 1686:

E por haverem, elles declarantes, conhecido, que fôra estampada com tanta obrepção e subrepção das licenças, com que

se imprimiu, e com tão reprehensivel conivencia dos censores informantes, que estes vieram a facultar as temerarias liberdades de se insultarem sem a dolosa<sup>1</sup> falsidade das referidas invectivas; o tribunal da fé, que foi sempre, e é da immediata protecção regia; a auctoridade da cousa julgada pela sua competente, e privativa sentença proferida sobre factos physicamente manifestos, e sobre as proprias confissões do referido réo, na sua presença publicadas; declaravam tudo o referido, para que se dessem as providencias que parecessem justas.

E tendo-se verificado 'nesta real mesa censoria, pela evidencia dos factos o contendo nas sobredictas informações, com a conferencia, e exame do caderno, e livros, que fez o objecto d'ellas, e com as mais diligencias necessarias: Declararam<sup>2</sup> a dicta *Carta apologetica* estampada em Lisboa no anno de 1757, por Francisco Luiz Ameno, debaixo do titulo de *Ecco das vozes<sup>3</sup> saudosas*, e a *Vida do çapateiro santo Simão Gomes*, que depois de obter as licenças, nos principios d'agosto do anno proximo seguinte de 1758, saiu á luz do mundo no de 1759, da officina de José Philippe; por falsas, temerarias, sediciosas e infames: Mandam, que como taes, sejam queimadas pela mão do executor da alta justiça: Ordenam, que nenhuma pessoa, de qualquer estado ou condição que seja, possa reter, ou occultar as referidas *Carta apologetica*, e *Vida do çapateiro santo*; antes pelo contrario, todos aquelles, ou aquelle em cujas mãos pararem, ou a cujo poder ou noticia vierem os exemplares das sobredictas *Carta* e *Vida*, sejam obrigados a apresental-os, e delatal-os na secretaria d'este tribunal, no preciso termo de dois mezes continuos e successivos, e contados do dia da publicação, e affixação do presente edital, debaixo das penas estabelecidas contra os perturbadores do público socego, e contra os que attentam contra a jurisdicção, e respeito dos tribunales supremos d'estes reinos:

<sup>1</sup> O de haverem — diz o citado opusculo.

<sup>2</sup> Titulo de *Ecco* etc.

<sup>1</sup> Com a dolosa falsidade.

<sup>2</sup> Declaram.

<sup>3</sup> Ecco das vozes saudosas, etc.

Mandam outrosim, que todos os exemplares dos sobredictos livros *Balatus ovium*, e *Vox turturis*, sejam nos referidos termos, e debaixo das mesmas penas, entregues na secretaria d'este tribunal para 'nelle ficarem supprimidos: Observando-se no mais inviolavel segredo os nomes das pessoas, que denunciarem os transgressores d'este edital, de pois de terem expirado os termos 'neste<sup>1</sup> estabelecidos: E ficando sempre salvos os procedimentos, que por outras quaesquer vias competirem contra os maquinadores, fautores e passadores das referidas *Carta apologetica*, e ultima impressão da *Vida do çapateiro santo*, pelo que pertence ás culpas preteritas em que os dictos publicadores e fautores se acharem incursos. El-rei nosso Senhor o mandou pelo seu tribunal—a real mesa censoria. Dado 'nesta cidade de Lisboa aos 10 do mez de junho do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1768. E eu José Bernardo da Gama e Athaide, secretario do mesmo tribunal o fiz escrever, e subscrevi. Arcebispo Regedor, P.

Executou-se a pena de fôgo, a que foram condemnados os livros *Carta Apologetica*, e *Vida do çapateiro santo Simão Gomes*, na Praça do Commercio no dia de terça-feira 14 de junho, sendo presente á execução o bacharel João José de Lima Vianna, corregedor do bairro da rua nova. E em fé de verdade passei esta, que comigo assignou o dicto ministro. Lisboa 14 de junho de 1768. João José de Lima Vianna—Joaquim José d'Avellar.

E não se continha mais em o dicto edital, com o theor do qual, mandei passar o presente, que sendo-lhe apresentado, indo por mim assignado e sellado, com o sêllo d'esta correição, o fará publicar pelos logares de seu concelho, e fixar na parte mais pública d'elle, para que venha á noticia de todos, e se não possa allegar ignorancia; e por nova ordem, que tive do mesmo Senhor, em que ordena, me sejam entregues os livros e papeis comprehendi-

<sup>1</sup> Nelle.

dos no sobredito edital, e lh'os faça remetter, findo o termo, que 'nelle se prescreve, á secretaria da real mesa censoria, com toda a segurança e cautella; e ao caminheiro, que este lhe apresentar, lhe fará pagar pelos bens do seu concelho de seu caminho, sómente não sendo detido; e se lhe dará recibo de sua entrega e lhe fará pagar o feitio, assignatura e sêllo abaixo declarado, o que cumprirá. Dado em Coimbra ao 1.º de Julho de 1768: De feitio d'este 240 rs.; e de assignar 60 rs.; e do sello 30. E eu Bernardo Francisco dos Santos, escrivão proprietario d'este juizo da correição, que o subscrevi, e declaro, que todos os papeis e livros comprehendidos 'neste edital hão de ser entregues 'neste juizo da correição em observancia da ordem supra referida, posterior ao mesmo edital. Sobredito escrivão o escrevi. No impedimento, Bento Lobo d'Abranches.—Logar do sêllo—Ao sêllo 30 réis—José Antonio d'Oliveira. Se cumpra e registre.—Camara, 13 de julho de 1768.—Abranches—Moraes—dr. Araújo—Juzarte—Alves, procurador geral.

E não se continha mais no dicto edital, que aqui fiz trasladar bem e fielmente do proprio, a que me reporto, o qual veiu remettido a esta camara do juizo da correição, por mão do escrivão Bernardo Francisco dos Sanctos, em fé do que fiz este registo, que subscrevi e assignei em esta cidade de Coimbra aos 15 dias do mez de julho de 1778 annos. E eu<sup>1</sup>

### Maximas e pensamentos

Olhai para vós, antes que critiqueis os outros, se não quereis tornar-vos ridiculo.  
N. T.

O amor é como o sol: este fecunda a terra; aquelle a mulher.  
T.

Não convém á belleza, ociosa vida.  
A. F. DE CASTILHO

Não deixa nunca os seus o céu piedoso.  
DURÃO

<sup>1</sup> Falta o fecho e assignatura do Escrivão da Camara.

## OS DOIS INVERNOS

A V. da Silveira

..... A leve aragem lhe ondeava  
As raras cans na fronte, onde se lia  
A bella historia de passados annos.

A. HERCULANO

Era inverno: as verdes galas  
Ao soprar dos frios ventos  
A natureza despia.  
A terra, que matizára,  
Qual tapete, a primavera,  
Murcha folhagem cobria.

O regato, outr'ora humilde,  
Que, banhando a relva e flôres,  
Deslisava mansamente,  
— Enfurecido corria,  
Trasbordando pelos campos...  
¡Era soberba corrente!

.....  
Ancião, que prateados  
Os raros cabellos tinha,  
¡ Bem negros na mocidade!  
Meditava, olhando o rio,  
Sobre um tronco, que por terra  
Derribára a tempestade.

Rapido o rio levava  
As folhas murchas, que o vento  
Dos arbustos desprendia.  
— Uma lagrima do velho  
Ía após de cada folha,  
Que na corrente fugia...

— ¡ Que melancolica scena,  
Elle grita suspirando,  
Apresentas, natureza!  
Os troncos estão despídos,  
As campinas sem verdores...  
¡ Oh! que lugubre tristeza!...

As aves, silenciosas,  
Não cantam de ramo em ramo,  
¡ Mudas parecem chorar!...  
¡ Nem o sol sorri á terra,  
Por detraz de negras nuvens  
Parece luto trajar!

Da minha arida existencia  
Eu em ti, ó rude inverno,  
Vejo a imagem rigorosa:  
¡ Brillam neves nas montanhas!  
¡ Brillam gelos da velhice  
Na minha fronte rugosa!..

Vem aquilão furibundo,  
Dispersa folhagens, flôres;  
¡ Pela amplidão as sumiu!..  
Illusões, sonhos da vida,  
Esp'ranças da mocidade,  
¿ Onde estais?.. ¡ Tudo fugiu!

¡ Tudo fugiu!.. ¡ só me restam  
Cabellos brancos e rugas,  
— Dos annos tristes ruinas!..  
¡ A propria belleza — o tempo  
Me levou, ¡ qual tempestade,  
Que rouba ao campo as boninas!

Meus olhos, que revelavam,  
Cheios de vida e de fogo,  
As mais profundas paixões,  
¿ Onde esconderam seu brilho?..  
São dois astros já extinctos,  
¡ São apagados vulcões!..

Dos meus antigos amores  
¿ Que resta, que, no passado,  
A sua existencia atteste?  
¡ Frageis memorias apenas!  
¡ No coração a saudade!..  
¡ No cemiterio — um cypreste!..

.....  
¡ E que amante os céos me deram!  
¡ Anjo de rara belleza!..  
— ¡ Rico thesouro de amor!..  
Em terrena formosura  
¡ Nunca fôra tão fecundo  
O pincel do Creador!

.....  
Era noite...: inda me lembro...  
Languido raio da lua  
O seu rosto coloria...  
Beijei-lhe a mão adorada,  
Por meu pranto humedecida:  
Disse-lhe adeus... ¡ Eu partia!

Porque seu pai avaro,  
Virtude, amor desprezando,  
¡Quiz vender-m'a a peso de ouro!..  
Disse-lhe *adeus*... Eu partia;  
Porque, — pobre —, na virtude  
Consistia o meu thesouro...

E, saudoso, a dura ausencia  
Supportei além dos mares;  
— ¡Mas rico á patria voltei!  
Ebrio, louco de alegria,  
¡Ai! da patria o caro solo  
Com que transporte beijei!

¡A ver meus pais de novo;  
¡Mas apenas vejo um servo  
Na paterna habitação,  
Melancholico, chorando,  
Qual estatua da saudade,  
Com o rosto sobre a mão!..

Ao servo, que banha o pranto,  
Angustiado pergunto  
Por minha mãe, por meu pai.  
¡Mudo fica!.. não responde...  
¡Ergue os olhos lacrymosos  
Para o céo, e solta um *ai!*..

Entendi todo o mysterio...  
Fujo da casa maldita,  
¡Onde a morte me roubára  
Da vida os mais caros entes,  
— Minha mãe — anjo extremo,  
E — meu pai —, que eu sempre amára!..

Corro... voo ao cemiterio:  
Para ver inda seus ossos...  
O sepulcro abrir tentei...;  
Mas ¡que mysterio inaudito!  
¡Junto da campa adorada  
Mais outra campa encontrei!..

Tinha rosas desfolhadas  
Sobre a lousa, e 'nella um nome...  
Nome divino — ¡fatal!  
¡Era o d'ella!.. ¡Arranco a lousa!..  
— ¡Estava ainda, qual lirio,  
Colhido ha pouco do vall!..

.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....

Os suspiros e soluços  
A voz do velho cortaram...  
Não pôde a historia findar.  
Dizem — que, por longas horas,  
Commovido e meditando  
Se deixára alli ficar:

Que, durante o rude inverno,  
Sentar-se no mesmo tronco  
Vinha sempre ao fim do dia;  
E que triste na corrente,  
Ao cair de cada folha,  
Uma lagrima vertia...

Dezembro 58

H.

¡Sciencia! ¿que és tu no mundo!?

A V. da Silveira

Vé onde encontrarás logar, que fique  
Da sua vista exempto:  
Sóbe aos céos, transpõe os mares, busca o abysmo.  
HERCULANO

¡Sciencia! ¿que és tu no mundo?!  
— Diz, ¿qual é o poder teu?  
¡Tu sondas o mar profundo,  
Homem, terra, Deus e céu!  
¡Medes o tempo! — ¿do espaço  
Quem é que o imperio te deu?

¡Descobre-me o teu thesouro!  
¡Os teus segredos me ensina!  
Não val tanto prata ou ouro  
Como val a tua sina...  
¡Tens o sceptro do universo!  
¡Dedilhas harpa divina!...

¡Tens da lua a magestade,  
Tens a côr da bella aurora;  
Do pôr do sol a saudade,  
As grinaldas tens de Flora;  
Essa inspiração divina  
Da virgem tens, quando óra!

¡Tens da philomella o canto,  
Tens da brisa o meigo arfar;  
Entoas um hymno sancto,  
Qual da agoa o murmurar;  
Da infancia tens o sorriso,  
Da velhice o meditar!

¡O teu brilho é fascinante,  
Como d'estrella o scintillar;  
Teu raio mais penetrante  
Que do sol o dardejar;  
São dourados teus cabellos,  
Seductor o teu olhar!

¡Zombas do raio, que estala,  
Do trovão, que ao longe clama;  
Do tremor, que a terra abala,  
E do céu, quando s'inflamma;  
Do furor da tempestade...  
E sorrís, quando o mar brama!

¡Imperas no céu — na terra —  
Em Deus — no homem — no mar!  
¡Tudo, quanto o mundo encerra,  
Tu percorres c'um olhar!  
¡Se não creaste o universo,  
Suas leis pódes dictar!

¿Mysterios?... ¡fogem, quaes trevas  
Ante o sol, que vai surgir!  
¡Radiante facho levas,  
Que espalha mago fulgir!  
¡Para ti não ha segredos,  
Que não possas descebrir!

¡Tens de Memphis a grandeza,  
De Palmyra a poesia;  
Tens de Ninive a belleza,  
D'Athenas tens a magia;  
De Roma tens a opulencia,  
De Veneza a sympathya!

¡Da Britania o movimento,  
E da França a *seducção*;  
D'Allemanha o pensamento,  
Da Russia tens o canhão;  
E d'este meu Portugal...  
Um portuguez coração!

¡Tens da Turquia a mollesa,  
Tens da Suissa os vergeis;  
E do Brasil a riqueza,  
Da Normandia os corseis,  
Da Italia as harmonias...  
Imperios tens de mil reis!

¡Mysterios tens — mil encantos,  
Que nem a bella Granada  
— Revela feitiços tantos  
N'essa Alhambra decantada;  
As bellezas, que possues,  
Só as têm sonhos de fada!

¡Tua adaga é lampejante,  
Tuas armas refulgentes,  
Teu estandarte ondulante;  
E teus soldados valentes,  
Tua tuba clamorosa,  
Para amotinar as gentes!

¡Os mundos — o Omnipotente  
Crear sem ti não podia;  
Nem no céu o sol ardente,  
Ou a lua brilharia;  
Nem na terra o humilde insecto  
Dia ou noite zumbiria!

¡Ao homem tu dás esperança,  
Caridade, fé, valor;  
Dás-lhe prudencia e temperança,  
Religião, patria e amor;  
Vens trazer-lhe á alma crenças,  
Converter-lhe em gozo a dôr!

E quando o sol vai sulcando  
Dos vagos mares a ardentia,  
Quando a noite vai lançando  
Negro manto sobre o dia...  
¡É então que o teu lidar  
Para os homens principia!

¡É então que em ferveroso,  
Incessante vigilar,  
Em terno canto, amoroso,  
Teu nome fazem soar;  
E ao teu brado á natureza  
Segredos mil desvendar!..

¡Afrontas do mar as vagas,  
E do espaço a immensidade;  
Como os astros tu divagas  
Toda envolta em claridade,  
Aos homens mostrando a terra  
— Céos — inferno — eternidade !

¡Dominas com tuas vistas,  
Terra — céu — tudo o que vês!  
¡Como tu não tem conquistas  
O romano, o portuguez!  
¡Ao teu imperio sujeitas  
O que Deus e o homem fez!..

Poeta não sou; — que o fado  
Me negou um tal condão:  
Não tenho da lyra o brado;  
Mas possuo um coração:  
Por elle o canto é dictado  
Aceita-o — que é d'um irmão.

Coimbra, 6 Janeiro 1859

E. GARCIA

### Charadas

Quem me segue não se cança,  
Quem me foge breve alcança:  
Para aqui, ou para além,  
Comigo não dá ninguém. } 2

Eu do talho faço á porta  
O mistér do cortador; } 1  
O carrinho c'o a mão tiro, } 1  
Sabe Deus se com temor... } 1

Entrada me dão nas salas;  
Sou velho, mas divertido;  
Dos janotas maltractado,  
Das velhas sou mui querido.

15 Dezembro 1858

V.

O meu tamanho varia  
C'os tempos e c'os logares: } 2  
A segunda, entre primeiras, } 2  
Has de ver, se m'encontrares. } 2

É sem mim bem triste o mundo,  
Ainda que mais se ostente } 2  
Magestoso o universo, } 2  
Quando pallido — luzente. } 2

Eu engordo á minha sombra  
Rechonchudo maganão;  
Mas é só por obra e graça  
Da sancta religião.

12 Dezembro 1858

V.

N.º 3.º — Pag. 28 — *Namorada*.

N.º 4.º — *Congo*.

### PUBLICAÇÕES

*Preludios*, polka para piano — pela ex.<sup>ma</sup>  
sr.<sup>a</sup> D. Elvira Candida Garcia de Moraes.

Preço: junciamente com os numeros 1,  
2, 3, 4 e 5 dos PRELUDIOS-LITTERARIOS —  
480 réis; isolada — 160 réis.

Vende-se: em *Coimbra* — loja da Im-  
prensa da Universidade; *Lisboa* — livraria  
universal dos srs. Silva Junir & Companhia;  
*Porto* — sr. Jacintho Antonio Pinto da Sil-  
va; *Vizeu* — sr. Francisco Gomes Pinto;  
*Peso da Regoa* — sr. Manuel Mendes Oso-  
rio; *Evora* — sr. V. J. da Gama; *Bragança*  
— sr. Antonio Caetano d'Oliveira Furtado;  
*Leiria* — sr. José Pereira Curado; *Aveiro*  
— sr. Ernesto Augusto Ferreira.

*Almanack de Coimbra*, para 1859 — pelo  
bacharel, o ex.<sup>mo</sup> sr. P. A. Martins da Rocha.

Este interessante livro contém a vista  
de Coimbra antiga, e a do edificio da Uni-  
versidade, tirada do interior do pateo, e do  
lado do observatorio.

São muitas e importantes as noticias,  
que, entre varios generos de litteratura, col-  
ligidos com summa felicidade e bom gosto,  
n'elle se comprehendem. De tudo quizeram-  
os fazer menção; porém falta-nos o es-  
paço, mas não tanto, que nos não seja per-  
mittido felicitar aqui o auctor, pelo bom  
acolhimento, com que esperamos ver por  
todos recebido o seu trabalho, já pelo seu  
incontestavel merecimento litterario, já pe-  
los desejos, que sempre tem mostrado, de  
ver a nossa bella Coimbra elevar-se até o  
logar, que lhe compete na rapida e progres-  
siva marcha da civilisação portugueza. —  
Preço 160 réis.

V. DA SILVEIRA

# PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

## O PRIMEIRO TRIMESTRE

### DOS PRELUDIOS-LITTERARIOS

Com o 6.º n.º acaba o 1.º trimestre da publicação do nosso jornal.

Cumpre-nos, portanto, agradecer mais uma vez ainda áquelles, que, tendo comprehendido as nossas necessidades, como lh'as expozemos, se prestaram da melhor vontade a contribuir para a sustentação e credito dos PRELUDIOS-LITTERARIOS, que com tanta felicidade temos dirigido, rogando-lhes a continuação do mesmo apoio, para que não falleça entre tantos elementos de genio e talento, de poesia e amor um jornal, que, repetimos, ainda não teve outro igual em seus principios.

Os PRELUDIOS-LITTERARIOS, ja em vespéras d'uma 3.ª edição, contam hoje em Coimbra, e n'outras terras do continente, para cima de 800 assignaturas; e o numero dos manuscritos, que nos têm sido enviados é tal, que nos sentimos verdadeiramente embaraçados na sua publicação.

Conhecemos a necessidade de tornar o nosso jornal *semanario*; todavia, as nossas repetidas doenças, os trabalhos das nossas aulas, e outros não menos obrigatorios não nos permitem, por em quanto, realisar tão urgente reforma, alem de que não quizeramos com ella tornar mais custoso o preço de cada assignatura, que desde o principio regulámos segundo os haveres do maior numero, desejosos de *popularisar*, quanto possivel, os nossos escriptos, como meio não so de promover a instrucção, mas de despertar em muitos um sentimento, que não deve dormir no coração d'um bom portuguez — o amor pelos outros.

1859—Fevereiro

Não obstante, porém, o limitado preço dos PRELUDIOS-LITTERARIOS, á vista de resultado tão lisonjeiro, e dominados pelo sentimento de gratidão por todos aquelles, que para elle têm concorrido d'um ou d'outro modo, ja haviamos melhorado consideravelmente o nosso jornal, fazendo sair de tempos a tempos algumas producções musicas, que nos têm sido offerecidas.

Mas o que ja vai alem de todas as nossas esperanças ao planearmos os nossos trabalhos jornalisticos é — a possibilidade de *materialisarmos* pelo desenho muitas ideas, que la fóra so imperfeitamente poderiam ser percebidas pela simples descripção dos usos e costumes da Universidade, e d'alguns sitios mais amenos, mais poeticos, mais historicos de Coimbra.

É á amizade do Ex.º Sr. Bastos, professor de desenho na nossa Universidade, que devemos mais este importante melhoramento, que muito faz subir o interesse do nosso jornal: é pena que a arte lithographica em Coimbra, na falta d'um abridor, o não ajude nos seus philantropicos esforços, limitando-lhe assim todo o desenvolvimento que, pelo seu talento, bem poderá dar aos seus trabalhos.

Querendo seguir a ordem da nossa analyse sobre a sociedade de Coimbra — deveramos apresentar primeiro, em vez do estudante, que ja acompanha este numero, a vista d'esta Cidade; mas algumas difficuldades, que esperamos vencer, não o permitiram assim.

Bem sabemos, que a maior parte dos nossos lucros vai ser absorvida em tão grande empresa — para quem tão poucas forças tem; todavia, a prova que pretendemos dar de que Coimbra *fará muito*, se quizer, leva-nos

N.º 6

a ter em pouca monta algumas moedas de prata ou ouro, que no fim de cada trimestre, pagas as nossas dividas, poderamos encontrar de sobra no canto da nossa gaveta: o principio das accumulações deverá ter grandes defensores no *arido positivismo* da vida; mas aqui, entre uma corporação de mancebos, onde ella é toda *abnegação e poesia*... repugna,—revolta.

V. DA SILVEIRA

## ESTUDO SOBRE AS POESIAS DE SCHILLER

### II

Ha livros, que nós de preferencia estimamos: é porque elles são o echo das concepções da nossa intelligencia, e das impressões da nossa alma; é porque exprimem melhor o que nós pensamos e sentimos. Lamartine lia com enthusiasmo Job e Milton, meditava com ardor Tasso e Bernardin de Saint-Pierre: eram os poetas que elle mais amava, porque lhe fallavam a linguagem apaixonada e harmoniosa do amor e da religião; e essa linguagem era a do seu coração. A *Messiada* foi na infancia de Schiller o seu poema predilecto, o seu livro mais querido: o seu assumpto religioso, e as suas imagens biblicas, casavam-se com o sentimento da fe, que lhe abrasava o peito: a sua leitura robusteceu a crença no symbolo, que elle, ainda creança, balbuciára nos joelhos de sua mãe; e é por isso que Schiller estudava como modelo, e seguia como mestre o poema, que tanto amava: reproduzia as suas ideas, copiava as suas imagens. São uma servil imitação os seus primeiros ensaios. Trabalhos improbos, estudos aturados e tentativas este-reis, precederam a composição das poesias, que no mundo das letras lhe deram nome.

Nem de imaginação viçosa, nem de grande e fecunda inspiração foram producto natural, facil e espontaneo as suas primeiras poesias.

Trabalhava por adquirir ideas, por thesourar conhecimentos, por dar actividade ao espirito e força á imaginação, e por ensaiar as fórmulas, que mais adequadas

fossem ao seu genio. Em 1777 ousou tímida e respeitosa dar a lume as suas primeiras poesias. A terra vergontea não podia dar o fructo, que so póde colher-se da arvore ja rica de seiva e formosura: todavia, tardia e laboriosa foi a sua musa. Encerrado 'num collegio, não podendo em liberdade e com proveito extasiar-se ante as magnificencias da natureza, elle procurava nos livros os sentimentos e as imagens, que devia procurar em si e no universo. Os hymnos harmoniosos e sentidos, que á sua entrada na vida lhe inspirára a musa da religião, trocaram-se pouco depois por sinistras imprecações contra o destino.

A sua imaginação de mancebo dourára-lhe a vida de rosas e sorrisos: foi amarga e pungente a decepção, quando, ao levantar o véu, que lhe encobria o futuro, elle viu um caminho arido e escabroso, erizado de espinhos e molhado de pranto.

Sonhára o Eden, e acordou 'numa terra d'exilio e de lagrimas; chamára pela felicidade, e respondeu-lhe a desgraça.

O positivismo da vida, com todos os seus horrores e oppressões, matára as illusões, que lhe haviam affagado a mente.

O universo perdéra a seus olhos todo o seu encanto, toda a sua poesia e grandesa: era para elle um vasto e triste deserto, e um chão amaldiçoado, em que era obrigado a arrastar uma existencia de miserias. É que a alma estava erma e nua de crenças, de consolação e esperanças; a pesada e inexoravel mão da desgraça tinha-a reduzido a uma immensa ruina, onde so morava o desespero.

Passára-se no espirito de Schiller uma lucta tremenda e pavorosa, e esta lucta operou nas suas ideas religiosas uma completa revolução: a razão quiz discutir o que o coração sentia; mas a razão so era, pela sua fraquesa, pela sua inconstancia e mobilidade, um guia pouco seguro, que devia logo abysmal-o nas trevas da duvida: o sopro gelado da descrença empallidécera e apagára depois a tocha da fe, que lhe allumiava a alma. 'Neste naufragio da intelligencia, Schiller, devorado pela duvida, procurava uma ancora a que se encostasse, um ponto d'apoio, em que se fir-

masse; era de balde, porque a verdade, que elle dizia, que fortificava o coração e elevava a alma, tinha fugido. Schiller tinha perdido a fe, e o homem 'nesse estado assemelha-se, como alguém diz, ao navio sem leme errante nas solidões do oceano.

Se nol-o permittisse a natureza d'este escripto, nós mostrariamos, levariamos até á evidencia, que na religião em que Schiller fôra educado existe o germen, que tem arrastado a grandes e funestos erros intelligencias tão luminosas como desgraçadas. Schiller percorreu todos os systemas desde o protestantismo até ao pantheismo.

Fatigado de procurar na razão e na natureza os artigos do symbolo, de que todo o homem, e especialmente o poeta, tem necessidade, caiu a final 'nesse estado de prostração e desalento, em que se acha o viajante, que, perdido em noite de tempestade, não atina com o caminho, que deve guiar-lhe os passos a uma morada hospitaleira.

Procurando a luz, via-se cercado de trevas; chamando a verdade, sentia-se atormentado pela duvida.

'Numa das suas poesias pinta elle o estado, tristemente doloroso, da sua intelligencia 'nessa epocha de scepticismo. Eis as suas palavras: — Raphael, tu me roubaste a fe, que me dava o socego; tu me ensinaste a desprezar o que eu venerava: a triste e fria sciencia despojou do seu encanto muitas ideas para mim sagradas.

Pobre, vagabundo, e sem uma estavel e honesta posição, que lhe garantisse uma parca sustentação, estas contrariedades apagaram-lhe o fogo do enthusiasmo. Faz dó ver o genio ás arcas com o infortunio: parece que a Providencia, por uma lei de compensação, dá em intelligencia o que nega em bens de fortuna.

Esses vultos, que, grandiosos, se destacam la no passado, e cuja vida foi uma lucta attribulada contra uma sorte adversa e immerecidas perseguições, têm aos nossos olhos mais brilho e prestigio. Aos homens, que illustram com o genio e defendem com a espada um povo, dá este quasi sempre por premio o desprezo, a fome, o exilio, e muitas vezes a morte...

O Tasso expia em negra e medonha marmorra seu amor e gloria. Camões expõe a vida pela patria nos campos da batalha, lega-lhe o immortal monumento do seu genio, e ella paga com a ingratição a dedicção do soldado, e a grandesa do poeta: devendo ser mãi, é desamorada e preversa madrastra. Todavia o respeito pelo homem de genio une-se depois á sympathia pelo desgraçado.

É mais bello o diadema, com que a gloria lhe adorna a fronte. Se os contemporaneos foram injustos, a historia imparcial la lhe grava o nome 'numa pagina d'ouro; e a posteridade, mais justa, levanta ao genio altares, em que lhe tributa honras immortaes. As suas desgraças augmentam-lhe a celebridade, e os seus infortunios retumbam como os seus amores em todos os seculos. A piedade, como diz um escriptor, ajoelha-se de geração em geração sobre o seu tumulo.

Quasi todos os grandes poetas são desgraçados, e a sua vida, como muito bem diz o auctor das Meditações, resume-se 'nestas palavras: — *amor e lagrimas*. Schiller não escapou, como ja dissemos, ao destino geral. Os males, que sobre elle pesaram, não lhe abateram o animo: soffreu-os com uma perseverança e coragem heroicas; teve muita força e grandesa d'alma para não deixar despedaçar a lyra d'encontro aos escolhos da fortuna.

Todavia abandonou a poesia intima, e dedicou-se todo aos trabalhos da arte dramatica: foi então que elle compoz essas obras aprimoradas, em que brilham com tanto fulgor o poder da intelligencia e a riqueza da imaginação: as personagens dos seus dramas são a expressão das excruciantes agonias, que lhe iam la dentro: pintava nos differentes caracteres as dores, que o ralavam, as penas que o affligiam, — exhalava alli os seus gemidos.

Nos salteadores descreve elle as paixões, que o dilaceravam: a exaltação e a impetuosidade do character do chefe, que se manifesta pela incredulidade, pela religião, pelo amor e barbaria, por sentimentos os mais oppostos, — é a revelação da alma inteira de Schiller.

As primeiras poesias de Schiller são orações repassadas de pureza, de fe, e de sentimento, — são a manifestação da sua terna e apaixonada imaginação: devisa-se ahí a imitação um pouco servil de Klopstock; mas observa-se ja o estro, o entusiasmo e a inspiração. Mas a intelligencia escravisada dava-se mal nos ferros: quebrou-os logo, e, quando ella começou a trabalhar em liberdade, fortificou-se, engrandeceu-se, e começou a dar formosos e sazonados fructos: as producções em que elle dizia o que sentia, e não o que sentiam os outros, obtiveram logo um brilhante successo.

J. ALVES MATHEUS

## INSTRUCCÃO

### I

Importancia do estudo da lingua latina

Les Romains avaiet imposé au monde leur langue et leur droit les armes à la main.

E. HUZAR — *La Fin Du Monde, par la Science.*

Com pouco dizer faremos sentir a influencia e a importancia, que a *lingoa latina* póde exercer no ensino e desenvolvimento das lettras na quadra social, em que vivemos. E, sem muito discorrer e alardear de bondade ou merecimento, a campo sairemos com as armas do bom e util, que nella possa haver; sem seducção ou perigo de nos deixarmos diminuir por parcialidades, ou afferrado apego, que ideas e convicções nossas, quiça, e por vezes gerar podem.

A *lingua latina* parece dever, dizem alguns, compartilhar sorte com o velho *direito canonico*, que, no sentir d'Esbach, é facho d'amortecido clarão, que apenas brilhar póde na meia idade, sepulcro de velhas tradições e moimentos, aurora de melhor pensar e discorrer, que até então; mas que deveu apagar-se e de prompto esconder-se á chegada de novos e mais fulgentes astros.

É certo porém, que as linguas *grega* e *latina*, d'onde brotaram os differentes dialectos, que hoje vemos arraigados nas na-

ções europeas, se têm tornado o alvo das censuras e ridiculo dos sabios progressistas do nosso seculo, que as consideram como um fossil corroído, exhumado das ruínas das duas nações, que deram leis ao mundo, e que tão sublime e grandioso papel representaram nos fastos da antiguidade, que legaram á posteridade pensamentos e descobertas, que lhes valeram a immortalidade; e nunca extincta fama, apagada gloria será seu galardão.

Ingratas e vaidosas seriam as gerações recentes se, em vez de bem dizer, votassem ao criminoso olvido esforços em seu favor e para seu bem operados. Não ha coração de filho, que não entorne uma lagrima, que não entoe um canto de respeito e saudade sobre a campa e á memoria d'aquelles, que o ser lhe deram, que lhe formaram o espirito e o coração, derramando ahí o balsamo de crenças suaves e consoladoras, soltando-lhe a intelligencia, *ainda balbuciante*, do frio e gelado claustro da ignorancia, desprendendo a sua rasão, ainda latente, dos lobregos carceres d'uma brutalidade imbecil. ¡Grata lhe deve ser e reconhecida a lembrança d'aquelles, que lhe ensinaram a levantar as mãos para o ceu em fervorosa prece, apontando-lhe para o throno de Deus; a admirar a natureza na sua rica variedade, a manejar forças occultas em seu seio, a pulsar uma lyra de suave canto e hármonioso verso!..

¡Eis o phenix, que morre e renasce!..

Das cinzas de seculos, que ja foram, ¡surjem novas civilisações, progressos que maravillham!

Estudos sobre Deus, sobre o homem, sobre a natureza inteira, poesia e musica... é um legado de gerações passadas, sobre que se levantam gerações presentes.

A lingua, interprete do coração e da intelligencia, é a primeira alavanca a pôr em acção para erguer a lousa, que esconde tão magnificos e utiliferos thesouros:

Les mots pour les pensées,

Les pensées pour le coeur et la vie.

Lançada por terra essa biblia hyeroglyphica, em que os povos soiam escrever

as grandes coisas, restam-nos essas paginas, que a sacrilega mão do iconoclasta avida procura dilacerar; e se Victor Hugo e o nosso Herculano, no prefacio de dois dos seus mais bellos escriptos, feriram de anathema a mão temeraria, que ousava nivelar com o po, e com o po confundir meimentos de magno valor, nós rogamos aos homens da epocha, que poupem ao genio destruidor essas paginas, onde podem aprender o que não sabem, e que talvez jamais possam descobrir!..

Nada excede Homero e Virgilio, Lucrecio e Epicuro, Platão e Cicero... Eis o germen... mais, o santuario, a sagrada arvore da philosophia e da poesia, d'essas amigas intimas, que a razão e a imaginação uniram em tão feliz consorcio, que tudo quanto temos e havemos é um dom precioso, que d'ellas recebemos — risos, graças, encantos, calculos, raciocinio, reflexão, meditar profundo!... É o beijo d'uma brisa, que faz desabrochar uma flor; é a chuva fecundante caída do céu, que nos abre o seio da terra...

«Le savant, diz Latenu,<sup>1</sup> croit ce qui lui est démontré, le poète ce qu'il sent, le vrai philosophe ce qui met d'accord sa raison et son coeur.»

Roma modela a sua civilização litteraria pela da Grecia, depõe o *gladium* e a *charrua*, e volve-se ás letras. Os hymnos guerreiros, as sentenças oraculares, os livros sibilinos, a que apenas se limitava a sua autocthonía litteraria na epocha das conquistas e hostilização, convertem-se nos bellos escriptos de Lucrecio, Varrão, Tacito, Cesar, Tito-Livio, Juvenal, Ovidio, Horacio, Virgilio... e tantos outros de merito e elevado preço, que têm atravessado, e atravessarão sempre, com louvor e proveito, de geração em geração, arrastando os espiritos consagrados ás aras da sciencia e da litteratura, como ao viajante impressionam e fascinam a vista e a contemplação das pyramides e palmeiras do deserto!..

O homem, que quizer ser sabio, deve remontar até elles; e o pharol, que lá deve guial-o, é o conhecimento da lingua, em

que esses pensamentos foram transportados á circulação exterior—*a lingua latina*.

Nem nos venham apontar traducções; ainda que, mais de espaço e com mais des- envolvimento, discutiremos este assumpto, sempre diremos, que a lingua allemã, que nos dizem ser a mais philosophica, jé, e desgraçadamente, quasi ignorada entre nós! A sciencia dos francezes mais parece cuidar da fórma do que do pensamento, sempre, pela maior parte envolta no mysterioso e seductor sendal do estylo asiatico e superabundante,<sup>2</sup> linguagem, que com quanto arme bem a versos apaixonados e a romances sentimentaes, embaraça o campo da sciencia, affoga em viçosa folhagem e em matizes de flores os fructos sazonados da razão e da intelligencia, converte-a 'numa como plethora de palavras vasiaas, que so servem para roubar-lhe a profundeza e a solidez. Se convem á imaginação, a razão estraga-se, corrompe-se, perde-se, ou envenena-se, quando o pensamento se avanta em fórmas e menos cura da substancia.

A introduccão da litteratura franceza na nossa litteratura, tem, pouco e pouco, roubado á nossa bella lingua a magestade, a elegancia, a precisão, as inflexões redondas e harmoniosas, que, como um legado paterno, da *latina* herdára. Este perigo é um proprio francez,<sup>3</sup> que nol-o aponta... «mais toute langue qui se dépouille de son originalité, pour s'adonner à l'imitation se gâte, même en se perfectionant.»

E. GARCIA

### A TERCEIRA EDIÇÃO DOS LUSIADAS

Mas o historiar as scenas d'aquelles tempos não é para aqui; bastando-nos por ora lembrar como de todos os affectos, que a Camões fallavam n'alma, o que sobrepujava os demais, era o amor ás coisas do seu paiz.

É porém muito para aqui, e 'neste ponto muito importa instar e insistir: vendo Camões, que falto de viço e vida s'immergia

<sup>1</sup> Latenu — Étude de l'homme.

<sup>2</sup> Alguem já fez esta censura a Cicero.

<sup>3</sup> Chateaubriand — Mélanges.

no chaos o povo, cujo cantor elle era; que os usos iam caídos, sem que o rei entendesse em os aviventar, e caídos, não para debaixo do rodar dos seculos, senão para debaixo do rodar d'abusos; que com estes aquella Ordem de Jesus, cuja entrada 'neste reino inda era fresca, medrava e crescia em forças, como em sua mesma casa; e que em summa haviam mister de sangue novo as veias varicosas de Portugal, corria-lhe a obrigação d'avisar a el-rei, e assim pôr cobro á peste, que a tudo e a todos ganhava e invadia.

Cumpre, repito, insistir 'neste ponto; insistir opportuna é importunamente; Camões poz o hombro ao edificio, que baqueava no tumulto,— quiz reluctar á Ordem de Jesus; d'aqui, é para nós assentado, lhe veiu a ultima ruina.

Aquelle que, por descanço das armas, compunha obras, que viverão em quanto o gosto viver; o homem, que foi heroe na India; o heroe, que foi poeta no mundo; o poeta ao qual de estreitas duas coroas não serviam, viu entre os braços da fome, que lhe fugia a vida, porque, como um verbo de morte, descera sobre elle a cholera de Loyola.

O homem a quem a natureza, como que para dar mostra de si, fadou com a virtude o valor, com o valor o engenho, com o engenho os infortunios, deixou viuva a gloria, e o poema orphão; porque resolveu-se a viver co'a patria, ou a morrer com ella.

Mas, em quanto soasse em bocca, ou durasse em memoria de homens, morto não fôra o poeta; que, sem rival nas provincias do saber e da invenção, que percorrera, fôra-lhe cada seculo um tribunal, cada geração um juiz.

¿ Como pois lograr sair a cabo de tão arduo empenho?

*Mutilar o poema*—foi o expediente tomado pelos que tudo ousavam e podiam tudo.

E ¿ quem eram elles para assim affrontarem o maior dos engenhos em sua obra maior?

Recebemos de Lamego, e d'um nosso estimavel amigo e contemporaneo nas lides

academicas, o seguinte artigo, que gostosamente publicamos, agradecendo-lh'o cordalmente.

Oxala que este escripto possa produzir 'noutras terras, onde temos a fortuna de encontrar alguns leitores, e que se acham ainda mais ou menos nas circumstancias, em que se achava Lamego,— todos os melhoramentos, todo o progresso, que esta cidade, importante pelos seus recursos materiaes e intellectuaes, vai pouco e pouco experimentando.

É tempo ja de que os benefícios, que a civilisação prodigalisa a mãos cheias na capital do reino, se derramem por outras cidades e villas, agrilhoadas ainda por feudaes e ridiculas usanças, que, impotentes hoje ou acanhadas, so têm no mundo civilisado por acolhimento um sorriso de desprezo, ou um gesto de compaixão.

V. DA SILVEIRA

### A SOCIABILIDADE EM LAMEGO

Eademque natura vi rationis hominem conciliat homini, et ad orationis et ad vitae societatem: . . . impellitque ut hominum coetus celebrari inter se, et a se obiri velit.  
CICERO—*De officiis*, lib. 1, cap. IV.

A sociabilidade, que Cicero, mais de 43 annos antes de Christo, proclamava como um dever, a que a propria natureza nos convida, foi longo tempo desconhecida 'nesta cidade.

As noites de Lamego, phrase applicada em todas as terras de Portugal para designar a insipidez da vida passada 'nesta cidade, provariam *ex abundantia* a veracidade da proposição, que avançamos. Mas, hoje, esta nodoa de mau gosto, lançada sobre esta terra, vai-se delindo, se ja de todo não desapareceu.

Ha poucos annos ainda, quando, pelas 5 horas da tarde, a noite, descendo dos montes de Penude sobre o valle, envolvia em seu negro manto toda a cidade; quando o som, terno e saudoso, do sino da ermida dos Remedios nos convidava a elevar o pensamento ao ceu, cada um de nós caminhava para casa, maldizendo a enfadonha longura das noites, que tão cedo vi-

nham succeder ás poeticas horas do crepusculo. Então nós, pobre estudante, depois de curtas horas de leitura forçada, sentiamo-nos possessos pelo demonio da inercia; e esta irremissivelmente nos lançava 'num estado tal de colapso, que insensivelmente a cabeça nos descaía sobre o peito, as palpebras docemente uma á outra se collavam, e, momentos logo ¡ingrato filho de Minerva! eramos nos braços do pachorrento e gordo Morpheu!

Hoje, porém, tudo mudou 'nesta terra, que tão refractaria tem sido ao progresso. Quem presentemente visitar esta cidade conhecerá, que as *noites de Lamego* so por uma pungente ironia podem, para alguns, ser ainda a expressão antonomastica do espirito repulsivo de seus habitantes.

Hoje a sociabilidade vai em desenvolvimento 'nesta terra, que podia ser apontada como exemplo practico das distincções hierarchicas; — 'nesta terra, em cujo theatro vimos alternativamente companhias dramaticas, compostas so de mancebos nobres, so de militares, d'artistas so..., so de estudantes; — 'nesta terra, onde o clero, a nobresa e o povo jamais se confundiram, jamais se mesclaram...

Actualmente uma fusão lenta se vai operando entre estes elementos, que uma feição tão original davam á sociedade lamecense, mas lenta, como tudo quanto vai de encontro a inveterados prejuizos de *raça*...

É que a invariabilidade, a ubiquidade, se assim podemos dizer, da lei da perfectibilidade indefinida aqui nos arrasta a todos, mau grado *alguns*.

Hoje, quem voltar a esta cidade, ja notará a nova casa da Philharmonica Lamecense, mandada construir pelo Sr. Marques, rico negociante d'esta praça; e ¿quem prophetisaria que Lamego, conhecida pela semsaboria da vida, que aqui se passava, havia de vir a ter uma boa philharmonica, bella casa para baile, e um bonito theatro na mesma casa; reuniões diarias, onde se passam alegres horas, ja ouvindo tocar, ja vendo jogar ou jogando?!  
 ¿Quem agouraria a esta terra, que não offerecia a mais insignificante distracção, que, alem d'aquella, teria outra sociedade

— a Assembleia Lamecense, que ja existe ha tres annos, estribada em solidas bases, que promette longa vida, e cujas zelosas e intelligentes direcções têm procurado aos socios a maxima somma de vantagens e commodidades, que elles podiam desejar?

Nos fins de desembro passado deu esta sociedade a sua reunião de familias, que correu animada e brilhante: 'nella tivemos occasião de admirar o adiantamento, em que se acha a philharmonica dos artistas, que, em anno e meio, tem feito prodigios, so explicaveis pelo poder, que tem uma vontade tenaz, e um vivo amor pela divina arte d'Euterpe.

Na noite do dia 2 de janeiro deu tambem a outra sociedade (a Philharmonica) o baile de installação na sua nova casa. São dignos de elogio muitos dos socios, que trabalharam para que o salão estivesse aformoseado e alindado como esteve. Passou-se uma noite deliciosa: nossa fraca penna não poderia descrevel-a, nem traduzir as gratas impressões, que em nós causavam, no rapido voltear das valsas, as donairosas e ethereas bellas, que deslumbravam a quem fixal-as tentasse, e isto 'num salão de vastas dimensões, illuminado por um sem numero de luzes, onde a bella orchestra convidava á vida, ao movimento as naturas ainda as menos expansivas...

¿Como poderá, quem deseja passar deslembrados os rapidos instantes d'esta peregrinação na terra, deixar de elogiar os acertados esforços, a previdente solicitude dos dignos directores d'ambas as assembleas, que assim nos proporcionam occasiões de ineffavel prazer, em que as horas se deslisam bonançosas, e a vida passa desapercibida, como so para nós passou ao alvorecer da vida?!

¡Bem hajam elles! que tornaram esta terra, de agreste e desabrida, amena e risonha! ¡Bem hajam! que nos obrigam a confessar, que ha noites de Lamego, que são noites d'almo jubilo. F. M. C.

Lamego, 24 de Janeiro de 1859

Amigo Silveira:— O homem é, por sua natureza, um ser essencialmente imitativo.

Não foi pelo methodo synthetico, mas pelo analytico, que cheguei ao conhecimento d'esta verdade; e é por isso que, talvez, eu seja levado a um resultado contrario ao dos que seguem o methodo opposto, o qual, apesar do rigor logico, que pretende ostentar, nunca poderá contradizer a realidade dos factos.

É incontestavel, que ha no mundo moral, assim como no mundo physico, uma força d'attracção, que leva as massas menores a adherir ás maiores; e é assim que muitas vezes vemos as maiorias attrahir o individuo contra a sua propria vontade.

Esse phenomeno acaba de me succeder ha pouco.

Nunca nem sequer, me teria vindo ao pensamento a idea de escrever para o publico, senão fosse o vosso jornal e a parte activa, que na sua collaboração grande numero dos meus condiscipulos têm tomado.

Foi so depois de ver, que grande parte do meu curso tinha escripto para os PRELUDIOS, que eu me senti compellido pelo desejo de entregar á imprensa o primeiro producto da minha intelligencia; mas esse desejo encontrou uma grande difficuldade na sua realisação; porque, sinceramente confesso, que a esphera dos meus conhecimentos é apenas circumscripta á leitura dos compendios das aulas e da *sebenta*.

Eis porque a minha imaginação foi tão esteril, que nem sequer pôde crear um assumpto para escrever fóra d'aquelle, de que me occupo; e esse, ainda assim, ficou tão disforme, como aquelle, que lhe deu o ser... Vosso

c.

### HOMENAGEM D'UM CABULA Á SEBENTA (a)

¡Não receies, ó *Sebenta*, ó companheira inseparavel das minhas lides academicas, que, para fazer ostentação d'espírito, eu vá expor-te á irrisão das turbas; lançando sobre ti o sarcasmo e a ironia!

(a) *Sebenta* — lição lithographada, comprehendendo, mais ou menos exactamente, a explicação do lente, e que evita ao estudante não so o incommodo de fazer apontamentos na aula, mas o de consultar outros livros para intelligencia do seu compendio.

V. DA S.

¡Não receies, que, esquecendo os auxilios, que me tens prestado, eu va cuspir-te nas faces uma injuria, chamando-te *fossil*! pois que foram os sentimentos de affeição e reconhecimento, que te consagro, em vez do desprezo, que me guiaram a penna ao traçar no papel estas linhas.

Embora tenha a certeza de que a expressão d'estas ideas não agradará a muitos dos meus leitores...; nem por isso deixarei de manifestar-te aqui e em toda a parte, tanto amor, que nem quero ler outros livros, para que as suas doutrinas não me agradem mais, do que as tuas, — como aquelle que, amando tanto a sua terra natal, não deseja ver outra, embora todos lhe fallem da grandesa de muitas cidades, com receio de que a vista d'essas bellas lhe enfraqueça esse amor.

E este sentimento é justo. ¡Era necessario que em meu coração se tivessem extinto todos os affectos, para que não existisse a gratidão para com quem unicamente devo o ter atravessado metade do *vasto campo da sciencia do direito*, sem sequer ao menos estar fatigado de tão penosa excursão; para com quem, em fim, so devo o sentar-me nos bancos do anno da faculdade de direito!..

¡Sim! ¡Ainda agora se me gela o sangue nas veias só com o susto, que me inspira a lembrança, de que, depois de ter difficulosamente percorrido o estudo dos preparatorios, me achei de subito matriculado no primeiro anno da faculdade de direito!..

¡Oh!.. ¡Com que terror olhava então para esta sciencia, que parecia querer esmagar-me debaixo da methaphysica das suas theorias! ¡Com que susto via o vasto espaço, que tinha a percorrer antes de chegar ao lugar aonde os meus designios me conduziam!

Mas ¡ah! ¡que indefinivel prazer senti, quando então me appareceu um guia, que, bastante practico nas avenidas d'estes lugares, ja tinha dirigido os passos a outros, que, como eu, pretendêram chegar ao mesmo sitio!.. Esse guia, escusado é dizer-te quem foi!..

Desde logo me fizeste sentir um prazer similhante ao que experimentaria o via-

jante, quando, no momento em que a desesperação o tivesse levado, por muito tempo, a andar ao acaso, por ignorar o itinerario da sua jornada, encontrasse um individuo, que o conduzisse ao sitio desejado; | semelhante ainda ao que experimentaria o nauta quando, pela primeira vez, conhecesse a bussola para o dirigir na immensidade do oceano!..

|E este amor é tão forte, que excede os limites da paixão, e chega quasi a tocar as raias do fanatismo! | pois que tu és, ó minha querida *Sebenta*, o unico idolo que eu adoro na religião da sciencia, embora os seus apóstolos te tenham lançado o stygma da excommunhão; embora te tenham condemnado como heretica, e não possas entrar no templo da sabedoria — senão embaluata (a) por fero e imponente compendio!..

|Eu juro, perante todos os que me ouvirem, que a ti, unicamente a ti, é que hei de adorar durante a minha vida! Este culto, que eu, e todos os sectarios da *cabulogia* te prestamos — é ainda occulto; ainda te não podemos adorar nos logares onde se celebram os sacrificios da sciencia, sem que sejamos, como os christãos dos primitivos tempos da Igreja, victimas das perseguições contra ti dirigidas.

Mas não é necessario possuir o magico condão de descobrir os segredos do futuro, para, com segurança, poder prophetisar-te, que essas perseguições injustas hão de acabar; que ainda no templo de *Minerva* tu serás venerada, sem que aquelles, que assim obrarem, tenham receio de ser depois perseguidos...; e que, adornando-te dos enfeites, que a civilisação tem creado, isto é, substituindo-te a imprensa a *lithographia*, o papel fino o papel *pardo*, em que és publicada, tu serás o livro intimo das gerações futuras, o livro, que, depois da generalisação dos conhecimentos, se encontrará tanto no gabinete do sabio,

(a) Apesar de que todos os lentes conhecem a existencia e o uso da *sebenta*, todavia seria considerado como um grande temerario o estudante, que abertamente d'ella se servisse para dar a sua licção. Para evitar semelhante escandalo costuma elle (falamos dos cabulas) collocal-a destramente entre as folhas do compendio, expondo assim as suas doutrinas como filhas do proprio esforço.

V. DA S.

como na officina do artista, livro que revelará a todos as verdades da sciencia, que ensinará em fim a humanidade a marchar no caminho do progresso; pois que todas as perseguições, de que actualmente és victima, são o resultado da pobreza da tua exterioridade, por isso que, ja agora mesmo, ellas vão deixando de existir, depois que te tens revestido dos adornos, que o progresso tem produzido...

Eis aqui, ó cara amiga, o penhor do reconhecimento, que eu ousou offerecer-te, como tributo dos serviços, que me tens prestado durante a minha vida academica: não o rejeites por ser pobre; por não poder recompensar devidamente os teus auxilios — não deixa de ser a expressão, ainda que incompleta, de crenças e affectos, que estão tão intimamente arraigados no meu coração, e que não me é dado poder aqui traduzil-os em *profana* linguagem...

CABULA

### Maximas e pensamentos

O que será mais bello na mulher: o sorriso, ou uma lagrima? O primeiro encanta; a segunda...

T.

Na mulher é mais preciosa uma lagrima, do que um sorriso: os labios facilmente se contraem; o coração não se comprime, senão quando o sentimento o impelle.

M.

Confiai do tempo a justiça, que os homens vos negam; e se ainda o tempo vola não fizer — appellai para a vossa propria consciencia.

N. T.

### ! NÃO CREIO!..

À EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. M. C. A. G.

Je ne sais si je crois, je ne sais si je doute  
Entre croire et douter serait-il un milieu?  
Non! donc je ne crois point!..

LEBLANC

| Donzella! o teu peito virgem,  
Jamais conheceu amor?..

¿Jamais teve essa vertigem  
D'um delirio seductor?...  
¿Nunca viste dentro d'alma  
Brotar uma ardente palma  
D'um affecto abrasador?..

¿Uns olhos ternos não viste,  
Onde os teus fosses queimar?...  
¿Jamais no rir, que sorriste,  
Foste outro riso encontrar?...  
¿É teu peito tão gelado  
Como a campa do finado,  
Como o rochedo do mar?..

¿Perdão!.. ¿donzella!.. ¿não creio!..  
Não creio em tua excepção...  
¿Não posso crer, que o teu seio  
Nunca sentisse paixão!..  
¿És bella!.. e a virgem formosa,  
Apesar de altiva rosa,  
Sempre tem um coração!..

Tu sorris sempre indifferente  
A quem vai dizer-te — amor; —  
Escarneces de quem sente...  
Folgas... ¿ris da sua dor!..  
Mas, se dentro do teu seio  
Entrasse alguém, — ¿oh! eu creio,  
Que alli sentira calor!..

És sob'rana e orgulhosa,  
Gostas de frir co'o desdem,  
Como a exempta e cruel rosa  
Fere c'o espinho que tem;  
Mas a rosa, inda que altiva,  
De terno amor não se esquiva,  
Pois ama a brisa tambem.

Tu és, como a rosa, bella,  
Tens de reinar o condão;  
És orgulhosa como ella,  
Finges sorrir á paixão;  
¿Mas talvez sintas de amores,  
Como a rainha das flores,  
Uma tenue viração!..

Olha, ¿donzella! — ¿eu não creio,  
Que tu não saibas sentir!..  
És formosa... tens um seio,  
Que se ha de ás crenças abrir:

D'altiva ¿o negas! — mas ¿sentes!..  
Dize que *sim*, que não mentes...  
Dizer *não* é ¿que é mentir!..

A. M. DA CUNHA BELLEM

## MYSTERIO!

¿Em que solo te creaste,  
Candida e linda flor?  
¿Em que jardim vecejaste,  
Quem é que foi teu cultor;  
Que regiões produziram  
As seivas que te nutriram?

¿Á sombra d'alta palmeira,  
Na Circacia encantadora,  
Vegetaria a roseira,  
Que te deu á luz d'aurora?  
¿As auras, que te embalaram,  
Na rica Armenia sopraram?

¿Nas frescas margens do Illisso,  
Verde louro agigantado  
O seu caule dobradiço  
Não requebrou namorado,  
Pedindo-te ardente beijo  
P'ra saciar um desejo?

¿Nas deleitosas campinas  
Da Hungria voluptuosa,  
Entre mesquinhas boninas,  
Ergueste a fronte orgulhosa?  
¿Os astros, que te fadaram,  
Nos ceus de Myrrha brilharam?

¿Aos igneos raios brilhantes,  
Que fulgido o sol entorna  
Sobre os montes culminantes,  
De que a Italia s'adorna,  
Tuas petalas abriste,  
E p'ra elles te sorriste?

¿Os rocios, que orvalharam  
Tua corolla mimosa,  
Pelos campos se espalharam  
Da França altiva e vaidosa?  
¿Ou d'amena Andalusia  
Throno d'amor e poesia?

¿Nas seductoras colinas  
Do meu bello Portugal,  
Lindas rosas purpurinas,  
Em delicado rosal,  
Rainha não te fizeram,  
E preito não te renderam?

¿Quantos osculos ferventes  
Brando zephiro amoroso  
Com doces labios trementes  
Em teu calice oderoso  
Depositou com ardor,  
Ebrio de encanto e d'amor?

¿Quantas vezes namorada,  
Na debil aste pendida,  
Terna prece apaixonada  
Não ouves enterneçada  
De mariposa elegante,  
Tão meiga tão inconstante?!

¿Ouves sim! — mas nada dizes  
Ao pobre do Trovador...  
Occultas em teus matizes  
Tua patria e teu amor;  
Mysterios do teu penar,  
Que não lhe queres revelar.

Embora nada respondas, —  
Nada se occulta ao poeta...  
No ceu, na terra, nas ondas,  
E na mansão mais secreta  
Penetra e rasga-lhe o seio, —  
¿Nada lhe mette receio!

Assim nos teus verticillos,  
Sem ninguem m'os divulgar,  
Descortino altos sigillos,  
Que não poderás negar;  
Mas por dó e compaixão  
Sepulto-os no coração...

Janeiro, 1859

SEVERINO D'AZEVEDO

### À memoria

DA EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. MARIA CANDIDA DE CARVALHO G. E V., E DEDICADA  
A SUA MÃI, A EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. JOANNA EMILIA DE G. C. E V.

A ti minha saudade, a ti meu canto

...

I

Donzella, que na aurora da existencia  
O mundo abandonaste, e ao ceu subiste,

Deixando em pranto immersa a mãe saudosa,  
Nutrindo a doce esp'rança de mui breve  
Chegar juncto dos anjos onde habitas,  
E viver la contigo eternamente  
Doce vida p'la qual esta trocaste,  
Se na etherea mansão, em que tu vives,  
Da tua pobre amiga ouves os cantos  
De saudade — e de dor, que ella te envia,  
Acolhe-os com doçura e com meiguice;  
Pois és tu so a musa, que os inspira.  
Se é pobre a minha lyra, os versos frouxos,  
Desaccordes os sons, que d'ella tiro;  
Se as galas da cadencia não lhe assistem;  
Se os cantos divinaes, harmoniosos  
De vates inspirados os offuscam,  
¿Não hão de elles por ti ser estimados?..  
Hão de sim, que são filhos d'amisade,  
Que sempre nos ligou. — ¿Lembras, donzella,  
Os dias, que passei, da minha infancia,  
Aprendendo contigo alegremente  
A pura linguagem da Poesia?!  
¿Que d'affagos, caricias recebia!..  
¿Como eu era feliz junto a teu lado!..  
Quando vira, porém, tua existencia  
A definhar-se em breve; e a dura morte  
Sorrindo desdenhosa á martyr sancta,  
¿Com que gosto e prazer então eu dera  
A minha vida p'ra salvar a tua!...

.....  
.....  
.....  
.....  
.....

II

¿De nada te valeu da mãe o pranto,  
As preces dos irmãos, d'amiga os rogos  
A Deus p'ra que vivesses! — Mais um Anjo  
No ceu inda faltava; e foste tu  
Esse Anjo, que o Senhor quiz escolher. —  
Voaste para o ceu, deixando áquelles,  
Com quem tinhas vivido, uma saudade,  
Que jamais findará. E se tu podes  
Queixosas notas escutar da lyra,  
Que a chorar-te se atreve, inda que sabe  
O que valem seus sons amortecidos,  
La verás que amisade e dor somente  
Me fizeram descer o pranto ás faces.  
Pede, ó Anjo, ao Senhor p'ra que me dêe  
Essa fe e conforto em minhas magoas,  
Que tu soubeste ter, e a paciencia,  
Com que vasaste o calyx tão amargo  
De todo o *fel* da vida. E quando a morte  
Tambem vier ceifar minha existencia,  
Roga tu ao Senhor p'ra que me faça  
Gosar perto de ti celestes mimos,  
E viver a teu lado, amar-te sempre.

Coimbra — Setembro de 1857

AMELIA JANNY

## PARAFRASE

Si fractus illabatur orbis,  
Impavidum ferient ruinae.  
HORAT. lib. 3 od. 3.

O constante varão, que ousado e forte,  
Da difficil virtude pisa a estrada,  
Não sente a rija temp'ra soçobrada  
Ante os golpes crueis da negra sorte:

Não teme equuleos vis, não teme a morte;  
Se a consciencia percebe socegada,  
Do patibulo a rir la sobe a escada,  
E impavido recebe o extremo corte:

Veja embora surgir furias do averno;  
Veja os ceus desabar quebrando a terra,  
Atros vulcões rasgar-lhe o seio interno:

Veja tudo a ferver em dura guerra...  
Alenta d'entro em si valor superno;—  
Ao mortal virtuoso nada aterra. (F.)

## Logogripho

Principio e meio era em Roma  
De usança immemorial;  
Meio e fim é dos celleiros  
Habitante natural;

Fim e meio ha no transporte  
De muitas mercadorias;  
Principio e fim nos valados  
D'aldea nas cercanias.

Que sou rei, e que sou livre  
Ja um poeta cantou;  
Mas é peta: eu não sou rei,  
E somente escravo sou. K.

## EXPEDIENTE

Tem-se-nos dito:— não publiqueis certos escriptos, que, por falta de grande merecimento, possam comprometter a existencia do vosso jornal...

Muito teriamos que responder a estas *amigaveis* observações...; mas talvez nos baste por hoje recommendar de novo a leitura do prospecto, e depois introdução a esse mesmo jornal, para lhes tranquillisar

os animos; e se 'nisto vai grande incommodo— ja nos contentaremos com um ou dois minutos de reflexão sobre o titulo, que lhe pozemos— **PRELUDIOS-LITTERARIOS.**

Os Castilhos, Garretts, Herculanos, Lopes de Mendonça, Mendes Leal e outros— não vêm para Coimbra:— *saem de Coimbra...*

Em uma palavra: todas as vezes, que não considerardes *tambem* OS PRELUDIOS como uma *escola practica*, em que se *ensina e aprende* a escrever para o publico— os PRELUDIOS perderão uma grande parte do seu interesse,— da sua utilidade.

A litteratura de mancebos, que mal transpuzeram ainda os umbraes do immenso edificio dos conhecimentos humanos— não tem a vaidosa pretensão de *competir* na actualidade com a de gloriosos veteranos, que ja levam consummada uma grande parte da sua existencia so, e *exclusivamente* so, 'nessas lides do pensamento...: a que ella aspira é á gloria d'estes, que os seus ensaios e esforços lhe vão preparando para o futuro. Todos começam assim...; com a differença de que uns tem tido a *abnegação* de dizer para o mundo critico:— isto pertence-me, —jé meu!; em quanto que outros so depois de certos louros, colhidos *pelo socorro de braço mais poderoso*, é que se atrevem a fazer tão arriscada confissão.— Sirva-vos de exemplo Garrett com as suas *emprestadas* iniciaes F. E...

Escriptos começados nos numeros 1 a 6 dos PRELUDIOS-LITTERARIOS, e cuja publicação continuará no 2.º trimestre:

*Preludios-litterarios*, — *As primeiras paginas d'um romance*, — *Bellas artes*, — *Vicio e virtude*, — *Estudos sobre as poesias de Schiller*, — *Instrução*, — *A terceira edição dos Lusíadas*.

Aos Ex.<sup>mos</sup> Srs. J. B. A. G., de Vizeu; A. M. C., de Lisboa; e J. A., de Lamego:— agradecemos, e faremos publicar.— Ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. J. D. L., do Porto: a sciencia *pesada* está fóra do quadro das nossas publicações.

V. DA SILVEIRA

# PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

## A FAMILIA E O PADRE

Est-il un homme dont la famille ne soit une partie de la vie, ou présente ou passée ou future, chez qui ce mot prononcé ne fasse vibrer quelque corde, et dont il n'obtienne quelque sourire ou quelque larme? PAUL JANET

Si nous remontons aux temps les plus reculés, nous voyons les patriarches à la fois rois et prêtres de leur nombreuse famille.

LE PELLETIER DE LA SARTHE

Onde o prazer se ostenta em toda a sua natural e encantadora simplicidade é, sem duvida, no lar domestico, no seio da *familia*. Ahi, quando as multiplices formulas ridiculas, contraditorias, vaidosas até á insolencia, que a sociedade costuma inventar, se não practicam, se desconhecem, ouvireis o marido, a mulher, os filhos, os parentes, — a *familia*, falar das coisas, que mais tocam o coração, que mais interessam a vida moral; ouvireis falar da religião, da vida eterna, — ¡em Deus! e com aquella candura, que commove, que seduz, porque é sincera, porque é natural.

¡É que alli o coração não precisa engendrar formulas para se exprimir, e para nos captivar; nem a imaginação adornar-se com os atavios d'uma eloquencia artificiosa para nos convencer!

¡É que a logica sisuda, grave, reflectida da razão, cede o campo á logica imponente, á philosophia irresistivel do coração humano, ao raciocinio infallivel do sentimento!

A homogeneidade de crenças, a communnidade d'affecções, a sorte, em tudo e por tudo commum, que produz a união dos corações, são ao mesmo tempo o esteio, os verdadeiros principios d'organisação da vida

1859—Março

domestica; são a causa dos prazeres, dos gosos incessantes, intimos, indiziveis, que todas os dias, todas as horas, todos os instantes alli se experimentam...

Ligados pelo duplo laço do amor e da religião, o homem e a mulher, constituindo a *familia*, fazem d'este mundo uma habitação de felicidade, percursora d'outra felicidade mais alta, mais duradoura, permanente, eterna.

Se a vida é um mal, so assim o podereis supportar; se é um bem ¿ como gosal-o melhor?

Mas nem so prazer se encontra na *familia*. Felicidade perfeita não espereis achal-a n'este mundo, que a não tem, que vol-a não póde dar...

Quando pois a adversidade e a acção occulta, inexoravel, providencial do destino, pedindo ás coisas d'este mundo o quinhão, que 'nellas lhe cabe, vem perturbar, quebrar algum dos elos da *familia*, ¡ah! vel-a-heis debulhada em pranto, — mas ainda mais respeitavel, mais imponente!

Não vos attrae então pelo prazer; seduz-vos pela dor...

¡Não são os innocentes regosijos, as ternas expansões d'outr'ora, que alli vedes!...; mas a dor pungente, mas lagrimas... não d'essas, que amigo hypocrita, ou amante astuciosa fingidamente vós inculca...; mas lagrimas verdadeiras, nascidas do soffrimento e da dor, ¡se é que a intensidade da mesma dor as não queimou no peito, antes de brotarem nos olhos e humedecerem as faces!

Se podeis contemplar as scenas mais tocantes da vida, como se fosseis a estatua da indiferença... , se podeis presencial-as, sem que o coração, repassado d'asedume, se

N.º 7

alie aos que a desventura uma vez perseguir...; se não sois christão,— não entreis n'aquelle asylo sagrado da *familia*, onde a dor foi occupar o lugar do prazer, onde o silencio é apenas interrompido pelos suspiros, que uma dolorosa saudade arranca do peito!

¡A vossa presença alli é um insulto, um escarneo, uma profanação!

O atheo, que transpõe o limiar do templo de Deus, que não adora, em quem não crê,— não é mais profano, nem mais sacrilego!

*Deus assim o quer...*; resignemo-nos: são as palavras evangelicas, inspiradas pela religião de Christo, que ouvis proferir ao pai, á mulher, ao irmão..., que choram a falta do filho, do marido, da irmã!..

¡É ainda a religião, que vem soccorrer a familia n'aquella hora solemne!

¡É ainda a fe em Deus, que lança o balsamo da esperança e da resignação no seio da *familia*, a quem a desventura ceifára uma vida cara, uma existencia querida, e ¡quantas vezes! o seu unico arrimo..., o seu unico amparo!

¡Quanto é grande, ó Deus, o teu poder! ¡quanto nos fortificas pela fe!

A *familia*, essencialmente religiosa nos extremos do gozo, ¿ como poderia não selo no excesso da desventura, n'esses momentos d'angustiosa provação?..

Reciprocidade na dor e no prazer,— eis o que se encontra na *familia*, na sua expressão natural e genuina. ¡Não a confundais com essas uniões, em que d'uma parte da mesa está a victima, e da outra o algoz!

¡Resultado algum proficuo não o espereis d'essas sociedades, que o mais inqualificavel dos abusos chama *familia*, so porque a lei assim o quer! Bem depressa os laços do matrimonio se convertem em duras algemas, que fazem sentir todo o seu peso...: a victima estrebucha, mas ¡debalde! é ja tarde; não póde quebral-as...

O verdugo, ¡esse contempla com os sorrisos e indiferença do cannibal os soluços da sua victima, e la vai na desenvoltura da orgia dar pasto ás suas desordenadas paixões!..

É que a cubiça infrene, e a torpe avidez

não podem produzir, o que so é fructo do amor, sanctificado pela religião — a *familia*...

¡Tremenda deve ser a responsabilidade dos que assim violam as leis divinas e humanas, ou para isso concorrem!

EDUARDO J. COELHO

### Duas palavras sobre a Sociedade Philanthropico-Academica

... percebéramos emfim claramente que o christianismo se resume em uma palavra — fraternidade.

A. HERCULANO

Não vamos escrever sobre sciencia. ¿ Que novas verdades veriamos nós, pobres neophitos, na cultura de seus vastos e pouco doceis campos, trazer-lhe? Nenhumas. Tocando apenas a orla de seu tão extenso horisonte, que a rasão, ainda a mais inspirada, mal póde *comprender*, e como que se perde em sua immensidade; mal levantada diminuta porção do veu, que torna difficil á intelligencia humana o accesso á verdade, e por isso de merecimento o descobril-a, poderiamos, quando muito, apresentar principios por outrem achados, theorias filbas de alheia actividade.

A mesquinhez de nossos cabedaes, mesquinhez devida, ja ao enfesado dos meios, que, para os obter, possuímos, ja á angustia do tempo que, para curar defeitos que estes enervam, temos tido, obsta, pois, a que entremos no velho e nobre certamen entre a humanidade e o erro travado, e que possamos, auxiliando aquella, fazer perder terreno a este, e junctar assim mais uma victoria a tantas outras, que tem alcançado a rainha da criação, em cuja fronte o roçar dos seculos vai tornando mais e mais sensiveis traços, que claramente indicam a sua origem e perfectibilidade.

Todavia, nem so sobre sciencia se póde escrever: prova-o bem o nosso, não diremos cançado (porque entendemos, com Guizot, que o cançasso é pessoal, que se não transmite, e que é por conseguinte, absurdo suppor que póde um povo sentir enfraquecidas suas forças, por trabalhos que não executou), mas adormecido Por-

tugal, onde, apesar dos numerosos escriptos que diariamente apparecem, raros são os que d'ella se occupam: a rasão ignoramol-a... Outro é o nosso fim; diverso o objecto de que pretendemos occupar-nos. Concorrer fraca e indirectamente com a nossa debil voz, que de certo não pôde soar em amplo espaço, para levar a energia e a vida a uma instituição, que hoje se acha um pouco abandonada e falta de seiva,— é o alvo a que visamos.

A associação é inquestionavelmente o meio mais poderoso e mais fertil em resultados, de que o homem pôde lançar mão para remover obstaculos, que originam a lucta em que elle tem constantemente de viver, em quanto soffre na terra o exilio, a que não podia deixar de ser sujeito como ser perfectivel, que é. É por meio d'ella, que a sociedade poderá mais facilmente franquear o longo, e talvez jamais percorrido espaço, que a separa da realisação do typo, que deve affectar um dia, a fim de reproduzir na terra o que hoje so existe no ceu. É, finalmente, a alavanca, que, na mão intelligente e poderosa do unico ser creado, que apos a vida tem a eternidade, não achará, talvez, um dia estorvo que não destrua, difficuldade que não remova.

Mas, para que a associação seja um tão poderoso auxiliar da humanidade, é necessario darem-se 'nella dois requisitos, faltando-lhe os quaes, de elemento de civilisação se converterá 'noutro verdadeiro obstaculo á acção sobre o individuo da lei do desenvolvimento humano, cujo effeito é obrigar-o a caminhar sempre pela estrada do progresso, onde se por acaso pára a espaços é para adquirir novas forças, e poder depois ir avante com passo mais firme e seguro. Esses dois requisitos são — um fim justo e verdadeiro meio para o fim unico,— e uma boa direcção. Sem o primeiro similhar-se-hia nos effeitos ao tufão, que, passando rapido, como pensamento mau em alma pura, sobre cultos terrenos, destroe, revolve e confunde no po em momentos o fructo do trabalho de milhares de braços, e da acção de numerosas forças naturaes com arte e aturado cuidado aproveitadas e domadas; sem o segundo seria como o

diamante, que, ainda não lapidado, é talvez menos bello do que a grosseira stalactite pendente do tecto da sempre humedecida gruta, mas que em breve não soffrerá com ella, na belleza e no brilho, paralelo, se sobre elle passar a mão do homem, d'esse microcosmo, synthese admiravel de toda a realidade creada.

A instituição a que nos referimos, satisfaz á primeira condição; mas infelizmente, não podemos dizer outro tanto com relação á segunda. Na verdade, ¿ que fim mais nobre, e de resultados de maior alcance, pôde ahi haver, do que aquelle que se propõe realisar e satisfazer a Sociedade-Philanthropico-Academica? Levar a instrucção e o desenvolvimento intellectual a cada um dos seus membros, e habilital-os assim a fazer um bom uso da intelligencia, d'essa faculdade, instrumento da rasão, sem a qual a sciencia seria uma chimera, e a verdade apenas existiria para o homem no senso commum; soccorrer cada um de seus filhos, quando o sopro da desgraça o lançou na extrema miseria, e libertal-o d'este inimigo terrivel, que o homem, abandonado e so, não levaria de vencida, é, de certo, o fim mais elevado e mais util á sociedade, que instituições humanas podem realisar.

Todavia, a Sociedade-Philanthropico-Academica não cumpre (com magoa o dizemos) como podia e devia a missão, que sobre si tomou: filha d'um pensamento, que so a rasão do ser creado á imagem de Deus podia engendrar, ella não tem, se assim nos podemos expressar — materializado esse pensamento como era mister; não o tem convertido em facto com aquella extensão de que elle era susceptivel. A rasão d'isto, é a falta de energia e actividade, que em todas as suas direcções tem havido.

É esta, de certo, a causa porque esta Sociedade, que conta ja nove annos d'existencia, se não acha hoje 'nequelle estado de desenvolvimento e brilhante poderio, a que podia ter sido elevada. Assim como complicada machina, destinada para com seu trabalho tornar menos pesado o jugo, que sobre o homem exerce a materia, inutil se torna, se uma força não vem dar movimento a cada um dos elementos, que, em har-

monica relação combinados, constituem o seu admiravel organismo, assim a Sociedade-Philanthropico-Academica *perfeitamente* organizada, contendo em si todos os elementos indispensaveis para conseguir o fim, que tem por alvo, não satisfaz, por falta de movimento 'nesses elementos, por falta d'uma força poderosa, que sobre elles actue e os faça funcionar.

Não se offendam, porém, os individuos, que á testa d'esta Sociedade se têm achado, com o que levamos dito; não é nosso intento accusar ninguem. Somos os primeiros a confessar os talentos e merecimento d'um grande numero dos seus directores, e a achar até certo ponto motivo justificativo dos poucos cuidados e limitado tempo, que á Sociedade consagram nas numerosas e importantes obrigações, que têm a cumprir. E porém um facto que nós lamentamos, e que quereíamos não existisse.

A não recepção das quotas mensaes, a que cada socio é obrigado, prova bem esta falta de diligencia da parte das direcções; e não se julgue isto uma affirmacão gratuita: somos socio há dois annos, e não temos memoria de que, durante este longo periodo, viesse uma so vez o cobrador da Philanthropico-Academica pedir-nos a prestação devida: |outro tanto tem acontecido com a maioria dos socios!

Na verdade, nada mais é necessario para enervar e dar em terra com toda e qualquer associação ou sociedade, embora instituida debaixo dos melhores auspicios, e contenha em si os mais ferteis elementos de prosperidade e progresso.

Apontaremos ainda outro facto, que prova senão incuria, pelo menos demasiada boa fe da parte das direcções: é elle o dar-se mezadas a individuos, que não carecem de tal soccorro, em quanto outros, para poder continuar sua carreira, têm de recorrer a seus condiscipulos e collegas.

Não especialisaremos mais. É 'nestes factos e em outros analogos, que nós encontramos a causa (não primaria) da estabilidade, ou antes entorpecimento da Philanthropico-Academica; o motivo, por que é mister haver basares para que se não esgo-

tem de todo seus cofres, — meio a que em verdade so em ultimo lugar se devia recorrer.

Que a Philanthropico-Academica possa, 'num proximo futuro, exercer a sua benefica e secundissima acção 'numa menos limitada esphera, é o nosso mais vehemente desejo. Emquanto ao contemplal-a a encontrarmos como no presente, a magoa virá sempre, em resultado, contrair-nos o coração. Oxalá, não fique sem echo a voz, que ora levantamos; se succeder o contrario, servir-nos-ha ao menos de consolo este pensamento: «Na grande empresa até a queda é nobre.» B. M.

### O HOMEM E OS VEGETAES

Se fosse possivel traçar dois mappas, um dos quaes figurasse a vegetação florestal, que cobria os continentes antes da creação do homem, e outro a que os povoa agora, dir-se-hia, comparando-os, que a face da terra mudou completamente, e que a influencia continuada d'alguma poderosa causa lhe deu um aspecto mui differente do primitivo.

¿O que foi que, oppondo-se á influencia das condições climatologicas e ás leis geraes do desenvolvimento organico, fez succeder em diversas regiões as cidades, as estradas, as searas e os prados aos extensos arvoredos, que outr'ora os povoavam? ¿O que foi que substituiu as arvores elevadas e magestosas das florestas pelas pequenas e humildes plantas das searas? ¿o aspecto nobre e elegante da palmeira ou do cedro pela apparencia mesquinha e acanhada das gramineas ou das leguminosas? ¿os deleitosos e inebriantes perfumes da madre-silva e da nespereira pelas exalações inodoriferas dos cereaes e pestilentos effluvios do arroz? ¿O que foi que assim modificou a superficie do globo?

|Foi a mão do homem!: foi a mão do homem guiada pela sua intelligencia audaz, movida pela sua vontade soberana!

O homem não podia viver sempre uma vida errante e selvagem, procurando de bosque em bosque nos ninhos das aves e nos fructos das arvores uma alimentação

incerta e contingente. Nas faculdades, com que a natureza o dotára, encerravam-se mais elevadas tendencias; manifestavam-se aspirações mais sublimes no desenvolvimento incipiente do seu espirito. E não houve obstaculo tão forte, que lhe estorvasse as tendencias, ou matasse as aspirações.

O homem avançou no seu desenvolvimento progressivo, deixando o estado de caçador, a que não podia ser indefinidamente condemnado, pelo estado pastoril; este pelo de agricultor, até chegar em fim ao estado civil. As mattas e florestas conviviam somente ao seu primeiro estado. Tornando-se pastor, devia promover o desenvolvimento das plantas, que serviam de alimento aos seus rebanhos. Agricultor, depois, foi desbravando os terrenos cobertos de grandes arvores para as substituir pelos vegetaes destinados á sua nutrição, ou á dos animaes que domesticára. Elevando-se mais tarde ao estado civil, deu novo impulso á destruição das florestas para satisfazer ás necessidades do commercio e da industria, extrahindo das arvores, que as compunham, as madeiras, que as construcções exigiam, e o combustivel indispensavel não so em muitos processos industriaes, mas para alimentar o fogo do lar domestico.

O desaparecimento das mattas e florestas, seguindo os passos da civilisação na superficie da terra, passou da Asia á Europa, e do velho ao novo mundo. Na America observa-se hoje o que em epochas remotas succedeu nos paizes, em que primeiro brilhou a luz da civilisação. Depois que os nossos antepassados, movidos do amor da gloria e das riquezas, passando

Por mares nunca d'antes navegados

descobriram as terras do novo continente, a emigração dos europeus e o cruzamento das raças augmentaram progressivamente a população, que, na fertilidade do solo e excellencia do clima, achou favoraveis condições de desenvolvimento.

Desde essa epocha, em que começaram a ser arroteados os terrenos, que grandes e espessas mattas cubriam, a vegetação flo-

restal tem diminuido ao passo que a população augmentou e a civilisação progrediu. Mais alguns centenares d'annos passados, e essas florestas virgens, cheias de magestade e encanto, que o viajante ainda hoje admira, terão caído aos golpes do machado do agricultor americano, que ha de terminar a obra, que o colono europeu seculos antes começára.

A. FILIPPE SIMÕES

## UM CAPITULO DE NOSSA SENHORA DE PARÍS

DE V. HUGO

Notre Dame de Paris não é um romance na accepção vulgar da nossa epocha, — é Paris do 15.º seculo perante o 19.º, — é a defesa da grande e elegante architectura contra os barbaros civilizados, que copiam em vez de crear; que caíam em vez de sculpir; que substituem o vidro pintado das egrejas pelo vidro incolor, que mancham o vulto grandioso d'um edificio da idade media com qualquer apposição bastarda no gosto, no trabalho, e portanto na concepção, na idea. É o brado d'indignação contra o ultrage, que a mediocridade faz ao genio em toda a parte e de todo o modo; que produz as deturpações na Batalha, e que levanta em frente de Sancta Cruz o ignobil portal que alli vemos.

Notre Dame de Paris é a expressão d'uma intelligencia immensa, que voa sobre as passadas edades, vai á mais remota d'ellas buscar a architectura em elemento, volta para nós acompanhando esta no seu desenvolvimento em massa, na sua ampliação e correcção em bordados e em flores; que, encontrando a invenção de Guttemberg, se eleva á alta philosophia de comparar o livro á architectura, d'estudar o que ambos significam na desenvolução moral da humanidade; que abre, em fim, um capitulo, grande no genero, grande no estylo, que se inscreve — o livro matará a architectura.

Este prognostico é posto pelo grande homem na boca de D. Claudio Frollo, d'este character severo, d'esta nobre intelligencia, d'este devorador de livros sagrados e pro-

fanos, que da theologia passa á medicina do tempo, ás sciencias liberaes; que nós vemos depois estudando o livro de Honorius d'Autun — *De predestinatione et libero arbitrio*.

Notre Dame de Paris é uma serie de proposições, que levam a alma do concreto para o abstracto; que a fazem voar livremente no campo, que lhe pertence—o da elevação e sublimidade.

É um accorde de cantos magestosos em louvor sempre, em sanctificação do bello na forma e no pensamento: aqui no homem, alem no edificio — ¡vêde! De todas as figuras, que preparam ou apparecem na peripetia da parte dramatica d'este livro, quatro se appresentam na saliencia do quadro, ainda que em planos differentes. Encontrais bem deffinidas, bem illuminadas no primeiro, as figuras de Claudio Frollo e de Quasimodo. É a antithese na fórma. Aquelle esconde o corpo alto e de proporções magestosas na amplidão das roupagens negras, para melhor avultar a fronte nua, pallida, a quem o brilho febril dos olhos dá expressão grandiosa, mas sinistra. Vós todos ledes alli, n'aquella fronte, na expressão d'aquelle rosto, a sublevação impotente da rasão contra o sentimento, do remorso contra o amor, que as vestes do arcediogo de Notre Dame não devem roçar. E se reparais na severa energia, que esta figura exprime; se pensais que uma tal cabeça deve conter um espirito de fogo, concebeis, que as rugas temporãs da fronte, que o maldito sorriso da boca, que a febre dos olhos retraidos na arcada orbitaria dizem, que o ciume em almas como a de Claudio Frollo é um veneno, que mata, é um incendio, que devora.

¡Quasimodo é um horror! É a forma indefinivel entre o homem e o monstro. É um ente repugnante, que tem vista para ver os escarneos de todos, que não tem ouvido para dizer-lhe á alma, nas horas mortas da noite, que o azul do firmamento, que o scintillar das estrellas, o sussurro das fontes, o suspirar das virações nocturnas, o canto das aves, que as vozes da natureza, em fim, são tambem para elle. Assim, não pôde ter o pensamento consolador de que, repudiado pela sociedade, come é, tem com

tudo um lugar de conviva na representação das maravilhas de que Deus é o auctor. Na negra noite d'aquella alma uma so luz fulgurou ainda: a gratidão para o arcediogo, que o acolhera, que lhe deu o abrigo e o pão, e a faculdade d'ouvir nas torres de Notre Dame a voz dos sinos, que fala aos homens. Reparai ainda. No mesmo plano, mas mais deslumbrante, vedes a figura d'uma cigana, divinamente bella. Bella nas formas, bella porque o olhar, o gesto, o sorriso se fundem n'uma expressão innegavel d'innocencia, candura e pudor. É ella que dá a luz ao monstro e ao homem. ¡Ella! a pobre cigana, proscripta no meio da sociedade, isolada no seio da multidão! ¡Ella! a quem falta o documento da familia 'nesta epocha das hierarchias! ¡Ella! que pertence a uma raça, que o fanatico e o algoz so reconhecem humana pelos gritos, lagrimas, e gemidos nas salas de tortura, ou perante a forca!

Mas esta formosa criação levou um dia, subindo os degraus d'um pelourinho, uma pouca d'agua ás fauces de Quasimodo dessecadas pela perda de sangue atraves dos sulcos vivos, que o chicote lhe fizera no dorso. Mas esta cigana de quinze annos tem a figura d'um archanjo, com a sua aureola de virgindade d'alma e de corpo.

¡Olhai agora de novo Quasimodo e Claudio Frollo! ¿Não vos parece que o primeiro, regenerado pelo olhar da Esmeralda, deixa de ser repugnante, ¡tanto a expressão da sua figura é agradecida, tanto significam aquellas mãos postas diante do anjo?!

¿Não vos parece, que a mão de Claudio Frollo tracta de comprimir o coração, ¡tão impetuoso foi o movimento, que lhe levou a mão direita para o lado esquerdo do peito?! ¿O olhar com que este homem abraza a Esmeralda não é antes proprio da aguia, que do homem?

No segundo plano, vulgar e rasteiro, vedes uma outra figura: é Phoebus de Chateaupers. Por muito que estudeis, so encontrais n'ella a forma de homem correcta, e coberta com os europeis d'um capitão do tempo. Não lhe descobris uma expressão, que revele uma alma; mas encontrais, sim, o orgulho de raça, que lhe ensinaram no cas-

tello dos pais, e o pasmo da ignorancia. Bem vedes — aquelle não comprehende que se sinta interiormente; é menos do que um cão...

Agora junctai estas quatro figuras no vosso pensamento, desprezando os accesorios do quadro: ¿o que pensais?

O bello, na pessoa d'Esmeralda, appareceu e deslumbrou tres naturas bem diferentes. A do arcediogo, cujo espirito combateu com o sentimento. D'esta lucta resultou a idea do crime. A grande intelligencia é ainda influenciada pelo fanatismo da epocha; explica o amor pelo sortilegio; e crê, que a morte da cigana acabará a sua tortura de remorsos e de ciumes.

A de Quasimodo, que conheceu primeiro a gratidão, e que d'esta se elevou á adoração da Esmeralda, sem o querer, envergonhando-se de sentir, elle, que os outros todos desprezam. A elevação da alma de Quasimodo faz esquecer a deformidade do corpo. Nem admira. Nos terrenos, que um volcão subterraneo accidentou vigorosamente; em que o abysmo e o cerro, o arroyo e a torrente se succedem, ha muitas vezes mais vegetação frondosa, mais brilhantes flores, mais echos, mais sonoridade, do que n'aquelles em que o plaino é levemente modificado pela curva ondulante das collinas. No momento em que pensastes assim, a vossa alma fugiu do concreto para o abstracto; deixastes de ver o corpo, e so vistes a alma. A de Phoebus de Chateaupers sentiu so o desejo. ¿O que ha 'neste mundo, que possa fazer impressão em quem tem de menos a faculdade de sentir, e de mais a ignorancia?!

Agora se vos lembrades de que o olhar da Esmeralda, do bello, fugia do arcediogo e de Quasimodo, para se fixar com delicias em Phoebus, pensai que o mal rasteiro e ignobil perdeu o anjo; que a ave brilhante, que pôde fugir á aguia, vai ser, no delirio da fascinação, victima da serpente estúpida, reptil e má.

Quando lerdes a apreciação do monumento em geral, que vai seguir-se, sentireis tambem que a vossa alma tende a fugir, do edificio, que é o effeito, para o pensamento que lhe foi causa. Sentireis um complexo de

respeito e de saudade, quando contemplardes as flores de pedra, em que um poeta das passadas eras escreveu o seu fogo de criação; 'nesses tempos em que o manuscrito levava difficilmente á posterioridade o valor da sua inspiração; em tempos mais proximos mesmo, em que a censura repellia ou deturpava a obra do genio.

Sentireis mais indignação talvez, quando virdes a estúpida figura do frade ordenar estragos n'uma maravilha de pedra, se pensardes que a architectura é a irmã mais velha do livro; que a architectura foi o refugio de toda a invenção nobre, antes da vinda de Guttemberg, que revolucionou o mundo.

E se, como eu, tiverdes estado, á hora do crepusculo da tarde, na grande sala do capitulo da Batalha; se, como eu, tiverdes visto o rouxinal dos campos por entre os labirintos do florão, que fecha a abobada, achareis, que o cantor da tarde não fica deslocado nas flores do edificio; e comprehendereis que a poesia e o lyrismo podem escrever-se em pedra, antes de se traduzir em letras.

A. SILVA-GAIO

## ESTUDOS GENEALOGICOS

AO EX.<sup>MO</sup> MARQUEZ DE SOUSA HOLSTEIN

Dai vós favor ao novo atrevimento.  
CAMÕES Ct. 1.º Est. 18.

Levados pelo estudo da genealogia a saber qual a ascendencia dos Ex.<sup>mos</sup> Duques de Palmella, lemos o que a este respeito nos diz o eximio auctor do Novo Diccionario da Lingua Portugueza, o Sr. E. de Faria; e consultando mais alguns escriptores, de reconhecido merito, viemos finalmente a descobrir uma *inexactidão* do Sr. Faria 'nesta parte; por quanto nos diz elle, na ultima edição do seu Diccionario, o seguinte: «PALMELLA, (duque de) (hist.) Pedro de Sousa Holstein, distincto diplomata e estadista portuguez; nasceu na cidade de Turim em 1781, morreu em Lisboa em 1850. Distincto por nascimento, pois

descendia de *D. Luiz Affonso*, filho natural d'El-Rei *D. Affonso III*.

Não encontramos na descendencia, quer legitima, quer bastarda, de *D. Affonso III* filho que se chame *D. Luiz Affonso*; porque os filhos d'aquelle monarcha foram:

Legítimos (a)  $\left\{ \begin{array}{l} \text{D. Diniz, que lhe succedeu} \\ \text{no reino.} \\ \text{D. Fernando} \\ \text{D. Affonso} \\ \text{D. Vicente} \\ \text{D. Branca} \\ \text{D. Sancha} \\ \text{D. Maria} \end{array} \right.$

Brandão (b) dá como filha legitima *D. Constança*, que não menciona a já citada *Arvore Genealogica*.

Bastardos (c)  $\left\{ \begin{array}{l} \text{D. Fernando} \\ \text{D. Affonso Diniz} \\ \text{D. Martim Affonso} \\ \text{D. Rodrigo Affonso} \\ \text{D. Maria} \\ \text{D. Urraca Affonso} \\ \text{D. Leonor de Portugal} \\ \text{D. Urraca} \end{array} \right.$

Brandão (d) diversifica em quanto aos nomes; porque dá duas filhas de *D. Affonso III* com o nome de *Leonor*, em quanto que *Falcão*, minucioso como foi, na sua *Arvore Genealogica da Casa Real portugueza*, faz menção de duas com o nome de *Urraca*; mas não é este o nosso ponto de questão: diz o *A.* citado (e) «A antiguidade da familia de *Sousas* é tão grande como se póde ver no *Conde D. Pedro*, tit. 22. Basta saber que, muito antes de haver Reis em Portugal, tinha *Condes e Sanctos*, que a illustravam, e que, vindo a faltar a descendencia masculina nos principaes ramos d'esta geração, casou *El-Rei D. Diniz*

dois seus irmãos com duas senhoras herdeiras d'aquelles morgados.»

Foram estes, *D. Martim Affonso* e *D. Affonso Diniz*, que tiveram illustre descendencia 'nestes reinos. (a)

Mas deixemos falar por um pouco *D. Antonio Caetano de Sousa* (b), que mais alguma coisa esclarece a questão. «Era o *Marquez Henrique de Sousa*, decimo neto por varonia d'El-Rei *D. Affonso III*, por seu filho *D. Affonso Diniz*, que alguns fazem legitimo, e filho da *Condeça Mathilde* (c).»

E mais adiante diz o mesmo *A.* (d), que a unica descendencia legitima de *Sousas*, se acha na casa de *Alafões*, pela pessoa de *D. Diogo Affonso*, filho de *D. Affonso Diniz*: ora este so podia ser o filho de *D. Affonso III*, pela razão que levamos dita, e não *D. Luiz Affonso*, que não existiu; pelo menos ainda o não encontramos como filho de *D. Affonso III*.

*D. Martim Affonso*, e *D. Affonso Diniz*, filhos de *D. Affonso III*, como temos provado, vindo a faltar a descendencia, por varonia, na casa de *Sousa*, casaram, o primeiro com *D. Ignez Lourenço de Sousa*, o segundo com *D. Maria Paes Ribeiro*, filha de *D. Pedro Eannes d'Aboim*, senhor de *Portel*, *Leiria* e *Cintra*, e de *D. Constança Mendes de Sousa*, filha herdeira de *D. Mem Garcia de Sousa*, rico homem de sangue (e), senhor de *Souto de Rebordaes*, a

(a) *D. Ant. C. de Sousa*, *Hist. Gen. da C. Real liv. XII cap. 1.º*—*Brand. M. Lusit. 4.º p. cap. XXIX*, pg. 220.

(b) *D. Antonio C. de Sousa*, *Mem. Hist. Gen. dos Gr. do Reino*, pg. 10.

(c) *Falcão*, em uma nota á sua *Arvore Genealogica*, diz o seguinte:—*Observa o Auctor da Hist. Gen. da C. Real. Tom. 1.º pag. 165* que são uniformes os *AA. Portuguezes* de melhor nota, e bem assim os *Estrangeiros* em negarem, que *El-Rei D. Affonso III* tivesse filhos da *Condeça de Belonha*, sua primeira mulher. *Rui de Pina* e *Antonio de Sousa de Macedo*, escrevendo com menos averiguação, seguiram contraria opinião, que já refutaram *Duarte Nunes de Leão* e o *Auctor da Hist. Gen. da C. Real*.

(d) *D. Antonio C. de Sousa*, *Mem. Hist. e Gen. dos Gr. do Reino*, pg. 11.

(e) *Ricos-Homens*, antigamente eram os *Fidalgos de nobre geração* e bondade. Este titulo, na ordem da *Fidalguia* o primeiro, acabou no tempo d'El-Rei *D. Affonso V*; e *Nuno Martins da Silveira*, seu *Escrivão da Puridade*, foi o ultimo a quem se conferiu, por carta do 1.º de *Julho de 1451*:—*Barb. á Ord. liv. 2.º tit. 21, n. 5*:—*Villas Boas*, *Nob. Port.*

(a) *Falcão*, *Arv. Gen. da C. Real Port.*

(b) *Brand. M. Lusit. 4.º p. cap. XXVIII*, pg. 218.

(c) *Falcão*, *Arv. Gen. da C. Real Port.* *Brand. M. Lusit. 4.º p. cap. XXIX*, pg. 220: *D. Antonio C. de Sousa*, *Hist. Gen. da C. Real liv. III, cap. XXV*.

(d) *Brand. M. Lusit. 4.º p. cap. XXIX*, pg. 220.

(e) *Brand. M. Lusit. 3.º p. cap. XXXI*, pg. 82.

qual veiu a ser a unica herdeira da grande casa de *Sousas*.

D. Mem Garcia de Sousa era neto do Conde D. Mendo de Sousa, chamado o *Sousão*, em differença d'outros Condes, que concorreram no seu tempo. Achou-se na conquista de Silves com D. Sancho I, de quem foi mordomo mor; e d'elle escrevem, que fóra o mais honrado, e maior senhor que havia depois do dito Rei, expressão que assas explica a sua grandesa (a).

Todavia estes dois ramos de *Sousas* dividiram-se, o primeiro em *Sousas Chichorros*, o segundo em *Sousas d'Arronches*; e d'este ramo tão illustre descendem os Ex.<sup>mos</sup> Duques de Palmella; e a prova é a seguinte:

D. Martim Affonso, *Chichorro*, espartela as Quinas de Portugal com as Armas de Leão; e D. Affonso Diniz, de *Arronches*, assim chamado por haver sido sua a Alcaldaria d'aquella Villa, espartela as Quinas de Portugal com quadernas de meias Luas (b); e este é o Brazão, de que ainda hoje usam os Ex.<sup>mos</sup> Duques de Palmella; por consequencia outra prova de que a sua ascendencia é, sem contradicção, de D. Affonso Diniz, filho de D. Affonso III.

E apesar de não vermos aquelle Brazão com a quebra de bastardia, como se acham os de D. Fernando e de D. Affonso Sanches, filhos de D. Diniz; e de D. Jorge (c), filho de D. João II, não podemos duvidar de que fosse bastardo; e ainda mesmo que esta questão não fosse tão bem tractada por D. Antonio C. de Sousa, na sua Historia Genealogica, tinhamos a prova nas palavras do proprio Rei D. Affonso III, em uma escriptura de *doação* feita a D. Affonso Diniz, na era de 1316, que é a de 1278, um anno antes da sua morte, cujo extracto é o seguinte: — «*Do, & concedo D. Alfonso,*

*filió meo, & Marinae Petri de Enxara totum illum herdamenti, quod fuit Velasci Stephani, & uxoris suae Sanciae Petri, & Ausendae Suerii, socerae dicti Velasci Stephani, quod herdamentum dedit, sive vendit mihi Martinus Alfonsus filius meus pro mille, & quingentis libris...* (a).

Poucas familias ha em Portugal de sangue tão esclarecido, e que tantos serviços tenham feito em prol da patria. Antes da fundação da monarchia encontramos D. Egas Gomes de Sousa, o primeiro que em Portugal tomou o appellido de *Sousa*, e que acompanhou a corte de D. Affonso VI de Leão, e D. Affonso Henriques de Portugal.

E depois da fundação da monarchia, firmada no campo de Ourique, ja figura, como camareiro mor do Grande Affonso, João Fernandes de Sousa, testemunha celebre do apparecimento de Jesus-Christo ao Sancto Rei (b).

Mas não cabe em humilde penna como a nossa escrever, em tão pequeno artigo, a genealogia de heroes, que tanto sangue derramaram para conquistar este Reino aos Mouros; o nosso fim, unico, foi advertir uma inexactidão, em que, parece ter cahido o illustrado Auctor do *Diccionario da Lingua Portugueza*.

A. M. SEABRA D'ALBUQUERQUE

## LAGRIMAS E FLORES

POR

J. PINTO RIBEIRO

Quando pela primeira vez abrimos este pequeno volume de poesias, tão diminuto em formato como preciosissimo pelo valor; quando percorremos avidos estas paginas repassadas d'um sentimento verdadeiramente lyrico e d'uma ternura toda elegiaca, sentimos na leitura aquelle entusiasmo, que, ao escutar o trecho favorito de Bellini ou Mozart, interpretado por cantor de me-

(a) Brand. M. Lusit. 4.<sup>a</sup> p. cap. xxix, pg. 220 V.

(b) Retr. Elog. Hist. dos V. e Donas que illustr. a N. Port. — *Sousas*.

cap. VII, pg. 53. — D. Ant. C. de Sousa Mem. Hist. Gen. dos Gr. do Reino, e Mem. Hist. Gen. da C. Real, liv. 4.<sup>o</sup> cap. 1.<sup>o</sup> pag. 36.

(a) Goes, Nobiliario.

(b) Brand. Mon. Lusit. 3.<sup>a</sup> p. cap. xxxi, p. 82: — Villas Boas, — Nob. Port. pg. 333.

(c) Retr. dos V. e Donas que illustr. a Nação Port. — Estrang. no Lima, Dialogo VI. — D. Antonio C. de Sousa, Mem. Hist. Gen. dos Gr. do Reino, pg. 20.

rito, nos obriga a descerrar os labios com o *bravo* espontaneo e frenetico.

As impressões nascidas d'esse enthusiasmo, então lançadas ao papel sem nexa nem pensamento fixo, e hoje colligidas e remodeladas, para virem a lume com pobres atavios, são o thema das linhas que vamos escrever. Não é, por certo, bem o sabemos, um trabalho esthetico modelo, escravizado aos preceitos da arte; mas tambem não é uma collecção de pensamentos avulsos bebidos surrateiramente em S. Beuve, e applicados sem convicção ao nosso livro; são ideas, apoucadas sim, mas que brotarão sem constrangimento, ao sentir a triste sinceridade das lagrimas e o grato perfume das flores, que matizam aquellas poesias.

Não nos accuse o leitor menos benevolo de extemporaneos ou tardios; animar a vocação nascente, dar-lhe são conselhos, verdadeiro cimento da sua criação, acompanhá-la com louvores merecidos nos periodos do seu gradual desenvolvimento, glorificá-la depois de feita, e não a deixar dormir um so instante sobre os loiros alcançados, — é tarefa a que nunca se poderia dar o epitheto de intempestiva, e cremos não ser esta a mais feliz resposta, se nos interrogassem, a nós os portuguezes, pelos monumentos nacionaes, que honram as cinzas de Camões ou Garrett.

Salvos porém d'este escolho, vemo-nos logo a braços com outro, que não escapará por certo a algum esmerilhador de defeitos; estamos mesmo d'aqui a ouvil-o baptisar este escripto com o nome de critica de campanario, dedicada a um conterraneo, e quem sabe se amigo intimo. Esteja porém tranquillo; se Deus nos fez nascer sobre o mesmo solo e nos deu por patria a mesma terra, distanciou-nos comtudo pela falta de relações, e nem mesmo nos conhecemos. Sirva esta declaração de salvaguarda á imparcialidade do nosso humilde voto, e de realce ao merecimento do poeta portuense. C. Castello-Branco exaltou ja não pouco os seus carmes; e depois que um nome auctorizado como este vem em abono d'um genio, póde-se á vontade mofar dos zoilos, como o fazia Bocage, depois que Philinto presára seus versos.

Outras maculas por ahi hão de deparar, mas não estas. O nosso fim todo é solver uma divida, que tinhamos contraído depois da leitura das *Lagrimas e Flores*; e destacar bem o vulto do seu auctor d'entre a multidão de Bavios e Mevios, que surgem quotidianamente debaixo dos nossos pes, tão bastos como cogumellos em noite chuvosa, para nos servirmos da chistosissima comparação d'um dos nossos maiores litteratos contemporaneos.

Quem, como o auctor das *Lagrimas e Flores*, depurou os seus sentimentos no crisol da saudade; quem, como elle, sentiu murcharem-se-lhe as primeiras flores da juventude sobre o conves d'um navio, debaixo do sol adusto dos tropicos, e á vista da patria, cujas collinas lhe desappareciam na orla do horizonte, — havia de ter um pranto real, e as suas lagrimas não deviam de ser as do crocodilo. A saudade, este nume por cuja invocação o nosso divino Garrett abre uma das suas melhores obras, este sentimento intimo, que so póde julgar quem o experimentou, é uma fonte perenne de inspiração; e não são por certo os rigores do exilio que são capazes de exhaurir a veia poetica, a quem sente dentro em si este sagrado fogo.

Em algumas das bellas, que vamos apontar n'esses versos verdadeiramente inspirados, se verá que não é a hyperbole o vicio de nossas palavras.

---

### Maximas, pensamentos, etc.

Evitai a inimisade com o vosso antigo amigo; porque, sabedor de vossos mais intimos segredos, póde tornar-se o vosso mais temivel inimigo.

M. J. L.

---

Arguindo certo fidalgo de provincia um dos redactores dos PRELUDIOS-LITTERARIOS, porque *desperdiçava a excellencia por entre o povo*, este lhe respondeu: Mas, meu caro e nobre descendente de Adão, — *jeu não desperdiço a excellencia! — aproveito o povo...*

V. DA S.

## SONETO

¡Quanto invejo, Camões, o engenho e arte,  
Com que tu tanto a Lysia engrandeceste,  
Quando os Barões e as armas descreveste,  
No teu canto espalhado em toda a parte!

Do exímio Appolo, do guerreiro Marte,  
Distincto alumno d'entre os mais te ergueste:  
Tão nobre exemplo d'amor patrio d'este,  
Tão raro, ¡que ninguém pode egualar-te!

Debalde a ferrea mão da dura sorte  
Quiz ver se te lançava em vil quebranto,  
Com mil desgostos, mais crueis que a morte:

Mas, todos junctos, não poderam tanto;  
Nem fizeram vergar teu braço forte,  
Nem fizeram calar teu alto canto.

José R. d'AZEVEDO

## UM BEIJO

SONHO E REALIDADE

O baiser de l'amour et  
des fiançailles, ou est ton  
prix sur la terre!

A. CURNILLON

Mil vezes nossa alma, sujeita ás lembranças,  
Que ás scenas do mundo pediu emprestadas,  
Devassa os palacios d'um bello sonhar,  
E entra, brincando, por essas moradas.

É 'nesses instantes, que o corpo jazendo,  
Entregue ás delicias d'um louco dormir,  
Alarga as cadeias, que á alma o ligavam,  
E deixa-a, ridente, p'ra longe fugir:

E ella, assim livre do jugo maldito,  
Que o ente infinito lhe dera ao nascer,  
Os prados virentes, fagueiros, amenos,  
Em voos serenos la vai percorrer:

Até que a matéria, por fim saciada  
De ver-se votada a um negro jazer,  
Acorda e obriga-a a volver-se tristonha,  
Quando inda, risonha, sorvia o prazer.

N'um d'esses instantes, assim venturosos,  
Minha alma não sei o que então recordou;  
Mas sei que d'um sonho lembrança mui viva,  
Bem fundo gravada d'alli me ficou.

Juncto a mim via a mulher,  
Que de ha muito idealisára:  
'Stava linda, tão formosa  
¡Qual nem eu a imaginára!  
No olhar dizia: *amor*  
No sorriso, — *crença, ardor.*

Em seu rosto angelical  
Reluzia uma esperança,  
¡Qual estrella, que ao proscripto  
Traz da patria uma lembrança!  
¡Era de Deus um condão,  
Era amor, inspiração!..

E ao vel-a assim, tão bella,  
A seus pes ajoelhei;  
E suas mãos entre as minhas  
Ternamente eu enlacei.  
Quiz olhal-a assim, prostrado...  
¡Fiquei louco... extasiado!..

Tão feliz vendo-me então,  
Quiz aos ceus mil graças dar;  
Quiz d'alli aos pes de Deus  
Minhas preces elevar:  
Mas debalde... ¡em vão tentei!..  
Ri p'ra ella, e ¡não resei!..

Não resei, porque a mulher,  
Que alli juncto a mim estava,  
¡Era o Deus de minhas crenças,  
O senhor que eu adorava!  
¡Era o ceu, eternidade, —  
Paraizo, f'licidade!

Não resei; mas de joelhos,  
Fitando-a com mais amor,  
¡Senti resnascer no peito  
D'um desejo sancto ardor!  
¡Era intenso!.. não venci!..  
¡Dei-lhe *um beijo!*.. enlouqueci!..

Ó premio sagrado de sancta affeição,  
¿Quem póde no mundo negar-te o valor?  
¿Quem póde descrever d'essa tua magia,  
Estrella da alma de ethereo fulgor?

Se, mesmo sonhando, so pude encontrar-te,  
Ó pomo doirado da arvor' d'amor,  
¡Ainda me lembram encantos que tens,  
Mysterio pod'roso, condão do Senhor!

Nem quero olvidar-te, porque hoje no mundo  
É raro que o homem te possa encontrar:  
Os beijos da terra são falsos, mentidos,  
São mudos, não sabem, não podem falar!

É que o homem, 'nestes tempos  
D'egoismo e de descrença,  
Na mulher ve o interesse,  
Troca amor por indifferença;  
¡E so abre o coração  
Do vil oiro á vil paixão!

O beijo não tem poder  
Se não diz — ¡dou-te riqueza!  
E — ¡coitado! — é 'scarnecido,  
Se revela — *amor, firmesa!*  
O homem surri então,  
¡Dando em troca a ingratição!..

E a mulher, que esse thesoiro  
Cedia do coração,  
¡Perde tambem suas crenças,  
Vendo a paga que lhe dão!..  
E o beijo, que era sagrado,  
¡Hoje é falso, é estudado!..

¡É assim, que 'nestes tempos  
O homem tem desbotado  
Da mulher ledo sentir!  
¡E assim se hão desfolhado  
As flores de nossas crenças  
Mais vivazes, mais intensas!

Ó beijo, premicias d'um sancto amor,  
Se pude, gostoso, 'num sonho provar-te,  
¡Eu hoje, acordado, correra mil mundos  
E fóra, contente, por la procurar-te!..

Fevereiro de 1858

MELLO BORGES

### AFFEIÇÕES

À EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. V. DE Q. G.

Ama o preso a liberdade,  
A abelha viçosas flores;  
Amam os prados os rios,  
Os amantes seus amores:

Amam os campos arbustos,  
O passaro ô seu nininho;  
O novillo a verde relva,  
A terna mãi seu filhinho:

Amam os peixes as agoas,  
Plenos de vida e fervor;—  
Amo eu so os doces laços,  
Que prendem o nosso amor.

Lamego, 2 de Março de 1858

J. A.

### Charadas

Ando sempre em companhia, — 1  
E fui bom e liberal; — 1  
Da India ja vim ha muito, — 1  
Villa sou em Portugal.

S.

N.º 5.º { Voltarete.  
          { Abadia.  
N.º 6.º — Pirata.

### EXPEDIENTES

Rogamos aos Sr.<sup>s</sup> Assignantes dos PRELUDIOS-LITTERARIOS, que residem em terras, onde a redacção não tiver ainda estabelecido commissões, ou não possuir amigos seus, que obsequiosamente d'isso se tenham encarregado — se dignem remetter o preço das suas assignaturas ou em estampilhas de 25 reis, se a quantia for de menos monta, ou por meio de vales do correio, deduzindo-lhe o premio correspondente.

Aquelles Senhores, que não quizerem continuar com a sua assignatura, no 2.º trimestre, sendo de fóra de Coimbra, muito nos obsequiariam — se nos devolvessem este numero, com a mesma cinta com que o receberem, a fim de podermos dar-lhe a competente baixa; e sendo de Coimbra, — se o não abrissem, nem amarrotassem — para ser, dois ou tres dias depois da sua distribuição, recolhido pelos distribuidores, sem prejuizo para a redacção.

Faltam-nos os numeros — 692 do *Campeão do Vouga*, — 39 do *Jornal da Associação Industrial Portuense*, — 3 do *Archivo Universal*: Hespanha — desde os numeros 14 em diante da *Revista de Instruccion Publica*. Muito penhorados ficaremos com a reparação d'esta perda.

Queixam-se das provincias de extravios de numeros do nosso jornal: pedimos mais zelo da parte dos Sr.<sup>s</sup> Carteiros, ou d'aquelles que podem ser a causa d'estes extravios.

V. DA SILVEIRA

ASSIGNA-SE E PAGA-SE: em Coimbra — loja da imprensa da Universidade; Lisboa — livraria universal, de Silva Junior & C.<sup>a</sup>; Porto — Jacintho Antonio Pinto da Silva; Viseu — Francisco Gomes Pinto; Pezo da Regoa — Manuel Mendes Osorio; Evora — V. J. da Gama; Bragança — Antonio Caetano d'Oliveira Furtado; Lamego — José Cardoso; Santa Comba-Dão — Antonio Ferreira da Cunha; Leiria — José Pereira Curado; Aveiro — Ernesto Augusto Ferreira.

### PREÇOS

	SEM ESTAMPILHA	COM ESTAMPILHA
Anno .....	1\$240	1\$400
Trimestre .....	360	450

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

# PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

## LAGRIMAS E FLORES

POR

J. PINTO RIBEIRO

II

Na epocha em que Pinto Ribeiro deu á luz o primeiro fructo do seu talento precoce, era então um hymno gratulatorio, que entoavamos á poesia, pelo apparecimento de tão esperançoso adepto; hoje não o podemos fazer, porque as cordas d'aquella harmoniosa lyra emmudeceram. Não vimos porém increpar Pinto Ribeiro por um crime, em cuja cumplicidade elle apenas tem uma diminutissima parte; foi victima d'um contagio, e não fez mais que acompanhar os poetas da geração nova no lethargo, em que jazem mergulhados.

Pergunta-se: ¿onde está o estro de Mendes Leal, de J. de Lemos, de A. de Serpa, de Palmeirim, de Soares de Passos e de tantos outros filhos queridos das musas?; e ve-se, percorrendo as fileiras d'essa illustre pleiade, que os laços do hymeneu, as negações da politica, a prosa do seculo e a declinação da poeto-mania têm sido os assassinos da poesia moderna.

Effectivamente, em atmospherá tão impregnada de gazes, deleterios, era impossivel que a arvore da poesia fructificasse, muito principalmente depois que todos esses contratempas a mergulhassem nas trevas precursoras do estioloamento. Ha no entanto uma causa sobre tudo, que muito concorre para que estes tristes symptomas recrudescão; e vem a ser o materialismo, que quasi se tem identificado com a epocha, embotando muita penna, quebrando muito

plectro e inutilizando muito pincel. O mancebo sente-se poeta quando se lhe coam no coração os arroubos ineffaveis do primeiro amor; e, se possui o dom da expressão, vence, por um esforço potente, a pressão que sobre elle exerce esta atmospherá de prosa, e publica uma trova inspirada; mas isto não é mais que um effeito galvanico, que cessa com a passagem da corrente; basta a primeira decepção para lhe faller o animo e deixar cair a lyra, que nunca mais será levantada. É o que se tem dado entre nós.

E não se lembram, que, depois dos gelos do coração, deve apparecer a reacção da cabeça para os fundir, e que d'ordinario é então que se consummam as obras primas! Depois de se ser Lamartine póde-se muitas vezes chegar a ser V. Hugo. Os melhores poemas epicos não foram por certo terminados nos dias mais venturosos de seus auctores; e elles são padrões eternos em honra da litteratura.

Estamos hoje quasi em plena esterilidade poetica; e com isto estão não pouco castigados os que, no tempo em que a moda de fazer verso chegou a mania, maldiziam esse furor de poetar. ¡Felizes nós com o flagello, se no meio da sua intensidade podessemos saudar de tempos a tempos a publicação de producções de tanto merecimento como o *Ave Cesar*, a *Lua de Londres*, o *Festim de Balthasar*, a *Doida d'Albano*, etc.!

A poeto-mania sería um mal, mas em quanto ella reinava havia a emulação; e a esta se deve apparecer o grupo de bons poetas, que mais se distinguiram no certame. Deixassem vir os jornaes politicos e litterarios carregados de versos; não fizessem

reparo na abundancia de hebdomadarios exclusivamente consagrados a este ramo de litteratura, muito embora gemessem diariamente os typos com as edições de novos volumes de poesias; em vez de murmurar, applaudissem, porque depois o publico, e mais tarde a posteridade, extremaria o bom do mau e daria a Cesar o que fosse de Cesar. Se queriam obras mais impereciveis do que simples poesias fugitivas, esperassem-nas da concorrência, porque com especialidade seria ella propria para as fazer vir a lume.

Tirado este nobre incentivo para os engenheiros noveis, seria loucura vir arremear a Pinto Ribeiro o labeu de negligente, e declaral-o mesmo incurso em lesa-litteratura. A culpa não é d'elle, mas da epocha em que vive; consciós d'isto, limitar-nos-hemos a lastimar a interrupção, talvez termo, da carreira, que todos lhe agoiravam semeada d'ovações e successos. Talvez que a nossa palavra seja impotente para restituir á poesia um cultor tão esmerado; mas fica-nos a satisfação de termos pago um tributo merecido, e concorrermos para reviver a memoria d'um livro portuguez e de verdadeira poesia.

## A MANHÃ NA MINHA TERRA

Recordação

AO MEU AMIGO VIEIRA DA SILVA

Amigo:—; Tu sabes o que é a manhã em a nossa terra, quando os nossos olhos, ainda não fascinados pelo encanto de um rosto de mulher, a contemplam em toda a sua magnificencia, e se extasiam 'nessé quadro maravilhoso, desenhado pela mão sapiente do Creador, fixando-a desde o primeiro alvor matinal até á hora ardente do meio dia?

A manhã em a nossa terra é para nós como a donzella innocente, que, erguendo-se com timidez do singello leito, vai arre-dando a pouco e pouco as roupagens, que a cobriam; sorri, e, julgando-se não vista, mostra-nos claro o corpo, enrubecido o rosto, aureas as tranças; vem mirar-se na

face do lago, rever as frescas flores e humedecer com seus osculos as verdes plantinhas do seu jardim. E nós, ao vermola assim tão bella, cheia de languidez e de amor, apaixonâmo-nos por ella, mas esta paixão é tão casta, que nos não traz á mente uma so idea impura: adoramol-a, suspiramos por ella; e, quando os calidos raios do sol do meio dia vêm crestar aquelle mimoso corpo, choramos por ella, e ficamos eternas as saudades escondidas no intimo do coração. Podêmos depois ver muitas mulheres formosas, muitas terras ricas com as suas manhãs lindas; mas encanto como o tinham as montanhas da nossa terra ¡jamais o encontramos em parte alguma!

Olha, amigo, ve a manhã na minha terra:—ainda a noite, mãi do mysterio e do silencio, das inspirações e dos sonhos domina o espaço.

Alva não se mostrou. Alem, no salgueiral sombrio da margem esquerda do Mondego, pia o moxo solitario, o noitirago nuncio de desgraças. Aqui, no venerando castello, onde Martim de Freitas, o servidor fiel, deu tantas provas de seu heroico valor, pia a agoureira coruja, acoitada nas fendas da velha cantaria. A cidade repousa: so não repousa o estudante cuidadoso, que passou a noite a conversar com algum ja finado auctor latino; ou algum ente apaixonado, que vela conversando com o paciente objecto dos seus enlevos.

Juncto á areia do rio coaxam as vela-deiras rãs. Começam as brisas matutinas a gyrar no espaço, derramando nos seus desenvoltos gyros o perfume roubado ás descuidadas florinhas dos campos. La se ouve o sino do mosteiro de Sancta Clara chamando á oração; e as recolhidas do Paço do Conde dão o signal de Trindades. Do lado do nascente vêm surgindo a pouco e pouco umas esfarrapadas nuvens pardacentas, que se encaminham com lentidão para o poente. Aparece a estrella d'alva; depois outras nuvenzinhas mais claras, e o espaço começa a cobrir-se d'um branco-anilado brilhantissimo.

Ja la vejo pela ponte fóra, a diante de seus dois fieis companheiros, o madrugador carreiro, que conduz para a cidade a

sua famosa carrada de lenha, cantando 'num ronzeiro estylo com voz rouquenha a classica endeixa, querida das guapas cachopas, que costumam ir em romaria ao *Senhor da Serra*:—

Fostes ao Senhor da Serra,  
Nem um anel me trouvestes;  
Nem os moiros da moirama  
Fazem o que tu fizestes.

— ¡Eh! castanho! ¡eh! la moreno!..  
E espicaça barbaramente os pacientes animaes, que nem se quer sabem responder-lhe:—

¡Nem os moiros da moirama  
Fazem o que tu fizestes!

Repara agora 'naquella fresca lavadeira, que, com a troxa de roupa á cabeça, coradas as faces, quaes duas romãs bem sasonadas, e as saias arregaçadas até o joelho, vai atravessando o rio, cujas aguas quasi lhe invejam a alvura da pelle d'esses bem torneados membros, que ella embebe no seio do transparente fluido. E a avesinha cuidosa da abundancia do recatado ninho, onde entre os filhinhos disfructa os mais almos prazeres, desprende agora o primeiro vô, e vai pousar no debil arbusto da orvalhada campina; e alli exalça as harmonias ternas do seu cantar, entoando com voz sonora o melodiosissimo canto matinal, saudando a aurora. Depois, saltando de flor em flor, vai brandindo as leves asas até chegar á ceara proxima, onde colhe os succulentos grãosinhos, com que correa manter a alada familia.

E agora orgulhoso,

Ja o sol vem espalhar  
Seu calor pelas campinas,  
Por montes, valles, e mar,  
Pelos vergeis e boninas,  
Pelos prados e collinas,  
Pelo palacio real;  
E tambem pela cabana  
Do pobre humilde zagal,

mostrando no esplendor e magestade de seu throno ser o rei dos astros. Os peixinhos correm na agoa animados pelo seu calor; radiam as variegadas flores; dou-ram-se os montes; as aguas parecem fios de finissima prata; rebrilham as areias de

mil cores: ¡é tudo vida, amor e prazer!

¡Oh! ¡que baixel tão garrido vai ligeiro sulcando a agua, com a sua vela enfunada, e tão ufanoso, que nem os aguerridos galeões dos nossos extremos avós, quando andavam por esses mares de Christo em demanda de ignotas regiões, onde deviam ir arvorar o estandarte da cruz! E escorregando-se veleiro pela face da agua, la vai aproximando-se da ponte; mas chegando ao arco grande, em cujos buracos (crêm os habitadores da visinhança) está escondida uma moura, que ficou encantada desde o tempo em que Coimbra fóra terra de musulmanos, sente arrear sua vela, como curvando-se respeitoso á veneranda ponte; e depois, inçando-a de novo, la segue viagem rio acima, chegando em pouco á *Lapa dos Esteios*, unico e desejado termo d'esta navegação.

Dois são os tripulantes d'este pequeno baixel. Nos rostos lhes tranluz o prazer entre as rosadas cores da juventude. Desembarcam, prendem o barquinho; e como o calor do sol ja seja em extremo exandecente, um logar sombrio e solitario procuram para repousar e meditar. ¿Aonde ir pois? Não será longe, porque alem se divisa a *Quinta das Lagrimas* com a sua *Fonte dos Amores*, onde ha 500 annos

Estavas linda Ignez posta em socego  
.....  
Aos montes ensinando e ás hervinhas,  
O nome que no peito escripto tinhas.  
.....

¡Que doce frescor! ¡que amavel sombra!  
¡que amena solidão aqui se disfructa! Aqui dorme a saudade nos braços da mais suspirosa melancholia. ¿Quem ha ahi com a alma tão resfriada pela indifferença, que ao passear-se alguns instantes 'neste logar, não sinta, ao menos, uma lagrima escorregar-lhe pelas faces?.. Tudo aqui respira tristeza, mas uma tristeza que consola a alma... Até esse ondulante arroio, que ahi se deslisa por sobre arrelva do chão, e que banha aquella lapida onde (é tradição popular) estão ainda frescas as gotas do sangue, que

Peitos carniceiros...

roubaram áquella,

Que depois de morta foi rainha;

até esse ondulente arroio, nos ensina a suspirar, chorar e amar.....

¡Oh! que lembranças estas! ¡Que suave sonho da imaginação! ¡Que feliz tempo foi o tempo d'outr'ora! Hoje, amigo, apenas me resta d'elle a saudade, esse—

Gosto amargo d'infelizes,

que me recorda a cada instante as suaves manhãs da minha terra!

Lisboa, janeiro de 1859      EDUARDO COELHO

## RECORDAÇÃO E ARREPENDIMENTO

A V. DA SILVEIRA

I.

A Caçada

A quadra do outono tinha já começado: o mez d'outubro corria veloz; e a natureza, despindo seu manto de verdura e com elle todas as suas galas, de risonha que era estava agora seria e pensativa, como que meditando novas galas, novas bellas; e, concentrada em si mesma, cuidadosa parecia depois querer já recommençar os trabalhos d'esse ornato, com que todos os annos, sublime e encantadora, costuma ostentar seu brilho, sua formosura, seu poder...

Qual donzella namorada, que, mostrando-se de dia ao amante revestida de mil encantos, de mil enfeites, em desalinho medita á noite a sos com sigo novos encantos, novos enfeites,—tal é a expressão da natureza 'nesta quadra, que os camponezes, creados em seu seio, parecem na sua simplicidade e singeleza querer imitar, semeando por toda a parte o germen de novas searas.

'Numa aldea que, 'neste nosso bello solo de Portugal, s'eleva n'uma pequena, mas pittoresca collina, que, recostando-se para o nordeste a uma montanha, mira altiva para o sul uma fertil planicie atravessada

pela mansa corrente de prateado rio— ¡era soberbo ver o espectaculo solemne e poetico, que durante os dias da semana apresentava a harmonia d'este pensamento da natureza com o de seus filhos, os camponezes! ¡Por toda parte o grato e melancolico socego do trabalho; por toda parte o mesmo silencioso pensamento!

Todavia ao domingo o sino do presbyterio vem interromper o trabalho d'essa pobre e laboriosa gente chamando-a á oração, soltando esse som mysterioso, que se grava n'alma, pois que a elle prendem os factos mais notaveis, da nossa vida; som que a aldea inteira escuta com respeito, porque, nuncio da oração, recorda-lhe os preceitos do Christo, os mais profundos e venerandos sentimentos, as mais solidas verdades,—¡porque na aldea cre-se!.. o camponez ainda não sentiu o scepticismo resequir-lhe o coração murchando-lhe o ultimo sentimento, ou triturar-lhe a intelligencia abalando-lhe a ultima crença!..

'Neste dia sanctificado ao Senhor, a vida da aldea é de manhã consagrada ao templo; depois aos divertimentos singellos e innocentes, cheios de prazer e folguedos: as mulheres reunindo-se, cantam, dançam ao som do adufe e das castanhetas...: a caça é o divertimento favorito dos homens.

O ultimo domingo d'outubro tinha pois rompido alegre e sereno: no ceu nem uma nuvem; o astro do dia mostrava-se radiante, e dava com o seu brilho uma certa animação á seriedade da natureza. A missa havia acabado; e ainda as bellas raparigas d'aldea, enfeitadas com o seu gracioso vestido dos dias de festa, saíam da casa do Senhor—já lá ao longe, no interior da povoação, se sentia o assobiar dos caçadores, o ganir alegre dos cães, o buliço da caça: tres tiros compassados deram o signal da partida; e d'ahi a pouco a alegre e robusta comitiva atravessava o fundo do adro do presbyterio dirigindo-se para a montanha, que se eleva ao nordeste.

A aldea tinha-se despovoado; o numero dos caçadores era grande. Tornavam-se porém salientes, pela elegancia do seu vestuario e das suas maneiras, dois mancebos e um

ancião, que 'noutro tempo calcára aos pes as asperesas das montanhas, mas que hoje, curvado pelo peso dos annos e dos trabalhos, montava 'num cavallo branco manso e formoso.

Os dois jovens cursavam os estudos, e estavam proximos a partir para Coimbra a fim de fazerem os seus exames preparatorios: um d'elles tinha genio folgasão e tumultuoso; o outro melancholico e sombrio; mas era commum a ambos uma intelligencia perspicaz, um coração docil e puro como se tem, aos vinte annos, na aldea. O velho algum tanto pallido, e d'um ar triste apresentava uma phisionomia carregada, que exprimiã um pensar continuo, um sentir profundo: andára n'outros tempos em Coimbra, mas havia ja bastantes annos, que se escondêra na aldea, onde era tido e respeitado como sabio, e quasi venerado como sancto.

Viam-no muitas vezes ao por do sol, sobre uma pequena elevação, contemplar immovel o ultimo adeus do astro do dia; e depois, ao cerrar da noite, dizem, que por vezes o viram ajoelhado no alpendre d'uma pequena ermida, que ahi se eleva escondida debaixo da espessa ramagem de dois gigantes cedros, ja mudo e extatico, ja baluciando palavras entrecortadas, que o silvar dos ventos por entre as melancholicas arvores tornava ainda mais confusas: até entre a gente credula da aldea corria voz vaga de que elle falava com os espiritos bons.

Amára a caça desde rapaz, porque gostava de se embrenhar pelos bosques solitarios, subir aos pincaros alcantilados das montanhas e deter-se ahi por um pouco envolvido nas regiões do mysterio, que o cercavam: agora a velhice so lhe consentia sair raras vezes no anno, mas essas eram de grande gala nos annos da aldea.

—¿Mas a caçada?—¿Onde vão ja os caçadores? dirá talvez o leitor.—¡Eil-os! uns, subindo a montanha, onde se recosta a aldea, estão proximos a tocar a cumiada; os outros, caminhando pelo valle, estão quasi a transpor a pequena elevação, que o termina: agora, mesmo agora tocam elles os seus pontos mais culminantes; começa

a sumir-se-lhes a aldea; e avistam ja para o lado opposto um vasto plano semeado, em parte, de matas de carvalho, perfumadas por odorifero rosmaninho, e ao fundo do qual, la muito ao longe, cordilheiras elevadas recortam o horizonte de mil maneiras.

F. F. C.-B.

## HISTORIA D'UM DESENHO

O que ignoro, ou o que sou incapaz de saber não me inspira, como a grande numero de homens, o desprezo ou quando menos o ridiculo; pelo contrario, seduz-me com toda a poesia do impossivel, fascina-me com todo o encanto da raridade, e attraime com todo o maravilhoso do mystico.

É por isso que, tendo a mais decidida negação para a musica, extasio-me, comovo-me e exalto-me, a ponto de me tornar incommodo, como o que se extorce nas convulsões d'uma crise nervosa, quando escuto as harmonias magestosas e lugubres do *Propheta* de Meyerbeer, as notas atrevidas e entusiasticas do *Attila* ou do *Hernani* de Verdi, as melodias graciosas e sympathicas da *Norma* de Bellini, ou finalmente as vibrações arrebatadas e febricitantes das *Réveries* de Gutmann.

Outro tanto me succede com o desenho e pintura. Nunca cheguei a traçar uma perpendicular, que, sem grave offensa ao prumo, não podesse passar por um projecto de espiral, quando por muito favor lhe não quizessem dar o foro de curva de focinho: era a esta ultima opinião que se acostavam os meus condiscipulos, que, assim como eu, não estavam no caso de se rir dos peccados alheios, porque para elles não havia jubileu possivel. Decididamente a minha vocação devia ser para a pintura. Mas a fatalidade, que me persegue, fez com que eu por simples curiosidade estivesse por tres horas a moer tintas: é verdade que o vermelho, a óca, e o azul da Prussia ficaram bem moidos, mas os meus braços ficaram-no mais, e a paciencia ainda muito mais.

Comtudo não fiquei aborrecendo nem o desenho, nem a pintura. Venero Rafael,

Guido, Van-Dick e Rembrandt, ainda que somente os tenha visto martyrisados n'alguma exotica lytographia, onde mão atrevida tentou reproduzir as perfeições dos grandes mestres; admiro os frescos de Paschoal Parente tão profusamente derramados por esta «terra d'encantos»; e em ultimo lugar, mas a cima de todos, respeito e idolatro a Grão Vasco, porque sou portuguez, e porque sei avaliar o merito e o genio.

¡Ai! Grão Vasco ¿que serias tu, e outros quasi tão grandes como tu, se não tivesses a desgraça de nascer em Portugal, onde a carta de nacionalidade é um diploma de inaptidão passado pelos contemporaneos, e um certificado d'escarneo ou esquecimento para alem do tumulo?

Aos que taxarem de gratuita esta asserção convido-os a compulsar a historia portugueza: — em cada pagina ahi acharão um facto que a fundamente, um argumento que a comprove.

Para descargo de consciencia devo com tudo confessar, que algumas vezes tem succedido haver um completo antagonismo entre os dictames da minha rasão e os preceitos da arte. Eu d'arte nada sei; mas interrogo o coração, e elle para mim decide *ex cathedra* em todos os objectos, cujo fim principal seja lisongear os sentidos e falar ao coração. De ha muito tenho de mim para mim (e perdoa-me tu, grande Horacio, esta heresia esthetica), que a arte não faz d'um sabio um genio; mas, pelo contrario, a um genio póde tornal-o menos que um sabio,.. uma medeocridade. Os preceitos da arte são proveitosos para quem não tem imaginação para conceber, e intelligencia para executar o que a imaginação concebe: para os entrevados d'espirito são uma muleta que os ajuda a caminhar; mas para a aguia, que tem força para subir, coragem para não temer, constancia para não recuar, ¿que mais poderão ser do que um ponto de partida? ¿que mais do que o pincaro escalvado do rochedo d'onde ella ergueu seu vô, mas que perde para sempre de vista quando em seu grandioso arrojio pertende devassar a cupula dos ceus?

A arte, a verdadeira arte, é a natureza, a universal esthetica, o archetypo do bello

e do grande, e não uma centena de linhas escriptas por um homem, que se imaginou superior a todos, para dar leis á sua intelligencia, aos seus pensamentos e á forma de os exprimir: Camões, se não fosse tão fiel proselyto de Horacio, se não se entranhasse tanto na Eneida, como a Eneida se entranhou na Illiada, em vez d'um poema immortal ¿dar-nos-hia um poema invulneravel ás mordeduras de quantos Macedos existissem!..

Paremos por aqui. Se me descuido escrevo uma dissertação, que, aqui para nós, é a coisa que aborreço mais apoz uma sabatina em branco.

Todo esse aranzel bombastico, que ahi está encaixado, vem a proposito para dizer, que o meu amigo F. P., sabendo d'este meu *fraco* artistico, me convidou ha poucos dias para em sua casa me mostrar uma riquissima colleção de gravuras, desenhos e lithographias, que mirei, folhee, aproximei ou desviei da luz, perscutando-lhes todos os effeitos d'optica, sem que proferisse mais que alguns murmurios de approvação, ou grunhidos de descontentamento.

A noite, valha a verdade, não havia de correr para o meu amigo muito divertida; mas em troca foi para mim superlativamente agradável; elle comtudo perdoarme-ha este meu accesso de mudez voluntaria, por que bem sabe que uma conversação para ser animada não so não necessita de mim, mas até muitas vezes descai, por isso mesmo que eu, por uma volubilidade natural, corto-a no seu ponto mais interessante por um simples monosylabo, ou, se me acho em maré de eloquencia, por uma oração, que me exforço em preencher com sujeito, verbo e attributo, como ensina a boa grammatica.

Quando o meu thesouro estava exgotado experimentei a sensação, que deve apertar o coração do avarento, que passando revista aos seus cofres lhe encontra o fim.

Conservei por muito tempo o ultimo desenho, crendo ver surgir de cada traço uma nova colleção mais abundante, mais rica e mais esplendida. O meu amigo, vendo-me 'naquelle estado de desalento, compadeceu-se da minha desdita, e deixando-me so, apos curtos instantes voltou trazendo um

novo desenho. | Como eu desejaria antes que elle voltasse carregado de papeis, como o pobre *fiel de feitos*, Simplicio da Paixão, de tão comica memoria!

— Este desenho, me disse elle ao chegar jnncto de mim, tem uma historia interessante.

— Comecemos pelo principio, lhe respondi eu: vamos primeiro á historia, depois ao desenho.

Mas ao mesmo tempo fui lançando mão do velino, tão maltractado e tão amarrotado, como *sebenta* em mãos de *cabula*. | Ai! Eva! curiosissima Eva! Eu por mim nunca hei de renegar de ser teu filho, sobre tudo quando penso, que a tua curiosidade deu origem a um tão maravilhoso poema, como o PARAIZO PERDIDO, e fez apparecer um tão grande poeta como MILTON!

— ¿ Conheceu Henrique d'Oliveira?

— Não me recordo.

— ¿ Nem ouviu falar nos seus amores com Cecilia de Castro?

— Ainda menos.

— Pois então escute.

Esta minha ignorancia da vida d'aquelles, que desde ja tenho a honra de apresentar como os heroes do meu conto, foi muito util aos leitores, que a podem vir a saber perfeitamente, se tiverem a paciencia de ler mais algumas linhas... Ouçamos, o meu amigo que está principiando.

Henrique d'Oliveira e Cecilia de Castro conjugavam o verbo amar tanto activa como passivameate, quando ainda no cathecismo da doutrina christã aprendiam o *acto de confissão*, para o papaguearem ao reverendo prior da sua freguesia no dia da sua primeira communhão. Ora um amor nascido sob tão bons auspicios não podia deixar de tender para um fim tambem essencialmente bom, — o matrimonio. Mas, que eu saiba, tem-se visto fazer tudo a creanças, menos o casar-se; forçoso pois lhes foi esperar pelo tempo. As intimas relações que prendiam as familias dos futuros consortes apertavam ainda mais seus laços, jurados de ha muito nas aras do amor, e firmados talvez com mil beijos, de certo muito castos, porém, muito expressivos...

| Um beijo!.. dirão as amaveis leitoras,

fazendo um tregeito de... de reprovação. | Perdão! ia dizer — inveja. | Um beijo!, dirão as leitoras, que não forem amaveis, pela simples rasão de o terem sido muito antes... | Um beijo! | credo! | Jesus!..., no nosso tempo... | Soceguem minhas senhoras! Eu disse, na verdade, um beijo, | mas, que ha ' neste mundo, que seja mais innocente do que um beijo?

Palmeirim diz:

Um beijo não é peccado,  
Se foi acceito e foi dado  
Sem mau pensar.  
Peccado talvez serla  
Negar-se com tyrania  
De um beijo dar.

A vista de tão respeitavel auctoridade peço a devida venia a V.<sup>as</sup> Ex.<sup>as</sup>, para deixar ahi ficar estampado o meu beijo..., meu, não ainda assim, entendamo-nos bem.

Henrique, que era um soffrivel traquinas, e Cecilia, que era uma linda creança, tornaram-se, com a idade, um sympathico mancebo, e uma adoravel menina. Chegad os porém á segunda quadra da vida, Henrique e Cecilia fizeram uma descoberta. Nem eu sei bem se foram os seus parentes que lhes a ensinaram a fazer... A descoberta pois, a maravilhosa descoberta, que tão grande honra vai grangear aos meus heroes, foi, que os homens não eram como aquelle de quem diz o poeta —

Comi o po das areias,  
Bebi um raio do sol,  
| E vivi!

Estas *narsejas* de nova especie, que se sustentam com o suco da terra, não existem senão no cerebro transtornado d'algum poeta ultra-romantico em delirio, cuja invenção, tamsomente poderia ser desculpada, se o seu estomago estivesse limpo de toda a immundicie vegetal, como de toda a alimaria terrestre.

As proprias exigencias do nosso organismo são uma pequena parcella na verba das despesas do homem civilisado. O luxo e a loucura consommem, não so o que têm de seu, mas até | quantas e quantas vezes vão buscar o alheio! — E | ai!, pobre esto-

mago — ¡coitadinho de ti! O coração, que o nosso mau fado collocou tão perto d'esta desprezível viscera, ressentente-se immediatamente das taes subtracções desengraçadas.

Estomago esmoendo vento, e coração ardendo em chammas é um phenomeno, que o mundo não terá o encommodo de observar muitas vezes.

Resumindo, digo que os meus noveis amantes necessitavam simplesmente de dinheiro — a mola real da maquina terra-quea. Henrique sacrificou a este ignobil metal os dias da juventude e da mocidade; trocou por noites de insomnia noites de pacifico somno, uma vida de folguedos e loucura por uma vida sedentaria e monotona, a liberdade pela dependencia. Cecilia pela sua parte sacrificou-se.. ¡a esperar!

Ha um velho proverbio que diz — *ninguém é propheta na sua terra.* — Henrique experimentou o seu grande alcance, e decidiu ir longe da patria buscar a fortuna, que lhe fugia na sua propria terra. La estava o Brasil, este enganador *El-dorado* dos nossos dias, a attrahil-o.

Na hora da despedida Henrique tencionou deixar á querida amiga da sua alma uma lembrança, que a fizesse incessantemente recordar d'elle, um confidente, com que pudesse desabafar, um cofre onde pudesse encerrar todo o sentimento que, lhe transbordava do coração. Para tanta exigencia nada ha que se preste melhor do que o papel. Henrique decidiu offerecer-lhe um album, onde depois esperava vir decifrar dia por dia a historia de seus amores em caracteres quasi todos apagados pelas lagrimas, que a saudade faria verter á sua encantadora Circe.

Um seu amigo foi convidado para lhe desenhar o frontispicio. Este frontispicio era o desenho, que me mostrava o meu amigo F. P., 'numa folha avulsa de papel, tal como tinha sido entregue a Henrique, e por este offertado a Cecilia.

Este desenho torna-se notavel por um não sei que de prophetico, que encerra. Logo á primeira vista se depara com uma especie de lapida funeraria, onde se acham insculpidas as iniciaes de Henrique d'Oli-

veira; e juncto a esta campã não se ve prostrada a imagem afflicta da amante, toda lagrimas com a aurora em abril, toda magua e tristesa como a rola, que geme no lascado pinheiro saudades do ausente esposo. ¿Advinharia o artista, que Henrique no verdor da mocidade, o alegre, o jovial companheiro do seu peregrinar sobre a terra deveria morrer aos 23 annos de idade, 'numa terra estrangeira, longe dos parentes que o choravam, e da amante que o trahia? ¿Advinharia elle porventura, que essa despedida era eterna, e quiz recordar a essa mulher, que o seu coração pertencia a um tumulo, onde se occultaria aquelle a quem ella tinha jurado um amor eterno?

Eu e o meu amigo não podémos deixar de notar esta celebre evidencia.

¿Notal-a-hia ella porventura?

Cecilia, na noite em que soube a morte do seu amante, — façamos-lhe justiça — chorou muito no seu quarto; no dia seguinte ria com muito boa vontade no theatro; no outro namorava na igreja, no mesmo logar onde tantas vezes seus olhos tinham ido encontrar os do seu desgraçado admirador...

E não ha muito alguém diante d'ella pronunciou o nome de Henrique; e o seu rosto ficou immovel: ¡nem um so de seus musculos se contrahi, nem uma so lagrima lhe assomou aos olhos, nem um suspiro lhe entreabriu os labios!

¡Como tão depressa se esquecem os que morrem!

Henrique fez uma grande asneira — o deixar-se morrer. Henrique era um grande parvo, acreditava na constancia das mulheres, o ente mais caprichoso e mais volúvel, que ha no mundo. Estas loucas borboletas não vivem senão quando o sol do amor lhes faz realçar os seus encantos, e lhes circunda a fronte d'uma aureola imaginaria de todas as perfeições: mas o sol do amor não desponta atravez d'um tumulo. La tudo é a realidade, tudo é o nada.

Se a Cecilia fosse necessario um pretexto para se justificar, ¿que mais plausivel o podia dar, do que dizer, que, se na morte ha o esquecimento, para que nos havemos de lembrar dos que nos esquecem? Mas, a

mulher não carece de pretextos, e loucura seria ir pedir-lh'os.

À vista do que, dirão os leitores, ¡que eu aborreço as mulheres! ¡Não! senhores; pelo contrario; mas tenho sempre em vista estas poucas linhas, que um dia vi escrever ao meu amigo E. P.: «em ligações amorosas, a regra geral ácerca das mulheres deve ser—desconfiar sempre do seu passado, aproveitar-lhes so o presente, e nunca contar com o futuro.» Parece-me que observando bem esta maxima não nos hão de causar grandes males os caprichos das mulheres. Nada de edealidades; a mulher é, como diz o meu amigo M. da Rocha, ¡a femea do homem!..

Mas voltemos ao desenho.

Ao mesmo tempo que a memoria de Henrique soffria o ostracismo do coração de Cecilia, o desenho, que a avivava, foi dado a uma creança, decididamente com o fim de o ver anniquillado em breve, porque talvez ella mesma não tivesse a coragem de o despadaçar.—Judas vendeu a Christo, mas não o açoitou; Pedro renegou seu mestre, mas não o condemnou. Para commetter grandes crimes é necessaria uma alma de mais rija tempera do que a d'um traidor...

Foi esta a rasão porque o papel estava tão amarrotado como acima disse. Um acaso fez com que o meu amigo, a custo d'algum quarto de rebuçados, o podesse salvar das mãos d'aquelles innocentes vandalos; o que era grande perda, porque ficava o leitor sem ter lido a minha obra.

Resta-me dizer, que o album está ahi a receber as inspirações de quantos Petrarchas em cuecas passeiam por este mundo de Christo.

Isto dito, recolho o meu espirito, e dou o meu conto por acabado.

Se alguém me perguntar: ¿Para que serve isto?

—Para nada, ha de ser a minha resposta.

—¿Então para que o escreveu?

—Ja são muitas perguntas; mas sempre direi, que foi por um motivo muito simples. Hontem acordei ás dez horas da manhã, deleneando um magnifico passeio *extra muros*; entra-me no quarto o creado:

—¿Que tal está o dia? lhe digo eu.

—Chove que nem a cantaros.

Enterrei-me outra vez por entre os lençoes, mas não me foi possível readormecer.

Passei meia hora voltando-me em todos os sentidos; por fim parei: tinha encontrado uma idea.

A idea, a magnifica idea, era escrever a—*Historia d'um desenho*,—que na vespera me tinha sido contada.

D'onde se conclue ¡que a chuva é a mãe da hortaliça e da litteratura!

A. S.

### A VESPERA E O DIA DE NATAL

¡Grande dia será amanhã! A colheita está na rasão directa da sementeira;... ora eu não fiz durante o anno senão convidar os meus amigos—para patuscadas, para merendas, para caçadas, etc.; ergo—amanhã devo receber um exercito de perús, um Sebastopol de doces, uma legião de brindes... ¡Isto é logico!

Estes foram os pensamentos, que me occuparam na vespera do grande dia. Dei ordem ao meu criado para me acordar logo que chegasse algum presente; pois que devidamente lhe queria fazer as honras da recepção.

Acabavam apenas de soar 8 horas da manhã, quando o meu criado entrou no quarto dizendo:—¡Senhor! trouxeram-lhe...—¿O que?, exclamei eu. ¡Deixa ver depressa!..—Esta carta, me replicou elle, extendendo ao mesmo tempo o braço, em cuja extremidade se achava effectivamente um papel. Peguei-lhe com bastante mau humor e abri. O conteudo do bilhete era o seguinte:

Meu Amigo:—Tu so regressas para Coimbra no dia 6 de janeiro: peço-te pois encarecidamente, que me fiques com esse bilhete da superior, para o beneficio do Mirate, que ha de ter logar no dia 5, com a *Lucia de Lamermoor*.

Teu amigo

T. N. B. F.

¡Maldito seja o meu amigo B. F., mais o tenor Mirate, mais quem inventou os beneficios!..

Mas, emfim — ¿que fazer-lhe? Não ha remedio: — tira da algibeira d'esse colete 960 reis (eram dois bellos pintos não cercados), e leva-os ao portador d'este maldito bilhete.

O principio da festa não me tinha agradado muito. Saltei fóra da cama; vesti-me, e tendo debalde esperado, a ver se vinha algum presente, decidi-me a sair, recomendando comtudo, que tomassem muito cuidado com o que viesse.

Saindo de casa dirigi-me ao Rocio, e ahi encontrei alguns amigos, que igualmente tinham ido passar as ferias a Lisboa, e que dando-me muitos abraços me convidaram a ir tomar alguma coisa ao Martinho.

Aceitei, cheio de regosijo; pois que finalmente encontrava alguém com verdadeiro desejo de obsequiar-me. O ponche, os cabazes de vinho do Porto, etc., foram ajudando a engolir alguns bolos, gosando-se ao mesmo tempo d'uma animada conversação, em que cada um tratava de fazer sobresair os seus dotes d'espírito.

Chega, finalmente, a occasião de pagar; e trava-se grande questão sobre quem o ha de fazer. Eu não quero ficar a traz, e atiro com a minha bolsa para cima da mesa. No mesmo momento os meus amigos retiram as suas, e o criado, *cedendo* ás minhas ordens, e não achando á vista mais metalico do que o meu, ¡mette 'nella os implacaveis dedos e paga-se da despesa feita!

Pretextando um negocio importante, aparto-me dos meus amigos, que de bom grado dou á fortuna; carrego o chapéu sobre os olhos, e saio ferindo lume e corrido da comedella.

Vou direito a casa e pergunto logo ao criado: — ¿Trouxeram alguma cousa? — Trouxeram sim Senhor: estão todos no seu quarto. — ¡Imbecil!.. digo, correndo para o meu quarto, ¡boa conta terão os perús dado dos meus livros! ¡Mas qual! Por mais que procurasse, não achei mais *pennas* do que as da secretária... que eram d'aço...

Então chamo, furioso, pelo criado, e lhe pergunto: ¿Onde está o que me trouxe-

ram?! — Em cima da sua commoda ¡Senhor!

Approximo-me...; mas so vejo papeis. Peguei no primeiro: dizia:

O carteiro do bairro lhe deseja muitas felicidades.

¡Mentira!

Pego 'noutro: começava:

No dia em que nasce  
Do mundo o Redemptor  
Não vos esqueçais, vos rogo,  
Do pobre distribuidor.

¡Desaforo! ¡Atrevimento! ¡Maroteira!  
Não quiz pegar em mais; e exclamei como Shakspear:

¡Horror! ¡Horror! ¡Horror!

No dia em que esperava receber presentes aos centos, ¡não encontro senão meia dusia de versos, de pe quebrado, com um sentido ouco e banal, e que de mais a mais pedem dinheiro!..

¡Oh! ¡basta!.. ¡Arripiam-se-me os cabellos so de pensar na serie de fatalidades, que 'neste dia me perseguiu!..

F. D'ALBUQUERQUE

### Maximas, pensamentos, etc.

Na eschola da adversidade aprende-se a prudencia.

A. HERCULANO

Se vos fosse possível reunir n'uma so idea as ideas de *vaidade*, *ignorancia* e *ambição*, a ponto de se confundirem, — terieis conseguido dagnerreotypar no vosso pensamento a mulher da epocha perante o hymeneu (a).

G. T.

### A F. BEIRÃO

'Nessa Coimbra tão q'rida  
Eu te vi, e te adorei;  
Mas por premio ¡so terei —  
Passar em tristesa a vida!  
Minh'alma de dor ferida  
Continuamente suspira;

(a) Mr. G. T. não conhecia provavelmente as mulheres portuguezas.

V. DA S.

Meu coração mal respira  
Dentro do peito opprimido;  
Meu mal por ti é movido...  
¡Oxala nunca t'eu vira!

Quando vi teu lindo rosto,  
E notei d'elle a belleza,  
Não pude ver a cruesa  
De que o teu peito é composto...  
Causa-me um mortal desgosto  
Ver-te com genio de fera...:  
Se antevisse que assim era  
Dura a tua condição,  
Logò te dera de mão,  
¡Vendo-te não te quizera!

Antes de ver-te eu vivia,  
Gosando o prazer maior;  
Ignorava o que era amor,  
Seus effeitos não sentia...  
Então gosava alegria,  
Que hoje de mim se retira:  
¡Sim, cruel, se eu te não vira,  
Se a adorar-te não chegára,  
Nunca o prazer me deixára,  
¡E nunca eu penas sentira!

A pura satisfação,  
Em que outro tempo vivi,  
¡Inteiramente a perdi!  
Não acho consolação...  
De ver tua ingratidão  
A minh'alma desespera;  
A tristesa a mais austera  
O meu coração devora;  
¡Oh! quanto feliz eu fora  
Se de ti nunca soubera!

UMA SENHORA

### AMOR DE MULHER

Vi-a, gentil e formosa,  
Vi-a, qual fragrante rosa,  
Imperando no jardim;  
Vi-a, suave rocio,  
Em manhã doce d'estio  
Sobre as pe'las do jasmim.

Vi-a, meiga philomella,  
Das estações na mais bella,

Em mavioso trinar;  
Borboleta d'alva cor  
Levemente em cada flor  
Ir um osculo poisar.

Vi-a, mulher endeusada,  
Vi-a, nympha, archanjo e fada,  
Nos ceus estrella a fulgir...  
Encantou-me o brilhar terno,  
Que em seus olhos poz o Eterno;  
Encantou-me o seu sorrir.

Seus cabellos loiro-escuros,  
Seus eburneos dentes puros,  
Como a neve, a branquejar;  
De carmim seus labios finos,  
Os seus encantos divinos  
Me fizeram delirar.

E ¡delirei! essas falas  
Ja no bosque, ja nas salas,  
Que lhe ouvia a furto então;  
Aquelle olhar em segredo,  
Esses sorrisos a medo  
Partiram-me o coração!

¡Amei-a! — amou-me! fui louco...  
Não ouvi o bramar rouco  
Da voz tetra do porvir...  
Cego 'naquelle delirio  
¡Não soube então o martyrio,  
Que havia depois sentir!

Hoje, arcando co'a desgraça,  
Tenho ja tragado a taça  
D'um viver, que nem sonhei;  
Hoje inda èrgo, ¡mas em vão!  
Um brado de maldição  
¡Ao que amar, como eu amei!

Sertã, 15 de Dezembro de 1857

A. L. DOS SANTOS VALENTE

### NA CONVALESCENÇA

DE MEU FILHO BRAULIO AUGUSTO

Nas horas do silencio, á meia noite,  
Eu louvarei o Eterno.

A. HERCULANO

¡Graças! graças! meu Deus!.. ¡Eil-o ja salvo!  
¡Eil-o vivo..., e eu feliz!.. O anjo lindo  
Não subiu inda ao ceu...: inda é da terra!..

¡Flor apenas nascida e ja formosa,  
 Flor tão bella, que a vida inda alimentas  
 Da seiva maternal, quasi murchada,  
 Quasi a pender no po da campã fria  
 Te ha deixado o furacão violento  
 De morbido soffrer! Planta fanada  
 Na aurora do existir, —sem que podesse  
 O rocio d'uma lagrima materna  
 Fazer reverdecer teu murcho brilho,  
 Ou da febre apagar sequer a ardencia  
 Que a vida e o frescor te consumia; —  
 Planta apenas aberta e quasi murcha,  
 Como o paterno riso, ¡eis-te de novo  
 Sorrindo á vida e aos pais e ao sol da infancia,  
 Que as graças divinaes te desabrocha!..  
 O Deus eterno ha qu'rido conservarte,  
 Anjo so d'elle, ainda sobre a terra,  
 P'ra agruras mitigar do terreo exilio  
 Ao pai quasi a perder-te... ¡Oh! torna á vida,  
 Anjo do ceu!.. ¡existe sobre a terra!..  
 Com teu olhar apaga a magoa triste  
 Dos dias meus. ¡Oh! seja o teu sorriso  
 O sol brilhante, que ao soffrer me rasgue  
 A nuvem densa, que o meu peito offusca!

E ati, Senhor... ¡oh! graças!.. ¡eit-o salvo,  
 Eilo vivo... e eu feliz!.. ¡Tu não quizeste  
 Leval-o ja p'ra ti! — ¡Do ceu o anginho  
 Á terra o concedeste!.. ¡oh! graças!.. graças!..

1859

A. M. DA CUNHA BELLEM

### EXPEDIENTE

Não restituiremos os originaes, que nos forem enviados para publicar.

Suspendemos a remessa da nossa folha,  
 por não termos recebido as que lhes cor-  
 respondem: Portugal — á Redacção do  
*Mundo Elegante*; Hespanha — á Redacção  
 do *Jornal de La moda*.

Têm sido enviados todos os numeros pu-  
 blicados do nosso jornal ás Redacções, que  
 nos têm feito o favor de enviar-nos os das  
 suas folhas.

Recebemos o 1.º numero do semanario  
 illustrado — *La lectura para todos*, que se  
 publica em Madrid debaixo da respon-  
 sabilidade do Sr. Bailly-Bailliere. Reco-  
 mendamol-o aos nossos assignantes, ja pela  
 variedade e boa escolha dos assumptos,  
 que se propõe tractar, ja pela sua notavel  
 baratesa, como se póde ver 'nesta parte do

seu prospecto, que em seguida transcre-  
 vemos:

«*La lectura para todos* se publicará con  
 la mayor regularidad, quedando responsa-  
 ble la casa de Bailly-Bailliere de toda falta  
 en el cumplimiento de lo que en este pros-  
 pecto se promete.

«Este periodico saldrá todos los sabados,  
 a contar desde el 1.º de enero de 1859.  
 Cada número constará de 16 páginas en  
 fólío con tres columnas cada página, *buen  
 papel y esmerada impresion*, conteniendo  
 la materia de un tomo en 8.º, que general-  
 mente se vende á ocho ó diez reales. Ade-  
 más llevará por lo menos de cuatro á cinco  
 grabados.

«Cada numero contendrá: 1.º una ó dos  
 novelas originales ó traducidas; 2.º uno ó  
 dos artículos de viajes á varias partes del  
 globo; 3.º literatura amena; 4.º seccion  
 religiosa; 5.º artículos científicos aplicados  
 á la agricultura, industrias, artes y usos  
 domésticos al alcance de todos; 6.º varie-  
 dades; 7.º bibliografia, ó revista crítica y  
 analítica de las publicaciones nuevas; 8.º  
 críticas teatrales; 9.º revistas de la se-  
 mana; 10.º los grabados correspondientes.

«Precios: por cada número tomado en la  
 administracion— cuatro cuartos, ultimatum  
 del barato: por suscripcion en Madrid, lle-  
 vado á domicilio, tres meses, 8 reales—  
 seis meses, 15 reales— un año, 28 reales;  
 en provincias (franco de porte)— tres me-  
 ses, 12 reales— seis meses, 21 reales—  
 un año, 38 reales.

«Se suscribe, en Madrid, en la adminis-  
 tracion, librería extranjera y nacional de  
 D. Carlos Bailly-Bailliere, librero de Cámara  
 de S. M. y de la Universidad central, calle  
 del Principe, núm. 11. En provincias, en  
 casa de todos los libreros y corresponsales  
 de empresas literarias y periódicos politi-  
 cos y científicos, á los cuales autorizamos  
 para recibir suscripciones á nuestro periódico.»

Em Coimbra, por intervenção do Ex.º  
 Sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, Admi-  
 nistrador da Imprensa da Universidade.

V. DA SILVEIRA

# PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

## ESTUDO SOBRE AS POESIAS DE SCHILLER

(Continuado dos numeros 4 e 6)

### III

Schiller foi um dos admiradores de Rousseau; sentia-se arrebatado pela sua eloquencia, fascinado pelas suas theorias e comovido pelas suas desgraças: fallava-lhe ao coração aquella linguagem inspirada por uma ardente imaginação e pela natureza, grande e sublime como esta. Rousseau fôra um dos mais insignes e dedicados apóstolos da liberdade; pregára-a, quando a tyrannia trabalhava por apagar da alma dos povos os direitos, que la gravára a natureza, a rasão e a justiça; combatêra com denodo e valentia uma ordem de coisas alicerçada em erros, governada por prejuizos e sustentada por ambições: convencido, de que o homem devia occupar na sociedade o logar a que lhe dessem accesso as luzes, as virtudes e o merito, indignára-se ao ver as jerarchias determinadas pelo nascimento, esse favor cego do acaso que a nada póde dar direito, e constituídas sobre outros principios tam irrationaes, como injustos.

Desmascarando o poder, atacára, sublevado d'uma generosa cholera, o despotismo, que no seu orgulho insensato, desvairado e perverso insultava todos os dias as nações, tractando-as como rebanhos d'escravos, e fazendo pesar sobre ellas uma pesada e ignominiosa vara de ferro. Gemia sobre as miserias do povo, que, humilhado e envilicido, vegetava no embrutecimento e na oppressão, deixando rasgar os diplomas de homens livres, que Deus lhe passára. Tribuno apaixonado do povo, vingava-o

1859—Abril

do seu aviltamento, consolava-o nos seus males.

O seu odio á tyrannia, o seu amor ás classes pobres, o desejo d'um melhor futuro, a sua terna sensibilidade, os seus grandes talentos determinaram-no a escrever, e presidiram á confecção d'um livro, que, apesar de tudo, e por tudo, será sempre conhecido em quanto em memoria de homens viver o nome Rousseau.

Ha no Contracto Social erros funestos, theorias tam engenhosas como extravagantes, douctrinas tam absurdas, como immo-raes; é verdade isto; mas é tambem indubitavel, que ahi apparecem grandes e luminosas verdades, principios elevados, sublimes e salutaes. O Contracto é um systema de organização social impossivel, é o bello ideal d'uma politica, que jamais existirá, é a utopia dos governos, dizem muitos: tenho todavia para mim, nutro mesmo a doce esperanza, de que a sociedade arras-tada pela civilização, ha de sucessivamente realisar o que esse ideal tem de justo, de util e aproveitavel; é um sonho; mas, á medida que o progresso for acordando os homens, estes hão de traduzir nas sus instituições e nas suas leis parte d'esse sonho.

A imaginação dos povos comprazia-se em admirar o plano de regeneração, concebido pela intelligencia de Rousseau; o homem quasi sempre se deixa seduzir por aquillo que é maior que a natureza: uma douctrina nova, singular, e em que haja mesmo illusões, tem proselytismo e produz fanaticos; esta disposição innata do homem, esta tendencia para um maravilhoso, que faz promessas, teve uma grande parte no brilhante successo, conquistado por um

N.º 9

livro, que deslumbrava os espiritos, seduzindo-os.

Rousseau tinha amigos, defensores e discipulos em toda a parte, onde havia desgraças, injustiças e immerecidas perseguições; é por isso que o povo o amou tanto.

Schiller pobre, soffredor, errante, como Rousseau, de paiz em paiz, sentia, como elle, a sua alma ulcerada pela odiosa e nefanda desigualdade das condições. Como Rousseau, tinha encontrado logo no começo da vida a adversidade da fortuna; tinha, como elle, esmolado o pão para viver, e o seu primeiro passo no caminho tinha sido uma revolta interna contra a sociedade.

Esta similhança de situações excitou em Schiller a mais viva sympathia pelo homem, e a mais profunda adhesão ás suas ideas. Schiller dedicou a Rousseau uma poesia, em que lhe presta as mais sentidas homenagens de respeito e admiração. 'Nessa epocha a critica erguia-se por toda a parte, para, ja em nome do christianismo, ja em nome da sociedade, combater as suas doutrinas: fazia-se a guerra, não so ao escriptor, mas tambem ao homem; patenteavam-se ao publico as fraquezas e os vicios da vida intima. O escrever as *Confissões*, o confessar o que elle tinha sido, era reputado um crime, uma impudencia e immoralidade imperdoavel; 'numa palavra, revolviam-se o tumulto e perseguiam-se as cinzas do homem, para cuja memoria deveria haver mais caridade.

«Que são aquelles, que julgam os sabios?: vil espuma do espirito, que desaparece ante a luminosa vista do genio, pueris pygmeus, que o fogo de Prometheo nunca animou, fracas series de transição entre o instincto e o pensamento, entre as parodias do macaco e a elevação do homem.»

Mais adiante lançava anathema sobre a superstição e a hypocrisia, e dizia a Rousseau: «Vai, ó pobre victima d'estes furores de viboras, vai livre e contente para os campos da morte, e conta ao mundo dos espiritos esta estúpida guerra dos ratos e das rãs.» Era o sarcasmo, o ridiculo em toda a sua grandesa e sublimidade, fulminando os adversarios de Rousseau.

Na ultima collecção de poesias, Schiller publicou d'esta so duas estrophes. Vamos á traducção da ultima: «Nas edades de trevas os sabios morriam. Agora o mundo está esclarecido, e o sabio morre. Socrates foi victima dos sophistas; Rousseau soffre e morre, victima dos christãos, Rousseau, que dos christãos fez homens.»

É a philosophia impia do deismo, que aqui fala pela bocca de Schiller, que se enganava, como se enganava Rousseau: será o melhor dos homens, o que crer nos dogmas e realisar a moral dos christãos. A intelligencia não se degrada, pelo contrario, eleva-se e nobilita-se crendo 'numa religião, que civilisou o mundo convertendo-o. A poesia — *Os Maus Monarchas*, era uma satyra amarga e violenta, em que Schiller verberava sem dó os vicios e os abusos do poder; era um caustico applicado ás suas chagas asquerosas. Esta composição não apparece entre as ultimamente publicadas.

Schiller era republicano; anhelava pela chegada d'uma revolução, que assentasse a sociedade sobre bases mais solidas, e sobre ideas mais racionaes. A França tomára a iniciativa 'nessa obra regeneradora. Rebutára a revolução de 1789: Schiller saudou ebrio de prazer e cheio d'esperança a aurora d'uma era mais feliz para a humanidade.

Bello e imponente lhe parecia o espectáculo d'um povo, que se erguia em toda a sua magestade, para derribar do seu carcomido pedestal a estatua corrupta do despotismo: contemplava com amor os generosos esforços d'uma nação, que, em nome da rasão e da liberdade, aproveitava essa hora por seculos, que a Providencia dá aos povos para se emanciparem.

Não era so Schiller, que, celebrando a revolução, embriagava com os seus cantos a mocidade allemã; era tambem Goethe, Chlopstok — eram todos os grandes exmptores da Allemanha e da Italia: tudo o que era illustre nas sciencias, na litteratura e nas artes, o genio europeu pelos seus differentes orgãos apoiava a revolução e olhava para o futuro. So ficava ao lado do velho mundo a mediocridade, que não comprehen-

dia a revolução e o interesse individual, e o absurdo privilegio, que ante ella iam cair.

A poesia levava com o enthusiasmo a esperança á alma dos povos. Depressa vieram os desenganos; morou logo o horror e o desalento, onde primeiro vivêra a affeição e a esperança por uma revolução, que era inaugurada com os mais bellos e promettedores auspicios. Negras nuvens começaram a eclipsar o astro da liberdade, que, puro e radioso, se levantára no horizonte da França. A republica levando 'numa das mãos a guilhotina, 'noutra o codigo dos direitos do homem, avançava por um caminho inundado de sangue e alastrado de cadaveres. A mais justa e sancta das causas era deshonorada por paixões delirantes e ennodoadas por atrocidades inauditas e crimes execrandos.

Na sua poesia — *O Sino*, Schiller allude a essa epocha nefasta, em que a revolução no seu furor cego e implacavel immolava até os seus mais illustres fundadores, e pagava assim com o martyrio os trabalhos dos que a tinham servido.

Reproduzimos traduzido esse trecho, um dos mais bellos d'esta bella poesia: «Liberdade, egualdade! eis as palavras que retinem nos meus ouvidos. O socegado burquez pega em armas, a multidão inunda as praças e as ruas, bandos assassinos vagam por toda a parte. As mulheres tornam-se hyenas, e fazem do terror um brinco. Com os seus dentes de pantheras, ellas despedaçam o coração ainda palpitante d'um inimigo. Ja nada ha sagrado: o bom cede o lugar ao mau, e os vicios andam soltos. É perigoso o despertar do leão, é medonho o dente do tigre; mas mais terrivel é o homem no seu delirio. Desgraçados d'aquelles, que entregam a este cego eterno a tocha, a luz do ceu! ella não o allumia; mas pôde nas suas mãos incendiar as cidades, devastar os campos.»

Mais tarde um braço poderoso ajudava a França a levantar-se do abysmo, onde a lançára a anarchia. O povo punha na cabeça d'um soldado obscuro a coroa, que nos degraus do cadafalso arrancára ao desventurado Luiz XVI. Cumpriam-se as pro-

phecias, que fizera o genio de Robespierre, lendo no futuro; e realisavam-se as ideas, em que elle se esteiára para combater a guerra, que, pela vez primeira, fôra proclamada. Um general vencedor matava a revolução e assumia a dictadura, que tanto se temêra. A França caía fascinada ante o brilho da espada, em que o genio da guerra escrevia victorias; e lançava-se com um enthusiasmo louco nos braços d'aquelle que dava gloria aos seus filhos. Bonaparte lançava sobre a Europa exercitos conquistadores acobertados com o manto de apostolos da liberdade, quando elles so eram instrumentos cegos d'ambição e vaidade: o seu chefe quebrava ferros e lançava sobre os pulsos dos povos outros mais pesados e dolorosos. Despota hypocrita insultava a liberdade, exercendo em seu nome a tyrannia, que é a mais odiosa das invasões; não eram crusadas de civilisação, eram guerras iniquas de conquista e de oppressão: Schiller revolta-se com a mais justa indignação, vendo violados os direitos dos povos e destruida a sua independencia por um homem, que queria ser o unico tyranno.

Na poesia intitulada — *O começo do seculo XIX*, dá elle um brado d'angustia ao observar o estado da Europa: «Cada paiz deve pesar ouro, diz elle, e como Brenno, nos antigos tempos, o Franco põe a sua espada de ferro na balança dos sonhos»; e 'noutra parte: «A liberdade so existe no reino dos sonhos.»

J. ALVES MATTEUS

## AS PRIMEIRAS PAGINAS D'UM ROMANCE

(Continuado dos numeros 1, 2, 3 e 5)

A civilisação na aldeia

IX

Saudára assim o prior as suas ovelhas, e 'neste saudar foi segundado pelo capitão, que, retorcendo o seu longo e grisalho bigode, agradeceu com ar prazenteiro e reconhecido á mocidade d'aldea o seu applaudir sincero.

— Boa noite, meus rapazes: ¿então hoje

é dia de festa e de folguedos, não é verdade? Se me não pesassem os annos e os desgostos, se a flor da mocidade se não houvesse crestado prematura pela dor e pelo soffrimento, de bom grado me iria misturar comvosco: hoje, porém, fustigado da má fortuna . . . . . apraz-me comtudo ver-vos folgar assim, livres de cuidados e maus pensamentos do mundo: 'nisso prazer encontro. Vamos, toca a saltar, que para trabalhar é o dia, a noite para descansar e divertir.

Apenas havia proferido estas palavras, que o povo escudou com attenção e respeito, o riso forçado, que apparentára, apagou-se-lhe nos labios, como raio de luz, que se esvai ao cobrir de espessas trevas: ficou 'numa profunda meditação, como absorto em mil pensares lugubres e tristes; é que n'alma se lhe coava soffrer amargo, que nos mata a alegria, que nos envenena o prazer em tudo... quando o veiu arrancar d'essa especie de lethargo o thio João, com seus officiosos e repetidos cumprimentos.

Adelaide contentou-se em responder aos aldeãos com um ligeiro inclinar de cabeça, e com um sorriso mavioso e angelical, um d'esses sorrisos, que Raphael sabia depositar nos labios da virgem, e ao mesmo tempo limpou uma lagrima, que lhe desliza-va ao longo das faces, que 'naquelle dia haviam perdido o fulgor e animação, que antes lhes era habitual: o melancholico do seu rosto, o languido e vago de seus olhos revelavam algo de estranho e mysterioso, que o coração sentia, e que o rosto e as feições denunciavam, sem que ella o podesse exprimir ou dissimular.

x

Continuavam as danças e os cantares: os aldeãos alegres folgavam, em quanto que o padre prior, acompanhado dos outros dois personageus e do thio João, que, ignorante do serimoniatico da corte, sabia, não obstante, fazer mui bem as honras da casa, no estylo burguez, subia a escada, que conduzia a um lindo terrasso, onde as rosas principiavam a abrir o seu seio ás brisas de maio. Alli se achavam algumas cadeiras de couro, cujos relevos

representavam algumas, ja mal distinctas, figuras chinezas, e cujos botões de metal embaciado, davam testemunho da sua ja propecta idade.

O padre prior e o capitão tomaram assento em duas d'estas outumanas antiquadas, e que apenas apparecem em casa d'al- gum lavrador rico, ou fidalgo de pardos pergaminhos, as quaes junctas ao lustre de cristal, ao painel oleado e ao traçado reposteiro servem de apontar á posteridade a honrosa linhagem de seus avoengos. . .

— Sr. Castro, ¡hoje, mais que nunca, vos sinto meditabundo e preocupado!, o que, posto ser-vos habitual, ¡hoje é mais sensível e reparavel!.. ¡vós, que me haveis feito uma narração exacta, eu o acredito, dos vossos acontecimentos e infortunios politicos, que uma sociedade ingrata, não reconhecida ao merito e relevantes serviços de seus filhos, vos deu em galardão!..

— Não são os meus infortunios politicos, que me preocupam; há muito que vos disse, que havia morrido para a sociedade; adormeceu-se-me n'alma o resentimento, e se não se extinguiu o amor da patria, porque deveras a amo, perdou-lhe as suas ingratidões. Para o homem, que comprehende a sociedade e a politica, as impressões d'esta duram por algum tempo, como a leitura d'um romance pathetico, como as scenas d'um drama tragico e arrebatado; e para mim... ¡essas impressões foram mui prolongadas e dolorosas, porque o drama foi tragico e sanguinario! A politica é uma especie de prisma, em que cada epocha, cada homem refracta a sua cor diversa... e essa cor converteu-se para mim em trevas.

— Vejo que comprehendeis a politica e que o vosso pensar, a esse respeito, é tam solido, como verdadeiro o vosso dizer. É um laço traiçoeiro e astucioso, que a sociedade estende a seus membros, que um homem de genio e força de vontade arma a seus irmãos, que teve a felicidade de fascinar ou tornar escravos, para lhes servirem de instrumento d'um capricho, d'uma phantasia, d'uma ambição, até beber-lhes o sangue, se preciso for, e com elle burrificar a face da viuva e do orphão desolado, cu-

jas lagrimas são apenas reaes, que lhe compram ou resgatam as perolas da sua coroa.

O amor da patria é o falso pretexto de saciar ambições pessoas. ¶ Verte-se o sangue de milhares de victimas, lançam-se por terra ou exalçam-se altares á religião, ultraja-se ou engrandece-se Deus, desarreiga-se uma crença e inspira-se, ou antes impõe-se outra, para consolidar ou para minar as bases d'um throno, para onde convergem e aonde visam as ambições d'alguns!..

O sacerdote, ainda que não corre ao combate, nem cruza a sua espada com a espada do seu irmão, porque longe vão epochas de cruzadas e martyrios, porque o seu lutar é com o espirito, a sua arma o evangelho e a palavra de Christo, o campo de batalha o mundo inteiro, os coros da infancia, a cabeceira do moribundo... tambem estuda a sociedade e a comprehende: ¶ debaixo d'este crepe sepulchal abriga-se muita mágoa e muito desengano!..

—As vossas palavras são para mim de conforto; inspiram-me uma confiança e uma resignação tam intima, que, por momentos, me julgo feliz; e vós sabeis, que sou mui desventurado... .

—A quem tem a esperança no ceu e os olhos e o coração em Deus nunca faltou resignação e conforto... Mas se os vossos soffrimentos prendem com outra causa, eu posso, quando não aliviar-vos, pelo menos compartilhar a vossa dor; e esta não se torna tam insoffrivel, ainda que amarga, quando a communicamos a um amigo. ¶ Até na dor a amizade tem delicias e encantos! —¶ Mal sabeis como me tem sido boa e proficua a vossa companhia! Mal parece esta especie de declaração entre homens, para quem o tumulto não está longe. Se ha todavia coisa, que nos faça rejuvenecer, que nos resgate annos de vida, é a lembrança d'esses momentos, a recordação d'essas scenas, em que deparamos com um amigo, a quem na mocidade confiámos os nossos innocentes e infantis pensares, um sentimento doloroso, um prazer inivrante, uma esperança, um amor...; ¶ mas para que estas considerações, que não fazem senão

avivar saudades de tempos, que ja la vão?!.. Como vos dizia, os meus pesares e a minha tristesa d'hoje não provêm, como pensais, de asares e infelicidades politicas: de ha muito, que fechei o coração a taes impressões; ha golpes, que nos ulceram mais a alma, do que os despresos e offensas d'essa sociedade, que, debaixo d'um frivolo e malevolo pretexto, nos repelle do seu seio e nos força a aborrecel-a e a condemnal-a.

—O coração d'um amigo, na infancia e na juventude, é um cofre, onde se depositam esperanças do futuro; na velhice, uma urna, onde se sepultam angustias, recordações e saudades do passado.—Um amigo é sempre um bem.

—Bem o sei...

—Pois se o sabeis não ponhais em duvida depositar em mim vossos pesares.

—Ha na vida segredos e mysterios, que se não comprehendem; e quando chegam a penetrar-se não podem ser revelados, quando d'envolta com elles vão segredos de familia...; mas eu não porei duvida em contarvos tudo; ¶ e que ha que não possa confiar-se ao ministro do Senhor, quando elle é como vós?!..

—Como vós me haveis communicado algumas particularidades da vossa vida privada...

—Vós podeis esperar de mim tudo, o que um bom amigo, um bom pai póde esperar d'um filho, que elle ama e que o ama.

—Afeito de ha muito a estudar a physionomia e o coração dos homens, tenho aprendido a distinguir o riso e a alegria forçada, do riso e da alegria, que o coração impelle aos labios...; e vós ¶ ainda ha pouco, fizestes um exforço, para mostrar rosto alegre e sereno aos meus parochianos!

O capitão soltou um suspiro abaffado, fez um movimento d'angustia, abriu e serrou as palpebras, como para chamar uma recordação, depois continuou:

—¶ Unico amigo, que a sorte me deparou 'neste retiro, onde vim procurar alivio ás dores e amarguras da minh'alma! mui bem sabeis qual tem sido o meu passado...; escusado é repetil-o. Envolvido na tempestade politica de 34, ja preludiada em 20, vi a patria definhar-se em ardentes lides em

guerras fratricidas, para conquistar a liberdade, que os falsos amigos do despotismo, os sectarios da tyrannia pretendiam algemar com as cadeas do fanatismo, da prepotencia e da oppressão. Como sabeis, eu não fui expectador impassivel d'essas scenas de morte e desolação; com as armas arrisquei fortuna e vida para salvar a patria..., desprendendo-me d'uma esposa, que tanto amava, deixando no berço um filho querido... Fortuna, liberdade, esposa e filho... tudo, tudo perdi...; e em paga...

— Sr. Castro!

— Perdi minha esposa e meu filho: não sei se a espada ou as ballas dos inimigos lhes arrancaram a vida; o que sei é que de balde procurei os braços d'uma esposa, a face d'um filho...; tudo me havia sido arrebataado pela torrente politica e devastadora da revolução!..

O suor cupioso lhe enundava a fronte, as rugas se lhe cavavam mais fundas, os cabellos se lhe tornavam hirtos. Como é penetrante e doloroso ver o ancião, a quem recordações de muitos annos acodem ao coração! Como é assustador e terrorifico ver essas lavas dormentes rebentar com força e abalar o espirito e as entranhas!..

— Sr. Castro! não vos entregueis a essas recordações, que vos poem em tam grande agitação, e que por força vos devem magoar muito e muito dilacerar!..

— Muitos annos como perigrino vaguei de terra em terra, de paiz em paiz, para ver se podia encontrar os entes, unicos, que me podiam dar a felicidade; mas foram baldadas todas as pesquisas; e o que apenas pude concluir, foi a verdade amarga de que ja não existem!..

— Se essa é a vossa convicção, procurai esquecer esses males, e orai a Deus por esses entes, que tanto amastes na terra.

— Quando voltei, morto de saudade, ralado de soffrimento, vi o escarro da deshonra cuspidos nos umbraes da casa paterna! Não sei como então não morri de vergonha e pesar... Foi o ceu, que me amparou a vida, foi aquella innocente, que me affastou do abysmo do suicidio, foi muita constancia e philosophia, que afastaram de mim

a demencia! Mancebo em verdor d'annos, com o peito cheio de iras e enthusiasmos, quiz vingar-me, mas o traidor escapou-me; e eu não pude satisfazer a sede de minha alma, e consumir um crime!..

— Mas a vingança é uma paixão vergonhosa, é um crime que o ceu não perdoa!.. Para vingar, — ja está Deus: o seu castigo é severo e imparcial!

— Procurei por algum tempo affogar na sciencia e na philosophia os dissabores da minha vida; mas ella pareceu-me tam esteril e devastadora para o meu coração, como eram as recordações do passado. Por momentos me vi prestes a perder a unica taboa de salvamento, que me restára; a philosophia, pouco e pouco apagando-me n'alma as crenças uma a uma, o scepticismo se appresentava como o ultimo termo do philosopho...

— Nada mais cruel do que essa philosophia fabulosa e arrojada, que, invocando o nome de Deus, procura transferir o seu imperio ao fatalismo...

— Então resolvi retirar-me a esta aldea, onde vivo tranquillo, onde nada me atormenta, a não ser as condições do passado; porém hoje um novo mal se aproxima.

— Qual? dizei-me...

— Sabeis que Adelaide me foi encarregada por sua mãe, a mil rogos, a mil instancias minhas; sabeis quanto me hei esmerado com a sua educação, e em formar, ou pelo menos, em não deixar perder os dotes, com que a natureza a dotára; virtuosa e affavel, carinhosa e boa, me ha acompanhado sempre, e sempre respeitado e amado, como se fôra seu pai...

— Não comprehendo o que possa ter Adelaide com o vosso destino, que não seja feliz e venturoso...

— Eu vol-o explico...

E. GARCIA

(Continúa)

O mau estado de saude do nosso amigo o Sr. Jayme C. Moniz o tem privado de continuar, com a regularidade que desejáramos, o seu interessante romance — *Vicio e Virtude*.

Com o seu completo restabelecimento esperamos porém dar-lhe para o futuro todo o adiantamento, que reclama o seu interesse.

V. DA SILVEIRA

## VICIO E VIRTUDE

(Continuado do numero 3)

## Recordação e esquecimento

Assi como o rayo de fogo vindo pelo ar he feroso e resplandecente, mas queyma e destrue, quãto acha diãte: assi a corporal fermosura, em se vendo, contenta os olhos dos enganados mortaes, desalétados em sua vista, mas queyma e abrasa-lhe os corações e cega-lhe o juizo.

Fr. HECTOR PINTO, *Dialogo dos verdadeiros e falsos bens*, c. v.

II

Depois das costumadas scenas de despedida, Luiz safa da aldea. Necessidade imperiosa o obrigava a deixar a mulher, que nelle via toda a felicidade, e a filhinha, que era, permitta-se-me que assim eu diga, porção da alma de Luiz.

Uma separação d'estas é acto solemne da vida, que se effectua em momento de intensa angustia; traz graves receios, lembranças tristes, porque ninguem sabe, se o adeus de despedida importará ausencia sem limites! Felizes dos que após o apartamento se tornam a ver, ainda quando mui tarde!

Depois de poucas horas, Luiz havia embarcado para Lisboa, onde esperava encontrar justiça para os seus feitos de valor, galardão devido em troca de serviços feitos em campo de batalha, á custa do proprio sangue a pro da patria.

Accompanhava-o um amigo, que a Lisboa se dirigia tambem.

Favoravel era o vento, e a ligeira prôa bem cortava as salsas aguas. Triste, encostado á amurada, a cabeça descansada entre as mãos, os olhos fixos para as ondas, Luiz parecia qual estatua, fatalmente presa pela inercia da materia á posição em que a collocára a mão do esculptor.

Cuidar-se-hia que o enjôo, amargo e feio, o retinha 'naquella postura. Todavia, quem tal julgasse, enganava-se; a materia não soffria em Luiz,—a dor era toda no espirito: porventura o comprehenderão cedo alguns que antes nem sequer o imaginariam.

—Pareces summamente enjoado, disse o amigo de Luiz, dirigindo-se para elle:—

passas mal no mar? Este desviou-se um pouco da attitude em que estava, mas não responder; apenas lhe saiu dos labios sorriso, que a certas perguntas costumam soltar os que estranham lh'as faça alguém, que tinha rasão para as não fazer. Pouco depois Luiz chorava.

—Saudades! tornou o outro: tambem eu ja tenho saudades d'aquella linda terra, que se nos vai desaparecendo; de meu pai, de minha mãe, de irmãs que la deixo!.. mas um dia, virá um dia, tenho aqui, no coração, uma esperança, bem esperança, em que, mais feliz do que hoje, os hei de tornar a ver. Quando vinte annos de nossa existencia têm passado, cumpre não ser pesado á casa paterna, e ir para ella buscar fortuna.

—Saudades! saudades tenho eu d'algue[m] que ja partiu d'este mundo! Se te não respondi, se choro, é porque, como sabes, em vez de ir encontrar, na terra a que me dirijo, carinhos de mãe e affectos de pai, hei de achar-me so com duas sepulturas. Triste e pesada é a vida, quando assim nos obriga a procurar sitio que nos afflige, por nos terem sido roubados 'nelle os objectos mais queridos do coração.

Na terra ¡so me resta um parente! Eu e elle somos os unicos descendentes, que vivem, d'uma familia numerosa, mas infeliz, resumida agora apenas em nós ambos. ¿Devo estar alegre?.. Eu sou o que sinto toda a dor d'esta desgraça!

—Não penses em tal; —o passado, passado —; lenitivo que, ordinariamente, o afflicto por taes circumstancias costuma receber dos que o pretendem consolar. Todavia, *pouco sabe da tristesa, quem diz ao triste — que se alegre.*

Pouco depois separaram-se, cada um caminho do seu beliche.

Por cinco dias havia desaparecido a terra, quando uma manhã Luiz começou de lubrigal-a.

Dirigindo-se a um dos marinheiros, perguntou-lhe se não divisava la no horisonte o ponto para onde caminhavam.

Em segredo, não sei porque, respondeu-lhe o marinheiro:—é terra, temol-a ja á vista.

Luiz procurou logo o seu amigo, e deu-lhe a boa nova.

Como é bello e agradável ver a pouco e pouco tornar-se maior, e adquirir novas formas a sombra, que a vista aguda e costumada do nauta o leva a dizer: — *¡é a terra!*

Bem depressa a noticia se espalhou pelos passageiros, e com ella natural alegria. ¡Luiz era o unico, que, com a vista ordinariamente lançada na direcção da proa, parecia insensível a tanta belleza!

Cedo o lenho cortava as aguas, que correm entre os dois famosos cabos da Roca e do Espichel, os quaes, arrostando as ondas, vêm até alto oceano como que a convidar para a entrada as embarcações, indicando-lhes ao mesmo tempo, que o caminho é por alli.

Passadas algumas horas *Lisboa apparecia* altiva e soberba, espelhando-se no seu Tejo, 'neste rio tão famoso, cujas margens são por tal maneira inspiradoras, ¡que não sei eu possa haver quem se não sinta elevado ao vel-as!

Correm barcos para proximo do navio; alegres todos os que 'nelles vêm, a não ser o rude catraieiro ja insensível aos signaes de amisade e prazer, que se patenteiam nos semblantes, dos que apos longa ausencia se encontram alfim.

Luiz volvia, por vezes, os olhos para a terra da patria, para Lisboa, que o vira nascer: divisava-se-lhe no rosto espontanea mas breve alegria, apos a qual vinha uma como tristesa, a que os homens costumamos chamar indifferença, ¡talvez a mais intensa, porque se não traduz em lagrimas e gemidos, que consolam a alma, porque é dor de tal influencia 'nella, que a enerva e lhe rouba todo o lenitivo! 'Neste estado o veiu despertar alguem que, de dentro d'um barco, soltou, alto som, o nome ¡Luiz! — ¡Paulo! respondeu logo Luiz, sem prestar attenção ao que o chamava; e em breve tempo, apertado abraço ligava os dois que, os laços de sangue, e certa inclinação que, naturalmente, os que soffremos, temos pelos que soffrem tambem, haviam tornado amigos ja d'outr'ora.

— Cuidei ouvir a tua voz; sabia que me devias vir procurar.

— ¡Ja de ha muito que ambicionava esta occasião, e supuz até que hontem teria o prazer de te abraçar, e tornar a ver!

Ha pouco, um catraieiro a quem eu havia incumbido de me vir annunciar logo a entrada do navio, encontrando-me ao Arsenal, deu-me tam agradável noticia. Apenas aqui cheguei, conheci-te, o que não era difficil, porque estás exactamente o mesmo; nem a mais leve mudança em ti se operou: ¿ quantos dias de viagem?

— Cinco, passados não sei como, Paulo.

— ¿ Que tempo te demoras em Lisboa?

— Quinze ou dezeseis dias, como te disse na minha ultima carta.

'Neste dialogo estavam os dois, quando rustico barqueiro começou de vozear: — ¿ Vossê não vem d'ahi? dirigindo-se a Paulo: — ¡estou a perder fretes! Isto são dos de ca e basta!

Porventura o leitor extranhará este tratamento de vossê; cumpre porém saber, que similhante qualificação é um mimo, que os catraieiros do Tejo têm sempre prompto para qualquer, que chega ao bello porto da nossa bella capital.

Era impossivel resistir ao polido barqueiro, a quem o interesse instigava, por que fosse pôr em terra o fardo (denominação tambem commum na civilidade d'aquelles interessantes individuos), que o demorava.

Luiz aprestou-se para partir, e dirigindo-se ao seu amigo e companheiro de viagem, com quem largo conversára durante esta, despediu-se d'elle dando-lhe ao mesmo tempo o nome da rua onde ficava a morada de Paulo, com o competente numero.

Em seguida Paulo e Luiz accedendo ao ardente desejo do catraieiro, foram caminho de terra, e ás cinco horas da tarde estavam em casa.

¡ Como é agradável voltar á terra da patria, quando alguma cousa ahí não ha, que nol-a torne menos cara!

Tudo nos parece bello; ¡ bellas ainda as coisas, para que antes olhávamos com desdem, por nos parecerem destituidas de todo o attractivo!

¡ É que, se apos havermos pisado um solo alheio, tornamos ao que nos viu nascer, ao

que é nosso, conhecemos pela saudade que sentimos 'naquelle, todo o valor que este encerra!

Era porem admiravel o que se passava em casa de Paulo por esta occasião.

Apos tal ou qual alegria, elle e Luiz haviam caído em profunda tristeza; alguma coisa os identificava no sentir.

Aquella apparecera quando no espirito dos dois dominou a idea de que apos ausencia, se não longa, amarga ao menos para amigos, se achavam junctos outra vez; esta viera com a triste recordação da falta d'algum, cujo prazer seria indefinido, ao vellos alli de novo.

Lembraram-se de seus pais, que dormiam este somno, cujo acordar a religião, a rasão e as condições da vida nos asseguram, mas acordar, que Deus e so Deus sabe quando virá.

No dia seguinte ao do desembarque, os dois encaminharam-se, ¡mal cuida o leitor para onde!.. Paulo, a instancias de Luiz, accompanhou-o ao cemiterio do alto de S. João. De casa até alli mal soltaram palavra. Comprehende-se este proceder.

Ao entrar porem 'naquelle lugar, povoado por ossos e caveiras, Luiz rompeu o silencio. — ¡Estranha coisa!: o orgulho e a soberba manifestam-se aqui, onde todos se egualam pelo po, em que se tornam! ¡Tantos mausoleus, tantos monumentos, tanta vaidade! ¡Sorrio-me d'elles por serem a expressão de vãs tentativas contra um de nossos felizes condões, escripto por Deus no seio da humanidade! — Monumentos e-mausoleos, accrescentou Paulo, com seus letreiros e epitaphios hão de acabar igualmente. Quando o cadaver tiver apodrecido, quando se tiver tornado terra ou po, o monumento ficará talvez de pe; mas a mão gastadora do tempo ha de obrar tambem sobre elle; postoque lentamente, ha de procurar fazel-o cair, ha de consumir-o: os homens podel-o-hão ir successivamente renovando, mas 'neste caso á ruina succederá a reedificação, como á reedificação succederá a ruina, até que em um dia um dos termos da serie seja o derradeiro. ¿Qual sera?

Os dois que caminhavam para o lado do

cemiterio, opposto á porta d'este, conversavam d'esta sorte, quando Paulo parou repentinamente.

—! De joelhos, Luiz!: repousa 'neste lugar aquelle que tanto te estimou, e que tu deixaste pela guerra! Paulo cahiu de joelhos, Luiz seguiu o exemplo. Por alguns momentos alli reinou profundo silencio: ambos resaram, um por seu pai, que jazia preso ao chão da morte; outro por um parente, qual pai tambem, cuja mão benevola nunca recusára estender-se-lhe. Depois caminharam para diante.

Pouco haviam andado, quando Luiz de novo se prostrou de joelhos: copiosas lagrimas lhe corriam dos olhos, a vertel-as costumados: tremiam-lhe os labios como tremem os de quem, com fervente oração, roga a Deus por alguém, que d'este mundo se foi. A Deus rogava Luiz por seu pai, por aquella alma, cujo peregrinar 'neste mundo fôra continuado acto de bondade e amor para com elle.

Era uma occasião de não fingida angustia, triste como costuma ser tudo aquillo a que a morte dá lugar, ¡triste, como póde avalial-o quem ja teve a desventura de encontrar-se nas mesmas circumstancias de Luiz! ¡Oxala, que vos assim não tenha succedido, leitor, quem quer que se jais!

No meio de todo aquelle tormento, dos labios de Luiz saíam apenas estas palavras. «¡Quem me dera poder abraçar este chão! tel-o sempre juncto de mim, aqui juncto de meu peito! ¡Mas até isto é impossível!»

Com alguma difficuldade, Paulo conseguira arrancar Luiz de sitio tam propicio á dor; durante o caminho para casa, gastou o tempo em consolação e lenitivos, para distrair Luiz das ideas tristes, que lhe suggerira a entrada no cemiterio. A pouco e pouco foi conseguindo-o.

Observa-se, que as dores intensas do espirito, acodem por momentos, e cedem com facilidade. É um mysterio, cuja explicação fica a cargo dos philosophos; ¡la se avenham com elle!

Á noite Paulo conduziu seu primo a um sarau, que tinha logar em casa d'uma fami-

lia conhecida por ambos de ha muito tempo.

O que o leitor por certo não espera agora, e o que o ha de fazer scismar ácerca da alma de Luiz, é que este, encontrando alli uma moça, sua predilecta d'outr'ora, por extremo bella, passára boa parte do tempo fazendo-lhe protestos d'amor e juramentos de fidelidade! Havia perjurado duas vezes!

Nunca mais se lembrára d'aquella por quem de certo modo viera a Lisboa; a lembrança d'ella e da filhinha nem lhe apparecêra ao espirito, qual consolação doce, nos momentos em que este luctára com a dor! Que havia pois na alma de Luiz para Maria?

Não a saudade, mas o esquecimento apenas. Advinhára o coração presago da infeliz mãe de Mathilde.

JAYME C. MONIZ.

(Continúa)

### Maximas, pensamentos, etc.

No calçado das mulheres está resolvido um problema, julgado insolúvel:— fazer que o conteudo seja maior que o continente.

A. KARR

A opinião publica costuma olhar a virtude, como uma dama, que se gosta pouco ver frequentemente, mas com quem não convem interromper as relações, e que se deve portanto honrar, de tempos a tempos, com um bilhete de visita.

E. SOUVESTRE

### A UM POETA

Na sua despedida para Roma

Mais malgré tes malheurs, pays choisi des Dieux,  
Le ciel avec amour tourne sur toi les yeux.  
Quelque chose de saint sus tes tombeaux respire,  
La foi sur tes débris a fondé son empire.

LAMARTINE

Vai, ó Bardo harmonioso,  
Á terra das tradições,

Imbeber-te em poesia,  
Receber inspirações:

Vai á Italia, a essa terra,  
Onde o sol mais amoroso,  
Tarde a deixa, e volve cedo  
A visital-a saudoso;

Onde o ceu é mais azul,  
As brisas mais perfumadas,  
As scenas da natureza  
Mais bellas, mais encantadas.

Vai-te. ó Bardo, vai a Roma  
Á rainha desthronada,  
Sem rival em sua queda,  
Inda do mundo acatada:

Vai sobre a cinza d'heroes  
Contemplan o nada humano,  
Nas estatuas mutiladas  
Imaginar um romano;

Visitar as catacumbas,  
Esse recinto sagrado,  
Onde o nosso culto sancto  
Dos tyrannós foi guardado.

Vai; e essa alma de poeta,  
Que abafada aqui respira,  
Em hymnos la se desate,  
Tropheus colha para a Lyra;

Saudosa de la nos mande  
Inspiradas melodias,  
Os hymnos religiosos,  
As suaves harmonias.

Vai:—adeus: mas não te esqueças  
D'esta patria abençoada,  
Outr'ora rica d'heroes,  
Tambem por Deus bafejada:

Não te esqueça a tua Coimbra,  
Nem seus campos tam formosos,  
Nem o Mondego encantado,  
Nem teus amigos saudosos.

(F.)

## A BRANCA

(Extracto de Zorrilla)

L'aube nait et ta porte est close!  
 Ma belle, pourquoi sommeiller?  
 A l'heure où s'éveille la rose  
 Ne vas-tu pas te réveiller?

Victor Hugo

Acorda tu, minha Branca,  
 Que ja desponta a manhã,  
 Ligeira e toda risonha,  
 Toda brilhante e louçã:

Acorda, que ja seu canto,  
 Seu doce canto de amor,  
 Solta alegre o rouxinol  
 Dos ramos entre o verdor.

Acorda, Branca formosa,  
 Vem estes bosques fitar,  
 Matar d'invejas o campo,  
 Fazer a aurora corar;

Ver como tudo desperta  
 Á luz do doce arrebol,  
 Ostentar-te magestosa,  
 Mais brilhante do que o sol.

Aqui ha macios leitos,  
 Que a branda relva formou  
 Ao rouco som da fontinha,  
 Que dos oiteiros baixou.

Aqui doidas borboletas  
 Divagam doidas de amor;  
 Aqui recendem perfumes,  
 Gratos aromas da flor.

Aqui borbulham arroios,  
 Aqui se pode escutar  
 Ao doce impulso das auras  
 Estes ramos ciciar.

Tinge o sol as cumiadas  
 D'aquelles montes d'alem,  
 Que a noite de fresco orvalho  
 Tinha coberto tambem.

Todo o bosque é riso, encanto,  
 Paz segura reina aqui;  
 Desce, ¡oh! desce, minha pomba,  
 ¡Que o ceu todo te sorri!

Abril — 1853

A. A.

## NO ALBUM D'UM MEU AMIGO

(Que me pediu para escrever, com referencia a um  
 passaro bordado na mesma folha, em que eu escrevi)

¿Queres tu que 'nesta folha  
 Va meus versos escrever,  
 E fazes tu mesmo a escolha  
 D'aquillo que hei de dizer?  
 ¿Queres tu que com aquella ave  
 Renhido cavaco trave,  
 Ácerca do seu folgar?..  
 Porém, ¿como? ¡se ella é muda,  
 E em Coimbra não se estuda  
 Curso do abbade Sicard!..

Vou-lhe falar por acenos...  
 Mas... nada... ¡não me entendeu!..  
 ¡Stá visto!.. que nem ao menos  
 Do poleiro se moveu!..  
 De lhe falar pois desisto,  
 Que me não entendo com isto  
 Por mais voltas que lhe dê;  
 Ja digo: não tenho estudos  
 P'ra falar com surdos-mudos,  
 Que ensina o abbade L'Epée.

Se pois não falo com elle,  
 Porque o não posso entender,  
 Passo a falar-lhe na pele  
 P'ra ao teu pedido acceder:  
 Direi das aves primeiro  
 Um cavaquito ligeiro  
 D'ellas todas em geral;  
 E depois especialiso,  
 Fazendo-te o meu juizo  
 Ácerca d'este animal.

Pertence á orminthologia  
 Das aves a descripção...  
 Tu porém de zoologia  
 Dispensas a prelecção...  
 ¡Desculpa!.. tem paciencia!..  
 ¡São arrotos de sciencia  
 Que á bocca ás vezes me vem!  
 E em me dando tal doença,  
 Não ha nada que me vença,  
 ¡Não me atura então ninguem!..

Basta dizer-te somente,  
 Contra o que pensam alguns,

!Que ave e passaro é diferente,  
 Como pardaes e peruns!..  
 E em sciencia aqui me fico,  
 Sem tornar a abrir o bico,  
 Para te não maçar mais.  
 —D'aqui tiramos um lemma...  
 Quero dizer... o emblema,  
 Que exprimem taes animaes...

As aves dizem amores  
 Nos seus gorgeios gentis;  
 Exceptuam-se as maiores,  
 Como o melro e a codorniz;  
 Mas pequenos passarinhos,  
 Dos que se veem pelos ninhos,  
 Symbolisam sempre amor;  
 Mas, note-se a circumstancia,  
 !Que são symb'lo de inconstancia,  
 Saltando de flor em flor!..

De taes generalidades  
 Descendo ao particular,  
 Infiro duas verdades,  
 Que não tens que duvidar:  
 A primeira é, que o alado  
 'Naquella folha bordado  
 Terno amor dizer te vem;  
 Mas quasi que te asseguro,  
 Que talvez, para o futuro,  
 Diga inconstancia tambem.

Se, pois, não queres escasso  
 O prazer que elle te dá,  
 Ve se lhe arranhas um laço  
 Em que, preso, se não va;  
 E até mesmo lembro um meio  
 P'ra que possas sem receio  
 Amor constante fruir:  
 —Faze gaiola do peito,  
 Que assim, á prisão affeito,  
 !Não buscará mais fugir!..

1858

A. M. DA CUNHA BELLEM

## Charada

Sou de fórma feminina,  
 Artigo e proposição: } 1  
 Assim tratar eu costume }  
 Meu amigo, ou meu irmão: } 1

Accusada d'assassinio  
 'Num navio me pozeram,  
 La no fundo—'num cantito: } 1

Com metade so da casa  
 Fiquei inda mais pequena,  
 Do qu'a asa d'um mosquito. } 1

Eu abranjo a terra e os ceus,  
 Existo nos animaes:  
 Valho tanto como Deus...  
 Em tudo emfim me encontrais. M. I. L.

N.º 7.º — Condeixa.

## EXPEDIENTE

Pedimos encarecidamente aos Senhores Assignantes — que queiram satisfazer a importancia das suas assignaturas, pelo modo que ja indicámos, e com a brevidade, que lhes for possivel; visto que o atrazo no seu pagamento importa a não consecução do fim, que nos propozemos, e, o que é mais ainda, o *emporamento* de circumstancias, que procurámos melhorar por sua philanthropica intervenção.

Devemos lembrar tambem, que o pagamento da importancia de cada trimestre deve ser feito adiantadamente, no acto da assignatura; a fim de que possamos effectuar, como se nos exige, o pagamento das despesas feitas com o papel e a impressão de cada numero, que vai saindo.

V. DA SILVEIRA

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em Coimbra — loja da imprensa da Universidade; Lisboa — livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.ª; Porto — Sr. Jacintho Antonio Pinto da Silva; Viseu — Sr. Francisco Gomes Pinto; Pezo da Regoa — Sr. Manuel Mendes Osorio; Evora — Sr. V. J. da Gama; Bragança — Sr. Antonio Caetano d'Oliveira Furtado; Lamego — Sr. José Cardoso; Santa-Comba-Dão — Sr. Antonio Ferreira da Cunha; Leiria — Sr. José Pereira Curado; Aveiro — Sr. Ernesto Augusto Ferreira.

## PREÇOS

SEM ESTAMPILHA	COM ESTAMPILHA
Anno . . . . . 1\$240	Anno . . . . . 1\$400
Trimestre . . . . . 360	Trimestre . . . . . 450

Não assignantes: n.º 1.º a 6.º, contendo uma polka para piano e um grupo de estudantes: com estampilha — 660 réis, sem estampilha — 600 réis.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

# PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

## A FAMILIA E O PADRE

(Continuado do numero 7)

II

Em todas as mudanças e transformações successivas da *familia* ha um ser occulto, mysterioso que a vigia e acompanha em todos os seus passos, que exerce 'nella uma influencia invisivel, mas prodigiosa: —é o *padre*.

¿Será essa influencia um bem? ¿Será um mal, um elemento de discordia? Póde ser tudo isso; o que o *padre* não é, não póde ser, em relação á *familia*, é uma entidade indifferente.

Michelet, que, ao espirito philosophico e indagador de Montesquieu, reune, em grau mais subido ainda, a imaginação phantastica, sonhadora de V. Hugo, viu no seio da familia não sei que divorcio espiritual, não sei que desordem séria e profunda. E que no recinto sagrado, onde se acolhe a *familia*, existe, segundo Michelet, sempre um logar occulto, e como que predestinado, que é sempre occupado por personagem sinistro, que é o invejoso do marido e seu inimigo secreto.

E esse personagem, que assiste a todos os banquetes e que se intromette occultamente, mysteriosamente em todos os gosos da familia, é o *padre*, a quem Michelet, no seu livro — *Du prêtre, de la femme et de la famille*, define e caracteriza do seguinte bem significativo modo: «Porque nós espantaremos d'este estado (o da desordem) da *familia*? nossas mulheres e nossas filhas são ensinadas, governadas por nossos inimigos... (os *padres*). Inimigos do espirito moderno, da liberdade, do futuro...

Nossos inimigos, repito, 'num sentido mais directo, porque são os *invejosos naturaes do casamento e da vida da familia*.»

Não é uma reforma parcial, que Michelet nos indica; não são os abusos d'esses *padres mercenarios, avidamente especuladores, d'esses mais propriamente arlechins tonsurados, que elle stygmatisa; não é uma sequer simples ou mesmo profunda modificação no celibato, ou sacramento da penitencia (dupla immoralidade, em que repousa o sacerdocio, segundo Michelet), que elle nos propõe, como remedio aos males, que elle quasi sonha no seio da familia, provenientes da influencia e ascendencia, que o clero ahi tem.*

Não é so isto; 'nestas proporções, o livro de Michelet seria uma repetição inutil, porque seria um capitulo de mais, um como appendice ás obras de Voltaire e Diderot, no seculo xviii, mesmo ás de Luthero, no seculo xvi, sobre o mesmo assumpto.

Mas Michelet vai mais longe. E ¿porque não? A aguia, quando deixa o ninho, mostra-se sempre altiva e arrojada nos seus voos; o genio, que conquistára um prestigio immorredouro, escrevendo a — *Historia da França, a Historia Romana, etc.*, não podia revelar-se de novo 'numa obra, que fosse apenas um logar commum, que visasse a uma simples modificação na instituição do sacerdocio.

E Michelet não quiz so isto.

Emille Saisset, escrevendo em 1845, na *Revue des Deux Mondes*, a critica do livro de Michelet, resume em poucas palavras o pensamento do auctor: — «Qual é, diz elle, com effeito, o fundo, a essencia do livro de M. Michelet? Em poucas palavras eil-o: — a direcção espiritual na Igreja Catholica

(¿porque não dizer na *Egreja Christã?*) tem por fim directo e effeito necessario diminuir, enfraquecer nas almas, e abolir completamente, radicalmente, toda a actividade, toda a vontade, toda a liberdade.»

Ve-se pois que o livro de Michelet é a expressão d'essas luctas apaixonadas, que o tempo não pôde ainda destruir, e em que o espirito de seita se revela e traduz em cada periodo, em cada phrase; luctas perigosas, e onde reciprocamente se sonha uma incompatibilidade, um antagonismo entre a philosophia e o christianismo ou religião.

Nada, porém, mais facticio que esta opposição entre a philosophia e a religião.

Mas não dissimulemos: ella existe, e systematica, e rancorosa, e partidaria, e exclusivista. Quando tocar o seu termo, a sociedade terá conseguido um grande incremento de perfeição, a fraternidade terá realisado um progresso.

¿Qual é porém a causa d'essa lucta, d'essa rivalidade entre estes dois poderes, que deviam marchar unidos e harmonicos — a philosophia e a religião?

Forcejaremos por attingil-a, resumidamente, e so quanto baste ao nosso proposito.

Houve um tempo (e longe vai elle felizmente), em que o ministerio espiritual era um exclusivismo do clero: — foi o tempo, em que o poder patriarchal absorvia a familia, e esta, perdendo a sua individualidade, se confundia no municipio; foi o tempo, em que tudo isso, chamado governo, garantias sociaes, etc. estava substanciado 'num so elemento — a monarchia pura.

Era uma servidão do espirito humano, filha das circumstancias, mas que não podia subsistir indefinidamente.

Veiu o seculo xvi com todas as suas luctas turbulentas e sanguinarias; mas, ao menos, conseguiu-se em resultado a emancipação do espirito humano. A philosophia foi pois adquirindo terreno e dilatando a esphera do seu dominio.

O clero, que não queria perder as suas *immunidades e sanctas regalias*; que pretendia arrogar-se o direito exclusivo de mi-

nistrar o pão do espirito, via com animo insoffrido o impulso do espirito humano; quiz oppor-lhe um dique, cortar-lhe os voos, e reagiu.

¡Debalde! O espirito não se comprime, não se governa. — *Ubi spiritus, ibi libertas.*

O clero mereceria mais louvor, se accompanhasse o seculo, sem transigir com os seus abusos, se reagisse, mas so contra estes, que os houve, e não foram poucos.

Este movimento tumultuario do seculo xvi, serenando pouco e pouco, ultrapassou os limites da prudencia e da justiça no celebre seculo xviii; tocou mesmo o excessso, desvairou-se.

Não houve instituição, justa e sancta que fosse, que não succumbisse aos pesados golpes do camartello revolucionariamente reformador, como se entre as instituições e os desvarios dos homens houvesse a menor solidariedade.

O vento das revoluções assoprôu então rijo e aterrador, como rajada de septentrião em noite de medonha tempestade; e, como esta, deixou apos si um campo alastrado de ruinas, testemunho vivo para o viandante, de que por alli tinha andado o genio da destruição, em todo o seu furor vertiginoso e desapiedado.

Se foram justas represalias ou um mal necessario, Deus o sabe.

É certo que, debellando-se um abuso, cahiu-se 'noutro: alluindo-se a servidão em seus alicerces, não se evitaram os excessos da licença, servidão mais terrivel, porque é cega, liberticida, desesperada.

Arrogou-se portanto a philosophia, ao contrario do que acontecia antigamente, e como era de esperar 'nestes excessos, a missão exclusivista de exercer o ministerio espiritual, de evangelisar; e o *padre* foi expellido do altar e do templo, porque o altar e o templo foram feitos pedaços. Reduzida assim a religião a tam tristes e acanhadas dimensões, sem symbolo, sem exterioridade, o *padre*, em consequencia, reputou-se um ser inutil e mesmo prejudicial. Não era de estranhar; havia ao menos coherencia. E até porque, sustentando-se o absurdo principio de que o zelo religioso se enfraquece ao passo que a sociedade

*augmenta em luzes e poder*, a existencia do *padre* seria um embaraço, um estorvo a esse celebre progresso anti-religioso. A revolução teve o cuidado e a providencia de o exterminar.

Inutilmente, porque nada ha mais faccioso, diz Tocqueville, nem mais contrario aos factos, do que tam absurda theoria.

A roda do tempo, em seu giro constante e fatidico, tinha realisado a sua ultima evolução, para de novo começar.

A tormenta foi manso e manso aquietando-se, e á noite escura, d'um brilho sinistro e pavoroso da revolução, das luctas freneticamente subversivas, succedeu o dia bonançoso da pás, resplandecente de fulgores.

Appareceu em fim o seculo XIX. Mas não nos illudamos. Se a pás não é hoje um rotulo, um symbolo apenas, mas uma responsabilidade, um calculo, um systema, nem por isso os povos têm renunciado de todo a esse meio desesperado, ultima providencia dos governos, chamados *fortes*—*a guerra*.

Mais d'uma vez se tem preferido *a guerra com as suas conquistas, á pás com os seus beneficios...*; e hoje o horisonte apparece cada vez mais carregado e escuro, como que vaticinando a imminencia da catastrophe... |Embora! É certo, porque todos o vemos, que o seculo condemna esses combates sanguinarios; e os subterfugios e subtilesas, com que se procura dissimular, cohonstar mesmo qualquer animo hostil, é uma prova irrecusavel, de que os verdadeiros principios não são desconhecidos, e o que é mais — que elles ja imperam.

As paixões, comtudo, os excessos, os abusos, não sei por que lei insondavel da Providencia, são de todos os seculos, de todos os tempos, e de todas as cousas e logares. Robespierre e Danton subiram os degraus do cadafalso, foram guilhotinados; |e davam-se vivas á liberdade!

Luiz XVI teve a mesma sorte; |e o povo, ebrio de sangue, entoava hossanas á liberdade!

Vergniaud, esta alma grandiosa e pura, no meio do ambiente corrosivo da exaltação e do vicio, la foi amarrado ao cepo do

algoz; e o povo applaudia, |e a liberdade tinha conseguido um triumpho, dizia-se!

Demoliram-se os templos e os altares; |e era em nome da philosophia!

Não houve apodo e injuria, que a religião não soffresse; |e era tudo philosophia!

Proclamou-se a não existencia de Deus; |e era ainda em nome da philosophia!

Não foi so isto.

Alevantava-se um novo poder, compacto, e terrivel em seus intentos.

|Era ainda um espectro, phantasiando, nos seus sonhos de demonio, um futuro de delicias, d'aquellas que as furias do inferno soem saborear!

E depois |o espectro foi uma realidade! E a liberdade de consciencia, a tolerancia religiosa—o ser rico—|era tudo um crime!

A mulher ficava viuva, o filho orphão, o amigo isolado, |porque as chammas da fogueira tinham devorado o marido, o pai, o amigo!

O rico ficava proletario, |porque as fauces da hydra engoliam tudo, ouro e sangue!

E |era tudo em honra, dizia-se, dos venerandos nomes da religião, de Deus!

Tudo isto, que ahi fica dito, se practiou. Onde, quando, e por quem, |que nos importa? |Não é verdade, que o abuso é, desgraçadamente, de todos os tempos, de todos os logares, de todas as coisas?

Quando porém esses excessos eram, por assim dizer, a lei da sociedade, um accordo entre a philosophia e a religião, entre a *familia* e o *padre* era impossivel. Ou antes—a influencia do *padre* na *familia*, 'num estado social, assim constituido, não podia deixar de ser um mal, antes que um bem.

|Vêde agora! O fanatismo em philosophia, em politica, em religião é sempre o mesmo fanatismo—|cego, rancoroso, alimentando-se de sangue e odios!

Felizmente, se uma ou outra vez estas enfermidades do espirito se manifestam, na pugna litteraria e scientifica, tendencias visiveis para um fanatismo *practico*, é inquestionavel, que as luctas pacificas e civilisadoras do raciocinio têm substituido o pugilato da injuria brutal e grosseira.

A accusação ao seculo 19, de J. de Maistre, de que o *seculo 18 ainda não acabou*, não é exacta em toda a sua extensão, se bem que póde aqui dizer-se com E. Pelletan: — *Dans la vie d'un peuple, le passé a toujours une part d'action sur le présent.*

Mas a lueta ainda existe, e os partidos definem-se e estremam-se.

O papista exaggerado J. de Maistre, o violento e desgraçadamente celebre Lamennais, a quem a critica aguda de Mircourt tam pouco indultou, Bautand, Lacordaire, etc., constituem esse partido, em que a philosophia é tratada com severidade injusta e immerecida. São os chamados, pela eschola adversaria, ultramontanos, reaccionistas, etc., etc.

A philosophia, em justo desforço, e como exercendo direito de represalias, entra no combate com animo, não menos partidario, e vai muitas vezes até á irreligião. E assim a philosophia, a liberdade e a religião continuam desunidas e em divorcio.

Não ha questão religiosa, que não esteja associada com uma questão politica mais ou menos; e aqui, bem o sabemos, são antes os rancores politicos, que se gladiam. Philosophia, religião, liberdade são palavras sagradas, de que a politica odienta e interesseira lança mão para encubrir seus ruins intentos.

Por ultimo, antagonismo entre a philosophia e religião não póde, não deve existir; e se não ha sociedade, que não haja mistér d'um ensino espirital, é á união harmonica e fraternal d'estas duas potestades, que está reservada esta nobre e util missão. E, em verdade, o ministerio espirital, exercido somente pelo *padre*, far-nos-hia retrogradar á idade-media, teriamos os inconvenientes, talvez horrores da theocracia; entregue tambem so ao dominio da philosophia, teriamos os perigos do seculo 18.

É portanto necessario, que estes dois poderes docentes e civilisadores marchem unidos.

A religião não é apenas um sentimento; é um corpo de doutrina, uma instituição tambem. D'aqui o direito e a necessidade

de ensinar, de proclamar os seus principios, as suas virtudes. É a justificação da existencia do padre. *A familia e o padre*, — eis pois dois elementos necessarios na sociedade.

Mas quaes as condições, a que o sacerdocio deve estar sujeito, para que o *padre* não seja um inimigo da *familia*, como quer Michelet, mas seu amigo desinteressado e verdadeiro?

Vel-o-hemos no capitulo seguinte.

(Continúa)

EDUARDO J. COELHO.

## LAGRIMAS E FLORES

POR

J. PINTO RIBEIRO

(Continuado dos numeros 7 e 8)

III

As *Lgrimas e Flores* são uma collecção de trechos lyricos, onde o harmonioso do verso se casa com o vigoroso do pensamento; — onde o depurado da locução rivalisa com o admiravel das descripções.

A variedade de assumptos, que se observa 'naquellas poesias, dão a conhecer até á evidencia a fertilidade do estro do auctor. Dotado d'uma imaginação poetica em toda a extensão da palavra, Pinto Ribeiro passa, sem traír a naturalidade dos affectos, do melancholico ao jovial, do severo ao florido, das lagrimas ás flores, com tanta facilidade e successo, que espanta e arrebat. ¡Que differença entre a singelesa e brandura da poesia — *A uma rosa* — e a vehemencia e altivez da ode — *Veterano e Mendigo!* — ¡Que contraste entre o tom triste e doloroso da — *Saudade* — e as fórmias eroticas e voluptuosas do *Meu Carnaval!* Umaz vezes parecer-vos-ha, leitor, ouvir a voz potente de Lablache, outras o canto melodioso de Tamberlick.

Um dos vicios mais salientes das poesias d'alguns dos nossos vates era e é a monotonia, que 'nellas reina do primeiro ao ultimo verso; qual pinta-se sceptico, descrente e duvidando até de si proprio; qual se

lamenta victima do amor da beldade, que o despresa, e cujo invariavel retracto é sempre feito com alabastro, coral, marfim, ebanho... ¿que sei eu? As lyras em segunda mão eram desferidas incessantemente no mesmo tom; os seus sons não podiam em breve deixar de se tornar hibridos e dissonantes. Em Pinto Ribeiro não é assim; nos seus versos tambem se canta, é verdade, um amor desditoso, tambem se mostram angustias, tambem se derramam lagrimas, mas são lagrimas, que se tem a convicção de ter corrido pelas faces do poeta; as dos outros são lagrimas de carpideira, que elles inventam, para ter assumpto sobre que escrever algumas linhas rimadas. É que as flores de Pinto Ribeiro são de sua lavra, tinha-as colhido elle 'naquelle momento no seu jardim poetico, e conservam ainda todo o viço e aroma. O plagiato, que aborrece 'naquelles filhos espurios das musas, é substituido no nosso poeta por uma delicada originalidade.

¿E como não haviam as *Lagrimas e Flores* de transpirar entusiasmo, se ellas são as vozes d'um poeta, afastado da patria, da familia e dos amigos? ¿se as suas poesias são, pela maior parte, escriptas longe da terra, que lhe servira de berço, e juncto ás regiões, que inspiraram os cantos d'um Gonçalves Dias? A recordação da patria bem a deixou impressa Pinto Ribeiro nas quadras:

Triste o que da patria deixa  
O sancto e amado torrão,  
— Que sentiu de si 'ness'hora  
Desterrado o coração!

Que se lhe morre a alegria  
N'aridez d'estranho ceu:  
Triste! que perde uma loisa  
Na collina em que nasceu!

E essa mesma tristesa, que o poeta sentiu, ao deixar da patria o *santo e amado torrão*, foi a causa de se realçar mais o seu character poetico e de o podermos apreciar como convinha. Pinto Ribeiro nascera poeta, e ninguem ignora que é esta a senha que permite a entrada no congresso das nove irmãs; mas todo o fogo da sua alma ficaria sopito debaixo das delicias do far

niente, se não fosse insuflado pela pungente saudade da terra, onde se disfructaram os folguedos da infancia e as illusões da juventude. Os seus cantos não foram inspirados, como os da maior parte dos nossos vates, nem nos olmedos do Mondego, nem nas campinas do Minho, nem nas quebras de Cintra; foram inspirados sim nos morros e florestas do Rio de Janeiro, ao gorgueio melodioso do sabiá e á grata sombra da mangueira. As tradições da velha Europa trocou-as elle pela magestade natural do novo mundo; os encantadores panoramas da peninsula substituiu-os pelos espectaculos imponentes d'uma natureza robusta, semeados de graciosas chacaras, enriquecidos de formosas paizagens e realçados pelos restos das florestas virgens d'outro tempo. Foi passeando 'naquellas praias e casando os seus queixumes com o susurro das vagas que elle compoz os melhores de seus versos, exclamando como Camões:

Ó fugitivas ondas! esperai;  
Que pois me não levais em companhia,  
Ao menos estas lagrimas levai.  
Até que venha aquelle dia,  
Que eu va onde vós ides, livre e ledo.

Muito embora se extasiasse diante d'uma vegetação luxuriante como a dos tropicos, d'uma corte faustuosa como a capital brasileira; do que elle sem duvida se não olvidou em tempo algum foi das margens do nosso Douro, que se algumas vezes corre melancolico por entre escarpadas penedias, outras tambem se deslisa agradável pelas faldas das mais amenas collinas e encostas. A saudade da patria no coração do poeta não a diluem nem o tempo, nem a distancia, nem os revezes, nem os favores da fortuna; se não fosse assim, ¿como sairia tam perfeita a *Lua de Londres*?

Entre as poesias de Pinto Ribeiro avulta como principal o — *Dia*. Esta é uma obra das que saíram mais completas da imaginação do auctor, e que de per si so bastaria para lhe dar um logar distincto entre os poetas portuguezes d'esta geração, se uma composição unica d'esta ordem fosse sufficiente para julgar um poeta.

Alli não é o habil pincel d'um Rembrandt,

d'um Raphael, ou d'outro pintor celebre, destacando sobre a tela uma scena da natureza, com o mais perfeito colorido, e com uma elegancia e correccão de desenho inexcediveis; não é mesmo a machina de Daguerre, operando sobre uma lamina ou sobre um papel os seus prodigiosos effeitos: é a propria natureza, que se tem diante dos olhos. Lede com attenção toda aquella poesia, e dizei-nos depois se vos não sentis repentinamente transportado, 'numa formosa manhã de primavera, a uma d'aquellas iminencias, que o Creador dotou com um d'esses extensissimos panoramas, cujo unico limite é o oceano; dizei-nos se vos não parece estar vendo a hora poetica do nascer do sol, em que a natureza se atavia de galas e louçainhas, em que todos os objectos, desde o microscopico até ao colossal, se appresentam como querendo entoar um canto unisono em louvor de quem dispensou tantas bellas; lede, e dizei-nos se todas aquellas scenas não estão perfeitamente esboçadas, se aquelles termos não são todos selectos e expressivos, emfim, se escapou uma unica circumstancia ao olho perspicaz do observador da natureza.

Para mostrar que em nenhum dos nossos elogios vai exaggeração, quereríamos aqui reproduzir a poesia inteira; mas como isso seria improprio do lugar, contentar-nos-hemos com extrair o seguinte fragmento, que não é senão um specimen das bellas, que 'nella estão disseminadas em profusão:

Dia! riso dos ceus, mimo divino,  
 Quanto és bello ao nascer! apenas brilha  
 Teu primeiro diluculo nas serras,  
 A alma voa em mysticos anceios;  
 Por veigas de verdura rociosa  
 Folgam balando os alvos cordeirinhos;  
 Das collinas a flor seus beijos manda  
 N'asa subtil da sussurrante brisa  
 Ao manso lago onde a sorrir s'espelha;  
 O tomilho recende odor mais grato,  
 E a campina do ceu se alisa e abre  
 Ao canto do zagal, do monge ás preces,  
 E do bardo ás canções; ah! qual t'inflammas,  
 Quando a noite, fruindo teus amplexos,  
 Em teu mimoso collo christallino  
 Estampa o derradeiro, humido beijo!

O poeta prosegue assim sempre rico em

ideias, sempre grande nos conceitos, sempre fecundo nas imagens.

Demos agora logar a uma outra composição poetica de subido merito. O pequeno romance *Elvira*, apesar de ter um assumpto quasi analogo a um poema bem conhecido de Castilho, tem comtudo um tal cunho d'originalidade, que não deixa a minina suspeita de que Pinto Ribeiro pedisse emprestada uma unica phrase, um unico pensamento ao cantor dos *Ciumes do Bardo*.

A traça do romance é engenhosa e bem conduzida. A respeito da protognista, um d'esses typos de belleza ideal, que a mente do poeta é tam amiga de reproduzir, embora esboçados pela millionesima vez, sentimos sensações bem oppostas; nós, que ao principio nos interessavamos por ella, e que até a desculpavamos de não poder corresponder ao amor de Alonso, o trovador, odiamol-a logo que busca Alvarado, personificação do crime, e lhe compra com o ouro a vida do que a adorava. Com Alonso chorámos todos os seus infortunios, compadecemos-nos dos ciumes que o ralam, e não nos admiramos que elle, descobrindo a traição premeditada por Elvira, corra enfurecido, como o toiro debaixo da garrocha, e assassine o idolo de seus cultos, aquella a quem enviava da solidão tam mimosas trovas.

O poemeto, que é sempre bello, é por vezes sublime. Os quadros que antecedem alguns dos capitulos; o dialogo entre Elvira e Alonso; a descida da amante de Bivar ao carcere, em que jazia o terrivel Alvarado, e todo o capitulo 3.º são verdadeiros rasgos de poesia, em que o genio do auctor se eleva muito alto e hombreia com aquelles em cuja frente brilha ja a tiara de sacerdotes d'Apolo. A cadencia do verso é aqui uma coisa, que encanta e extasia; parece que o poeta, livre dos caprichos da rima, caminha tam sem constrangimento, tam sem affectação, tam numeroso, que não acha o ouvido coisa, que o não recreie.

(Continúa)

## O HOMEM E OS VEGETAES

(Continuado do numero 7)

## II

O homem pela sua influencia modificadora procura substituir as plantas uteis ás que lhe são inuteis ou prejudiciaes, facilitando o desenvolvimento de generalisação d'umas e a extincção e desaparecimento d'outras.

Falámos até aqui das modificações relativas á vegetação florestal. Agora examinemos por que meios o homem voluntaria ou involuntariamente concorre para a diffusão de muitas especies.

Transportando os vegetaes ou as suas sementes para regiões distantes d'aquella, d'onde são originarios, altera consideravelmente a flora primitiva dos diversos paizes. Quando abandona a patria, para ir viver em terras estranhas e remotas, quer ahí occupar-se com os mesmos processos agricolas, que aprendêra desde a infancia, quer usar dos alimentos a que por muito tempo se havia habituado, quer ter emfim nas plantas, que leva comsigo, uma saudosa memoria, cuja vista lhe ajude a reconstituir na mente o aspecto querido do paiz, em que nascêra.

É assim que os escravos negros, desgraçadas victimas da ambição dos seus semelhantes, conduzidos para as colonias do novo mundo, transportam para a America vegetaes proprios da Africa, e a cuja cultura estavam costumados. Foi d'este modo tambem que os nossos antepassados levaram para aquelle continente e para as outras terras, que conquistaram, as plantas, cultivadas na peninsula, conduzindo outras em troca, que então eram desconhecidas, e que depois se tornaram vulgares. Succedeu assim com a lorangeira trazida da China, a *nicotiana tabacum* da America e os melões da Africa. O *solanum tuberosum* (batata), cujos tuberculos constituem hoje um dos alimentos mais baratos e saborosos, foi, segundo dizem, descoberto na America e transportado para a Europa pelo almirante Walter Raleigh.

Os exercitos, que se afastam para regiões

distantes, são tambem um meio de transporte. As expedições de Alexandre, dos romanos, dos cruzados e de Napoleão diffundiram pelas terras conquistadas as plantas e os processos agricolas pertencentes ás patrias dos conquistadores. Em fim os governos, que se interessam pelo desenvolvimento e progresso da agricultura, e mesmo os agricultores ricos e esclarecidos promovem a naturalisação de grande numero de vegetaes exóticos, mandando-os vir de remotos climas.

Muitas vezes o homem, involuntariamente, e sem o pensar, favorece a aclimação d'algumas especies. Uma boa parte das hervas nocivas, que nos nossos prados e searas nascem, crescem e se desenvolvem junctamente com os cereaes, foi com elles transportada da Asia ou da Africa.

Pouco depois, que os inglezes estabeleceram a criação dos gados na Nova Inglaterra, houve quem contasse vinte e duas especies, que até então não existiam naquelle paiz. A ortiga foi a primeira, que deu na vista; e os indios designaram o *plantago* (genero a que pertencem as *diabelhas*) com o nome de pe d'inglez, porque parecia brotar debaixo dos pes dos inglezes. A ortiga e o *chenopodium* têm seguido por toda a parte os passos dos europeus.

Muitas especies exóticas semeadas ou plantadas nos jardins botanicos espalham-se depois pelos terrenos proximos. Linneu refere, que o *erigeron*, trazida do Canadá para o jardim de Paris, propagou-se no espaço d'um seculo por tal modo, que se encontrava na França, nas Ilhas Britanicas e na Allemanha (a). O *oxalis cernua* transportada para o jardim botanico de Coimbra espalhou-se depois pelos campos d'esta cidade, onde hoje é vulgar.

Algumas sementes, pegando-se facilmente aos objectos, com que estão em contacto, são com elles transportadas. As mercadorias conduzidas nos navios e os proprios vestidos do homem servem de vehiculos. De Candolle cita um facto curioso observado em Montpellier. Perto d'esta ci-

(a) Bosc attribue a generalisação d'esta planta na Europa ás pelles de castor importadas da America, que traziam os germens adherentes.

dade ha um prado, onde se enchugam lans estrangeiras. Quasi todos os annos apparecem alli plantas exoticas naturalizadas. Os lastros dos navios são tambem frequentes vezes vehiculos de sementes vegetaes. Muitas plantas, que se encontram nas proximidades dos portos maritimos foram assim transportadas.

Por tudo, que deixamos dito, por todas as considerações, que havemos feito, por todos os factos, que temos referido, ve-se qual é a importancia da influencia modificadora da especie humana na geographia botanica ou na distribuição dos vegetaes na superficie da terra. Mas, alem de assim modificar as floras dos diversos paizes, o homem altera ainda consideravelmente a natureza individual de muitos vegetaes. Conforme os fins, a que os destina assim promove o maior desenvolvimento d'umas partes e a atrophia d'outras, assim lhes modifica o aspecto, a organização e as qualidades. Algumas plantas cultivadas differem tanto dos typos primitivos, que se não sabe hoje que especies lhes correspondem no estado selvagem; e outras, cujas congeneres n'aquelle estado ainda são conhecidas, mudaram a ponto de parecerem especies completamente differentes. Tal foi a alteração, que a influencia continuada da cultura nos jardins e nos campos produziu.

Os vegetaes estão pois sujeitos ao dominio do homem; e se succede o mesmo com os outros reinos da natureza, se n'elles tem um poder igual, uma influencia tam grande e manifesta, não deve attribuir-se ao arrojado do orgulho ou á demencia da vaidade haver-se chamado a si mesmo *rei da criação*.

A. Philippe Simões

### O AUCTOR E SEUS ESCRIPTOS

Se quizerdes conhecer quanto é grande o amor paternal, avaliar a intensidade d'este affecto, comprehender esse mysterioso sentimento, — entregai á imprensa um escripto vosso qualquer.

Ha uma analogia tam intima entre as sensações, que o pai e o auctor experimen-

tam, que por umas se podem apreciar as outras. As impressões, que aquelle sente, reproduzem-se fielmente neste.

Assim, ainda apenas na mente do auctor se têm agglomerado as ideas, formando uma empresa talvez abortiva, ainda o embryão intellectual jaz incarnado no pensamento do escriptor, ja o seu coração pulsa com tanta vehemencia, como o do pai ao ouvir os primeiros vagidos do infante recém-nascido.

Mas se esse ainda ha pouco embryão adquire formas mais perfectas, o *typo da especie*, e chega a ver a luz do dia, então este affecto se eleva ao seu maior auge, e muitas vezes se torna tam vehemente, que elle é o idolo do coração do escriptor, o foco onde vão concentrar-se todas as suas affeições!..

É certamente nas horas silenciosas da noite, quando seguro de que ninguem observa as scenas intimas do seu gabinete, que elle se entrega aos transportes, a que este sentimento o impelle. Então, se podessemos entrar alli, vel-o-hiamos curvado sobre uma mesa, olhando extatico para os seus escriptos. ¡Oh! quantas vezes apos essa profunda contemplação um sorriso se lhe deslisou nos labios!..

E se podessemos penetrar nos arcanos do seu coração, no intimo do pensamento, quantas ideas, quantas illusões não veriamos traduzidas n'aquelle sorriso?!..

Nestes momentos o auctor umas vezes julga ver nas suas produções as melodias de Beranger, as sublimes inspirações de Lamartine, ou os brilhantes pensamentos de Goethe: outras, como para lhe fazer desvanecer as illusões, que a sua imaginação, nos paroximos do delirio lhe offerecera, e opprimir o coração, que ainda ha pouco exultava de alegria, — os seus escriptos se lhe representam tam disformes e hidiondos, que chega a attentar contra a sua existencia.

É terrivel muitas vezes a lucta, que se trava entre a imaginação e a consciencia; aquella, nos seus devaneios febris, procura eleva-los ao apogeo da litteratura; esta, na rapidez dos seus juizos, na severidade dos seus ditames, os desatavia de todas as